

Jung e a Mediunidade

1ª Edição
Do 1º ao 5º milheiro

Criação da capa: Objectiva Comunicação e Marketing
Direção de Arte: Edson Rosa

Copyright ©2004 by
Fundação Lar Harmonia
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador, Bahia, Brasil
livros@larharmonia.org.br
www.larharmonia.org.br
fone-fax: (71) 286-7796

Impresso no Brasil

ISBN: 85-86492-14-0

Todo o produto desta obra é destinado à manutenção das
obras da Fundação Lar Harmonia.

Djalma Argollo

Jung e a Mediunidade



FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
CNPJ /MF 00.405.171/0001-09
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
2004

Argollo, Djalma Motta
Jung e a mediunidade – Salvador: Fundação
Lar Harmonia, 06/2004.

192 p.

1. Espiritismo. I. Argollo, Djalma Motta,
1940. – II. Título.

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo: 133.9

Homenagens:

Ao Dr. Carl Gustav Jung:

Uma vida dedicada a compreender a psiquê, para ajudar o ser humano compreender-se e realizar sua individuação.

Ao Prof. Hippoyte-Léon Denizard Rivaille:

Que, sob o pseudônimo de Allan Kardec, se dedicou a desvendar os mistérios da alma e seu destino.

Índice

Prefácio	9
Introdução	13
Esboço Biográfico de C. G. Jung	24
Paranormalidade na Família de Jung	29
Fenômenos Paranormais na Infância de Jung	32
Contacto com os Estudos Espíritos e Metapsíquicos	37
Experiências Mediúnicas	42
Introdução	42
Descrição de Héléne	45
À Médiun Héléne	46
Descrição das Sessões com Héléne	49
Análise de Jung dos Fenômenos Produzidos Através de Héléne	53
Outros Fenômenos Paranormais na Vida de Jung	62
Sensitividade e Capacidade Intuitiva de Jung	62
Uma Experiência de <i>Assombração</i>	64
Mediunidade de Vidência	74
Mediunidade Auditiva	80
Fenômenos de Efeitos Físicos	82
Psicometria	87

Experiência de Quase Morte	93
Estado Alterado de Consciência e Visões	103
Pressentimentos	109
Pressentimento e Visões Premonitórias da Primeira Grande Guerra	111
Sonhos Premonitórios e Telepáticos	113
Desdobramento Mediúnico	118
A Teoria da Sincronicidade	120
Conceitos de Jung sobre a Alma e o Espírito	130
Concepção de Jung Sobre a Vida Após a Morte	136
Jung e a Reencarnação	156
O Inconsciente e a Imortalidade da Alma	167
Conclusão	180
Fontes Bibliográficas	183

Prefácio

Obra e a vida de um pensador estão intimamente vinculadas. A vida e a obra de Carl Gustav Jung (1875-1961) é um manancial inesgotável sobre a alma humana que tem atraído muitos estudiosos interessados em trilhar as vastas possibilidades de conhecimento inauguradas por ele, o que permite que seja revisitado por diferentes abordagens sem perder seu caráter continente de um saber iniciático. As pesquisas sobre o inconsciente com pacientes psiquiátricos, foram as bases experimentais de sua teoria sobre o psiquismo humano. Ao analisar as visões e delírios dos pacientes Jung estabeleceu o conceito de arquétipo, revelando os alicerces coletivos da alma, conceito depois confirmado pelo estudo com povos primitivos nas várias viagens que realizou. Tinha o método de fundamentar suas teorias em dados observáveis dos experimentos realizados e das pesquisas em história, biologia, filosofia, religiões e mitologias. Este livro se dedica a abordar a vida Jung a partir de um olhar espírita, percorrendo sobre os inúmeros fenômenos “ocultos” vividos por ele, e suas influências sobre sua vida pessoal, sua visão de mundo e sua produção cultural.

Adentrar na teoria de Jung e percorrer os caminhos indicados por ele para conhecer a alma humana é uma profunda jornada ao encontro do sagrado em si mesmo. Além disso, é inevitável a sensação de ser tomado por grande curiosidade e/ou admiração sobre a pessoa do autor. Tal fato parece estar relacionado ao caráter vivencial que impregna toda a sua obra. Conhecer suas idéias sobre os conteúdos e a dinâmica do psiquismo é ser convidado a participar conscientemente da própria individuação. Não é possível mergulhar na obra de Jung sem ser provocado a rever crenças profundas sobre a vida, a religião e o mundo em que vivemos, despertando-nos a atender ao chamado do Self em direção à realização da própria totalidade. A Psicologia Analítica, revelando os arquétipos estruturantes da psiquê (persona, sombra, anima ou animus e self), debruçando-se sobre os sonhos como produções simbólicas do inconsciente, clareando o entendimento sobre os complexos, penetrando no entendimento sobre os comportamentos por suas tipologias, apresentando uma visão criativa da alma e os conteúdos sagrados do ser, introduziu a noção de alma na Psicologia, sendo Jung considerado um precursor das modernas abordagens psicológicas.

Sabe-se que, como pessoa, Jung foi uma figura querida, amigável, bem-humorada, uma personalidade vigorosa e marcante, capaz de atrair sempre as atenções onde quer que chegasse pela sabedoria de sua fala e proximidade de contato que se permitia. Exemplificou com a própria vida a dignidade das idéias defendidas. O contato com os fenômenos mediúnicos deu-se desde cedo e seus questionamentos sobre Deus o acompanharam desde os primeiros anos de infância. Toda a sua existência foi permeada por temas transcendentais, orientando-o sempre para a busca do verdadeiro sentido da vida e a missão de propor um modelo teórico capaz de penetrar e desvendar a estrutura da psiquê.

Neste livro Djalma Argollo nos aproxima um pouco mais de Jung em seus aspectos humanos. Através de uma rica

pesquisa bibliográfica, acrescida da fundamentação da Doutrina Espírita sobre mediunidade, o autor nos oferece com uma clareza precisa os dados que permitem ampliar as discussões sobre a capacidade mediúnica de Carl Gustav Jung e sua visão sobre espiritualidade, espíritos, vida após a morte e comunicação com os espíritos. Mostra-nos como ocorreu o seu contínuo contato com o espiritual e as conseqüências de tais experiências, tanto na sua vida pessoal quanto no destaque que deu à religiosidade como uma função natural da Psiquê. Conhecendo a complexidade de suas experiências e a relação destas com o seu processo criativo somos conduzidos pelo autor a compreender melhor o homem real, não o mito, aquele que fez da própria vida o laboratório para fundamentar o que escrevia. Jung desceu à “noite escura da alma” e saiu de lá para descrevê-la para nós, deixando em sua obra um roteiro profundo sobre como lidar com os conteúdos inconscientes a serviço da transcendência.

Esta obra vem estimular as discussões em um campo que vem encontrando cada vez mais adeptos: a aproximação entre o psíquico e o espiritual, a importância de considerar o espírito para um melhor entendimento sobre a psiquê, as possibilidades de contribuições mútuas entre o Espiritismo e a Psicologia. Utilizando-se de uma análise detalhada dos fenômenos mediúnicos vivenciados por Jung e fundamentando suas explicações partir do profundo conhecimento do Espiritismo, Djalma nos traz uma importante contribuição que deve interessar a todos aqueles que, como ele, se colocam como amantes do saber e dispostos a rever suas habituais concepções em nome de uma compreensão maior sobre a Vida.

*Sílzen Furtado**

(*) Graduada em Psicologia (UFBA - 1995), Pós graduada em Psicologia Analítica, Formada em Terapia Regressiva Integral, mestranda em Ciências da Família (UCSal). Atua como psicóloga clínica desde 1995, e ministra aulas de Psicologia Analítica.

Introdução

Em meados do século XVIII e inícios do século XIX, surgiram as experiências com fenômenos do *magnetismo biológico* com Franz Anton Mesmer (1734-1815) em Viena, ao tempo em que os fenômenos *mediúnicos* chamavam a atenção das classes dotas com as obras de Emmanuel Swedenborg (1688-1782), as publicações de Justinus Kerner (1786-1862)¹ sobre a médium e sonâmbula Frederika Hauffe (1801-1829), e outras pesquisas em torno do magnetismo animal e possessões². Esses fenômenos, que podem ser rastreados na história da humanidade, entre todos os povos e classes sociais, venceram pouco a pouco as barreiras do ceticismo da maioria dos homens de ciência, saindo de sob o rótulo de superstição pura e simples para se tornarem objeto de estudo, análise e experimentação.

Pelo mesmo período, as patologias mentais começaram a ser objeto de estudos acurados, surgindo novas hipóteses

¹ Die Seherin von Prevorst (1829).

² Kerner era altamente reputado. O Rei Ludwig da Bavária, em 1848, e o Rei de Württemberg, em 1858, lhe deram pensões, enquanto o Rei Frederick William IV, da Prússia, expressou sua admiração em 1848 concedendo-lhe a medalha de ouro de arte e ciência. O Rei Ludwig concedeu-lhe o título de primeiro cavaleiro da então instituída Ordem de Ciência e Arte. Suas obras foram tidas em alta conta pela intelectualidade alemã do século XIX.

sobre suas causas e métodos terapêuticos. Os fenômenos magnéticos e mediúnicos, além de suas óbvias conseqüências nos campos filosófico e religioso, ressaltaram a existência de comportamentos, idéias e ações fora do campo da consciência humana. Apesar dos seres humanos viverem, desde todo o sempre, sob a ação dos conteúdos inconscientes do psiquismo, somente a partir do momento em que esses conteúdos foram postos em evidência pelos fenômenos *paranormais* foi que se transformaram em objeto de pesquisa e estudos sistemáticos de filósofos e médicos, possibilitando a criação de um conjunto de métodos e técnicas para estudo de suas influências nas patologias de origem psíquica, e a elaboração de ações terapêuticas com o objetivo de conseguir o retorno à normalidade admitida pela sociedade.

Não foi sem motivo que os chamados filósofos metafísicos, como Schopenhauer³ (*vontade*), Schelling⁴ (*o absoluto*) e Hegel⁵ (*a idéia*), idealizaram a natureza como resultado do desenvolvimento de um princípio do qual não temos consciência, portanto um *princípio inconsciente*. Eles, como seus conterrâneos de uma forma geral, viveram justamente durante o período de eclosão do magnetismo e do mediunismo e, de uma maneira ou de outra, foram influenciados pelo *frisson* que causaram. Discussões contra e a favor eram acerbadas e apaixonadas, obrigando a uma tomada de posição ou, no melhor dos casos, à busca de soluções engenhosas que explicassem a imensa gama fenomenológica que se apresentava.

No bojo do fervilhar da discussão sobre o sonambulismo, as curas magnéticas, e as *comunicações com os mortos*, foi que Carl Gustav Carus (1789-1869) lançou seus estudos

³ (1788-1860).

⁴ (1775-1854).

⁵ (1770-1831).

sobre o *inconsciente* em *Vorlesungen über Psychologie* (1831)⁶ e *Psyché* (1846)⁷, cujos conceitos e classificações dos conteúdos inconscientes da mente formam a base da Psicologia Profunda, nascida no final do século XIX, hoje em pleno desenvolvimento. Embora os estudos de Carus sejam anteriores aos fenômenos de Hydesville, ele viveu os debates suscitados pelos estudos do seu colega de medicina Justinus Kerner, e pelas visões de Swedenborg. Carus foi, em filosofia, um caudatário de Schopenhauer e Schelling. Seguiu-se-lhe Edward von Hartmann (1842-1906), que estudou e contribuiu para elucidar algumas questões sobre os mecanismos e leis que regem os processos inconscientes da mente.

Criador da Psicologia Analítica, Carl Gustav Jung foi bastante influenciado pelos *fenômenos do espiritismo*, como ele os denomina em algumas ocasiões, pois não só os conheceu através da literatura especializada ou pelos relatos de pacientes, mas os vivenciou em sua casa e em sua própria vida, chegando mesmo a conduzir reuniões mediúnicas com uma parenta médium, cujas anotações, devidamente analisadas, fazem parte de sua tese de graduação em medicina. Em 1902, ele afirmou que os estudos dos fenômenos mediúnicos com sua prima Hélène Preiswerk lhe revelaram a existência do inconsciente. Inclusive, reconheceu que as discussões sobre o inconsciente começam com o mesmerismo e o mediunismo:

Não podemos relegar a discussão sobre o inconsciente exclusivamente ao âmbito da psicologia analítica. Podemos ver seus começos em todo o mundo civilizado logo depois da Revolução Francesa, iniciando-se com MESMER. É verdade que naquela época não se falava do inconsciente mas sim do “magnetismo animal” que, aliás, não passa de uma redescoberta do primitivo conceito de força e matéria psíquicas do inconsciente, e isto pela reativação da capacidade de imaginação pri-

⁶ Curso de Psicologia.

⁷ Psiquê.

mitiva, existente em potencial. Enquanto o magnetismo animal se difundia pouco a pouco em todo mundo ocidental como epidemia de “fazer a mesa girar”, o que equivale à revivescência de uma crença fetichista – animação de um objeto inanimado – ROBERT MAYER elevava o primitivo conceito dinâmico ao conceito científico da energética! Como descreve o próprio ROBERT MAYER, também a ele o conceito primitivo se havia imposto compulsoriamente a partir do inconsciente, como uma inspiração. No entretanto, o hábito de fazer a mesa girar acabou libertando-se de seus primórdios e alcançava o nível do espiritismo da moderna crença nos espíritos, um renascimento das religiões xamanistas de nossos antepassados. Este desenvolvimento de conteúdos reativados do inconsciente, que ainda persiste, levou nos últimos decênios a uma prodigiosa expansão de níveis subseqüentes de desenvolvimento, isto é, a sistemas gnósticos ecléticos, à teosofia e antroposofia e, ao mesmo tempo, aos primórdios da psicologia analítica que tem sua origem na psicopatologia francesa, especialmente da escola dos hipnotistas, e procura averiguar cientificamente os fenômenos do inconsciente: os mesmos fenômenos que se tomam acessíveis à índole ingênua de seitas teosófico gnósticas sob a forma de mistérios (Jung, 1993, par. 21).

O iniciador da Psicologia Profunda, Sigmund Freud (1856-1939), teimou em se manter afastado dos *fenômenos do ocultismo*, durante quase toda sua existência, sob o duvidoso argumento de que isto poderia prejudicar o desenvolvimento da *Psicanálise*, todavia, em 1921 escreveu um ensaio sobre a telepatia, que não publicou por pressão de Ernest Jones, mas que veio a ser impresso após sua morte. Ainda nesse ano, Hereward Carrington pediu a Freud para escreverem, juntos, uma publicação sobre Parapsicologia. O convite foi recusado, todavia o psicanalista comentou, em carta ao pesquisador paranormal: *Se fosse viver novamente minha vida, eu me dedicaria à pesquisa psíquica, em vez de à psicanálise* (Byron, 1998, p. 66).

Jung, ao contrário, sempre se manteve fiel à verdade científica de que nenhum fenômeno envolvendo a mente hu-

mana pode ser desprezado por um investigador digno desse nome, pelo simples motivo de fazer parte do objeto de estudo da *ciência* psicológica que se procura construir, desde a fundação do primeiro laboratório de psicologia em 1879 por Wilhelm Max Wundt (1832-1920). Com a mente mais aberta e arrojada do que Freud, Jung não se furtou a revelar suas experiências pessoais, e tentar explicar o mecanismo dos fenômenos com uma teoria que denominou de *sincronicidade*, a qual está longe de dar uma explicação satisfatória, mesmo a um grupo restrito de *fenômenos paranormais*, mas foge ao simplismo inadequado das explicações correntes nos campos da Psicologia.

Durante muito tempo os estudos de Jung, de um modo geral, e sobre os fenômenos mediúnicos em particular, ficaram restritos a um círculo de profissionais da psiquiatria e da psicologia, e de pessoas cultas, por causa da erudição e linguagem em que foram elaborados. Mas o tempo, esse deus paciente e inexorável, terminou por conferir-lhes o merecido galardão, por motivos diversos, inclusive os que serão expostos a seguir.

Em 1953, o cientista americano John Rock apresentou ao mundo suas experiências sobre um eficaz método de concepção que ficou conhecido como *pílula anticoncepcional*, abrindo uma polêmica que agitou durante um longo período a sociedade Ocidental e, de certa forma, ainda não terminou. Gradualmente o revolucionário método se impôs, pela eficácia em evitar a gravidez e por liberar o prazer sexual de quaisquer preocupações ou medos. A pílula anticoncepcional foi um dos mais importantes fatores da revolução social desencadeada a partir dos anos 1960. Método simples e prático, libertou a mulher do medo constante de uma gravidez indesejada, reprimida pelos tabus e preconceitos ancestrais de uma sociedade machista, estruturada pelos rígidos cânones hebraico-cristãos. Graças a esse e outros métodos anticoncepcionais seguros, a mulher atual pode competir livremente

com o homem, em todos os setores da atividade social, ombreando com ele, tanto no trabalho quanto no prazer, conquistando o espaço que lhe foi surrupiado em passado longínquo, na divisão social de atividades, denominada por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) de *a grande derrota do sexo feminino*.

Em 1898, Freud, escreveu:

Tudo que bloqueia a satisfação é danoso. Mas, como se sabe, não possuímos no momento nenhum método de impedir a concepção que preencha cada requisito legítimo – isto é, que seja seguro e cômodo, que não diminua a sensação do prazer durante o coito e não fira as sensibilidades da mulher. Tal fato coloca para os médicos uma tarefa prática para cuja solução eles podiam dobrar suas energias com resultados compensadores. Quem preencher essa lacuna em nossa técnica terá preservado o prazer da vida e mantido a saúde de inúmeras pessoas; embora, é verdade, tenha pavimentado a estrada para uma drástica mudança em nossas condições sociais (Freud, 1976, Vol. III, p. 304)⁸.

A clarividência do Pai da Psicanálise foi extraordinária, e a sociedade atual confirma o seu prognóstico.

Desde 1960 a humanidade passa por transformações profundas, criando um abismo entre a geração atual, a futura, e as gerações passadas, em todos os sentidos. Junto com a liberação sexual, o avanço tecnológico proporcionou a diminuição da intensidade da aplicação do homem ao trabalho cotidiano, libertando a mente da concentração obrigatória no ato laborioso. Igualmente, as conquistas da classe operária trouxeram – dentre outras coisas – aumento do lazer, pela diminuição das horas de trabalho: férias de trinta dias, descanso remunerado, direito a licenças de vários tipos, etc. Isto implicou em mais tempo para o ser humano ficar só, consigo

⁸ Destaque meu.

mesmo. O resultado foi uma epidemia de problemas psicológicos, caracterizados como *crises existenciais*, gerando uma corrida em busca de soluções. A psicologia desdobrou-se em inúmeras linhas, oficiais umas e oficiosas outras, que culminaram numa febril atividade editorial, com a produção de livros, revistas e artigos voltados para o objetivo de auxiliar o ser humano em suas angústias e frustrações dolorosas.

Mas os anos sessenta do século XX, por outro lado, testemunharam o surgimento e descoberta de novas e antigas propostas, tanto no campo da psicologia quanto do pensamento religioso. A conclamação de Freud e sua *Psicanálise* para que o sexo deixasse de ser um tabu, passando a ser tratado de forma normal, natural e aberta na convivência social, conseguiu expressivo avanço social, banindo a repressão vitoriana absurda de uma vez por todas. Todavia, os problemas psicológicos não encontraram a mesma solução, e permaneceram tão graves e difíceis quanto em 1893⁹. Foi então que a *Psicologia Analítica* ganhou popularidade, saindo do domínio dos círculos especializados.

Não é este trabalho oportuno para tratar das diferenças entre Psicanálise e Psicologia Analítica, a não ser em largos traços, o que acontecerá no seu decurso, e quando necessário. É de se notar que a ampliação do interesse pela teoria psicológica de Jung aconteceu com a discussão que se levantou em torno do seu livro *Resposta a Jó*, que recorda – de um certo modo – a corajosa posição de Nietzsche (1844-1900) quando proclamou a *morte de Deus*.

Respondendo ao sofrido judeu, vítima inocente de uma aposta esdrúxula entre Deus e o Diabo, Jung desmascara o Ihawhé veterotestamentário, expondo suas fraquezas e inconsistências, projeções psicológicas do ser humano no campo

⁹ Ano do lançamento da “Comunicação Preliminar”, de autoria de Freud e Breuer, que pode ser colocada como marco inicial do movimento psicanalítico.

da crença. Esse livro foi publicado em 1954, quando se desenvolviam os processos de mudanças socioculturais que atingiram o ápice na década seguinte. Eis o que a esse respeito diz um dos biógrafos do psiquiatra suíço:

Jung se tornou desde então o guru do mundo ocidental, um oráculo universal que se situa ao lado de Gandhi e de Albert Schweitzer. Mais do que qualquer um, ele foi provavelmente o responsável pelo intenso interesse pelo “ocultismo” – em matéria de paranormal e de religiões orientais – que se desenvolve pouco tempo depois de seu decesso em 1961 (Wilson, 1985, p. 10).

No ano de 1905, Carl Gustav Jung pronunciou uma conferência na cidade de Basiléia, à qual deu o título de: *Sobre Fenômenos Espíritas*. Ele a iniciou com a definição de Espiritismo:

O espiritismo (de spiritus = espírito) é uma teoria (seus defensores chamam-na “científica”) e também uma crença religiosa que, como toda crença religiosa, forma o cerne espiritual de um movimento religioso, de uma seita que acredita na intervenção real e palpável de um mundo espiritual em nosso mundo e, conseqüentemente, faz da comunicação com os espíritos uma prática religiosa. A dupla natureza do espiritismo lhe dá uma vantagem sobre os outros movimentos religiosos: ele acredita não só em certos artigos de fé, não suscetíveis de provas, mas baseia sua fé num complexo de fenômenos que são em última análise físicos e dizem respeito à ciência, mas que seriam de tal natureza que não podem ser explicados a não ser pela atuação dos espíritos. Esta peculiar natureza – por um lado seita religiosa, por outro lado hipótese científica – faz com que o espiritismo atinja as esferas mais diversas e aparentemente mais distantes da vida (Jung, 1998, par. 697).

Continuando, resumiu a história do Espiritismo: desde o episódio de Hydesville (31 de março de 1848), sublinhando como a época favoreceu a propagação dos fenômenos espíri-

tas, e como eles influenciaram filósofos como Immanuel Kant (1724-1804) e Arthur Schopenhauer (1788-1860). Abordou as experiências feitas por eminentes estudiosos alemães, como Justinus Kerner, Friedrich Zöllner (1834-1882) e O Barão A. von Schrenk-Notzing (1862-1929), dentre outros. Tratou de Franz Anton Mesmer, do magnetismo, e da antigüidade das *mesas falantes*. Em seguida, ressaltou a presciência e as profecias. Quanto à clarividência citou uma carta de Kant a Charlotte von Knobloch, onde é relatada a visão à distância que Emmanuel Swedenborg teve do incêndio de Estocolmo, em setembro de 1756. Discorreu, também sobre as visões de Paulo de Tarso ($\pm 10-64$) e as vozes de Joana D'Arc (1412-1431). Finalmente, abordou as experiências de Sir William Crookes (1832-1919) com o médium Daniel Dunglas Home (1833-1886) entre 1870 e 1873. Ao referir-se às mesas girantes citou, inclusive, a opinião de *Allan Kardec, em seu conhecido Livro dos Médiuns* (Jung, 1998, par. 730), sobre as comunicações recebidas por meio delas. Procurou explicar à sua platéia o fenômeno das mesas girantes, repetindo apenas a superada hipótese de que os *tremores inconscientes* das mãos dos participantes, seriam a causa da escolha das letras do alfabeto e/ou revelação de números pensados por alguém.

Desde essa época, portanto, Jung defendeu a realidade dos fenômenos paranormais, chegando, em algumas oportunidades, a colocar a imortalidade da alma como uma probabilidade, desafiando o preconceito inconseqüente de muitos quadros científicos da época. No auge de sua carreira, elaborou uma teoria para explicar determinada ordem de fenômenos paranormais: a *teoria da sincronicidade*, a qual se restringe a alguns fenômenos, aceitando que existem fatos *acausais*, isto é, que fogem à tradicional visão causalista dos naturais.

Jung deve ser equiparado ao seu contemporâneo Albert Einstein (1879-1955), pois seu sistema psicológico – à semelhança da Teoria da Relatividade –, possibilita notáveis des-

dobramentos e descobertas por parte dos estudiosos da psiquê, na atualidade.

Dado o crescente interesse pelas idéias originais e revolucionárias nos campos filosóficos e psicológicos, desse *gênio* contemporâneo, estudarei suas relações culturais, profissionais e existenciais com as faculdades paranormais, ao longo das páginas que se seguem.

Intelectual arrojado e honesto, Jung não se esquivou de procurar explicações para essa capacidade humana de perceber eventos que se situam além dos sentidos normais, e até de, conforme muitos acreditam, realizar o intercâmbio entre a dimensão dos *vivos* e dos *mortos*. É verdade que fez concessões aos preconceitos acadêmicos a esse respeito, mas teve a coragem de aceitar a paranormalidade como uma faculdade psíquica real, e não um embuste, ou meramente uma síndrome patológica como quiseram impingir Jean Martin Charcot (1825-1893), Theodore Flournoy (1854-1920), Pierre Janet (1859-1947), Alfred Binet (1857-1911) e outros representantes ilustres da miopia científica dos séculos XIX e XX, nesse caso particular.

Terei oportunidade de analisar seus avanços, retrocessos e/ou oscilações no que se refere à imortalidade da alma e sua comunicação conosco, mas não podemos esquecer que sua psicologia tem como objetivo fazer o Espírito humano desenvolver-se, no processo de individuação, desfazendo-se dos clichês coletivos impostos pela convivência social.

Pelo simples fato de não haver enterrado a cabeça na areia, como fizeram muitos estudiosos da psiquê humana, Jung se faz credor de admiração e respeito. Escrevi este livro para ressaltar a intimidade de Jung com os fenômenos mediúnicos e parapsicológicos, tanto no que se refere à sua atividade médica, quanto à sua vida particular e de seus familiares.

Como estudioso das idéias e teorias de Jung, vi-me motivado a expor de maneira sucinta, o que na vasta bibliografia do criador da Psicologia Complexa¹⁰ trata dos fenôme-

nos citados, principalmente as narrativas de episódios ocorridos em sua vida – que ele narrou com muita coragem e isenção –, como também as hipóteses que apresentou, e os raciocínios que teceu, a respeito do espírito e das crenças em torno dele.

É claro que minha admiração por Jung não me tira a imparcialidade na análise de seu pensamento e teorias. Posso, devo e faço críticas que considero válidas e pertinentes. Mas, não posso calar que encontro na Psicologia Analítica¹¹ uma poderosa ferramenta de auxílio ao ser humano em seu processo de crescimento espiritual – ou de individuação, no muito bem estruturado vocabulário junguiano.

Mergulhemos, pois, juntos, caro leitor, nessa fascinante aventura que é explorar os fatos paranormais da vida de Carl Gustav Jung e suas conclusões a respeito deles, no que concerne à Psicologia Profunda.

¹⁰ Psicologia Complexa e Psicologia Analítica são termos aplicados por Jung ao seu sistema psicológico.

¹¹ *Pode-se designar a psicologia inaugurada por ele (Freud) como uma psicologia analítica. Bleuler sugeriu o nome de “psicologia profunda”, a fim de indicar que a psicologia freudiana trata das regiões profundas, ou do interior da psique que também se designa pelo nome de inconsciente. O próprio Freud chamava o método de sua investigação de psicanálise. É este o nome pelo qual sua posição psicológica é geralmente conhecida* (Jung, 1981, Apêndice, p. 235).

Esboço Biográfico de C. G. Jung

Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswil, cantão da Turgóvia, uma pequena cidade Suíça, às margens do Lago Constança, acidente geográfico que serve de fronteira entre esse país e a Alemanha. Seu Pai, Johannes Paul Achilles Jung, era pastor protestante e sua mãe, cujo nome de solteira era Emilie Preiswerk é descrita como uma mulher de gênio difícil, autoritária e, o que realmente interessa a esse estudo, médium. Aliás, a mediunidade foi comum na sua família pelo lado materno, como veremos mais adiante. Seis meses após o nascimento do filho, mudaram-se para o presbitério do castelo de Laufen, perto da cidade de Basileia, na região das quedas do rio Reno, na sua margem Suíça. Quatro anos mais tarde, em 1879, uma nova mudança aconteceu: agora para Klein-Hüningen, próximo à Basileia. Ali, em 1884, nasceu Johanna Gertrud, irmã de Jung que veio a falecer em 1935.

Da mãe, ele guardava uma imagem terna, cheia de admiração:

Minha mãe foi extremamente boa para mim. Ela irradiava um grande calor animal: era corpulenta, extremamente simpática. Sabia ouvir e gostava de conversar, num alegre murmúrio de fonte. Tinha evidentes dons literários, bom gosto,

profundidade. Tais qualidades, entretanto, não se manifestavam exteriormente; permaneciam ocultas numa velha senhora gorda, muito hospitaleira, que cozinhava muito bem e tinha muito senso de humor (Jung, 1997, p. 54).

O pai de Jung permaneceu em suas lembranças como um homem bom, embora de personalidade fraca, sem grandes ambições na vida, um Pastor sem fé no que pregava, o que lhe causava terríveis conflitos íntimos. Na adolescência de Jung, pai e filho tinham muitas e acerbadas discussões. Com a morte do pai, Jung, já na universidade, assumiu o posto de chefe de família. Ele narra que a *personalidade número 2* (provável interferência mediúcnica) de sua mãe lhe disse algum tempo depois: “*Ele desapareceu na hora certa para você*”; isto parecia significar: “*Vocês não se compreendiam e ele poderia ser um obstáculo para você*” (Jung, 1997, p. 92). Por aí se pode perceber o clima emocional atribulado naquela família.

Jung foi, durante a infância, perturbado por conflitos, ansiedades e temores. Os pesadelos eram freqüentes e, também, sofreu inúmeros acidentes, que atribuiu em suas *memórias* a um desejo inconsciente de suicídio.

As crises de *dupla personalidade* que o assaltavam desde a mais remota infância, batizadas como *personalidade 1 e personalidade 2*, podem ter como origem a intromissão de lembranças de vidas pretéritas, como sua autobiografia leva a suspeitar, ou a um processo obsessivo com origem em mentes espirituais em desequilíbrio, conforme os ensinamentos espíritas.

Até sua juventude, o cotidiano de Jung caracterizou-se também por grave crise religiosa, fruto de problemas que devia trazer no inconsciente, aguçados, ou até mesmo estimulados, pela atitude paradoxal de seu pai ser um Pastor sem fé, o que naturalmente o levava a viver um insolúvel dilema existencial. Suas fantasias e sonhos denunciavam esses conflitos.

Aos onze anos, em 1886, ingressou no Liceu de Basileia, onde realizou seus estudos preparatórios, o que denomi-

namos de primeiro e segundo graus. Desde muito cedo, Jung apresentou intensa curiosidade intelectual, transformando-se num leitor assíduo e de múltiplos interesses, o que lhe proporcionou acumular vasto cabedal de informações, as quais se demonstraram de grande valia em seu trabalho posterior.

Sua vida de colegial foi marcada por atritos com colegas e professores, sendo que estes últimos não conseguiam reconhecer-lhe a genialidade precoce, atribuindo suas dissertações bem elaboradas a plágios ou cópias, o que muito o amargurava.

Quando teve de se definir por uma carreira de nível superior, Jung se dividiu entre a arqueologia e as ciências naturais. Terminou por escolher a medicina, curso que iniciou em 18 de abril de 1895. Ainda nesse ano, fazendo parte da confraria estudantil Zofingia – à qual seu pai pertencera na época de estudante – sobressaía pelas exposições e debates sobre as idéias de Mesmer, Swedenborg, Lombroso (1835-1909) e Schopenhauer. Apontava as falhas da filosofia materialista e defendia o estudo científico dos então chamados “fenômenos psíquicos”. No ano seguinte à sua entrada na universidade, faleceu-lhe o pai.

Entre 1896 e 1899, proferiu cinco palestras na Fraternidade Zofingia, sendo a primeira sobre os *fenômenos do espiritismo*, como será detalhado mais adiante. E, entre 1898 e 1900 participou de reuniões mediúnicas com familiares, tendo como médium sua prima de 15 anos Hélène Preiswerk.

Em 1900, depois da leitura do Manual de Psiquiatria de Kräft-Ebing, decidiu-se pela especialização nessa área. No mês de dezembro do mesmo ano, assumiu o lugar de assistente no hospital de Burghölzli, em Zurique. Nesse ano cumpriu, também, seu primeiro período de serviço militar. Em 1902 publicou sua tese de doutorado: “Sobre a Psicologia e Patologia dos Fenômenos Chamados Ocultos”.

No Hospital Psiquiátrico do Cantão de Zurique, entre 1902 e 1906, desenvolveu com alunos e colegas estudos so-

bre *associação de idéias*, independentemente das construções teóricas de Freud a esse respeito, provando cientificamente sua validade para a descoberta dos complexos – termo que criou – da psiquê. Estes estudos lhe valeram um convite para apresentá-los na Clark University, nos Estados Unidos, em 1909, onde foi agraciado com o título de doutor *honoris causa*. No período em que trabalhou naquele hospital, Jung desenvolveu notáveis estudos em torno da esquizofrenia, principalmente no que diz respeito às *personalidades múltiplas*, que os psicanalistas negaram por muito tempo, e que acabaram sendo reconhecidas como uma realidade, e não criações enganadoras de pacientes *mitômanos*.

Em 14 de fevereiro de 1903 Jung casou-se com Emma Rauschenbach, com quem veio a ter cinco filhos. Nesse mesmo ano, relendo a *Interpretação dos Sonhos*, de Freud – lido por ele três anos antes sem maiores conseqüências – verificou afinidade entre idéias desse autor e suas, passando a divulgá-lo e defendê-lo no meio universitário onde, então, era considerado *persona non grata*.

Em 1906, enviou a Freud seu livro com as experiências e conclusões em torno da associação de idéias, iniciando-se aí uma correspondência entre os dois. Em 1907, a convite de Freud, foi a casa deste, nascendo aí uma amizade e colaboração que duraram até o rompimento definitivo em 1913, com o aprofundamento de divergências teóricas inconciliáveis.

Carl Gustav Jung desenvolveu o conceito de *inconsciente*, desdobrando-o em *inconsciente pessoal* e *inconsciente coletivo*, a partir de suas experiências e observações. Descobriu e estudou os *arquétipos do inconsciente coletivo*, material que verificou ser comum aos seres humanos, e que se manifestam através de recursos simbólicos nos mitos e nas figuras míticas de todos os povos. Suas contribuições à compreensão do psiquismo ainda estão sendo desdobradas por psicólogos atuais, graças a proficuidade dos conceitos que ela-


borou ao longo de sua vida de estudioso pertinaz da alma humana. Um fato importante foi o ter quebrado a rigidez e frieza da relação médico-paciente comum na psicanálise, substituindo-a por uma inter-relação dinâmica e compartilhada, pois ambos se envolvem num processo que não é apenas de “cura” de um – o paciente – mas de desenvolvimento de valores profundos e fundamentais de ambos.

Dentre seus estudos estão aqueles em torno dos *fenômenos parapsicológicos*, ou mediúnicos, para os quais buscou elaborar uma teoria, a da *sincronicidade*, em parceria com o cientista e Prêmio Nobel de física Wolfgang Pauli (1900-1958), utilizando-se do *princípio de indeterminação ou incerteza*¹³ de Werner Heisenberg (1901-1976).

Depois de toda uma vida dedicada à descoberta de meios e modos de trazer mais alegria e plenitude ao ser humano, Carl Gustav Jung faleceu no dia 6 de junho de 1961, em Küsnacht, onde foi cremado e suas cinzas depositadas no túmulo da família.

¹³ Princípio de mecânica quântica, enunciado em 1929: é impossível discernir simultaneamente e com alta precisão a posição e o momento de uma partícula subatômica.

Paranormalidade na Família de Jung

 É noite de quarta-feira, o Pastor Samuel Preiswerk (1799-1871) acaba de jantar com sua família. Todos à mesa estão estranhamente silenciosos. A esposa de Samuel mostra-se nervosa, e suas mãos tremem, quando começa a retirar a louça com os restos de comida.

Silenciosamente, o Pastor se levantou e se encaminhou para seu escritório. Antes de fechar a porta, Augusta Faber pôde ver, de relance, que o espírito de Magdalene, a primeira esposa do Pastor, morta há algum tempo, estava sentado na poltrona que lhe era reservada, com exclusividade, para a longa conversa semanal que os dois mantinham noite adentro.

Samuel foi avô de Jung, pela linha materna, e é dito que suas faculdades paranormais eram: *de um grau tão grande que vivia numa casa com duas mulheres, uma viva e outra morta* (Wilson, 1985, p. 38). Sobre este avô, Jung escreve de forma indireta que: *era muito inteligente, pertencia ao clero e tinha muitas vezes alucinações enquanto acordado (Na maioria das vezes eram visões, em geral de cenas dramáticas inteiras, com diálogo, etc.)* (Jung, 1994, par. 37). A ser verdade, tratava-se de um *médium* extraordinário, com a ca-

pacidade de entrar em relação com os espíritos com muita facilidade, o que é raro. Poderia ser classificado como *médium facultativo ou voluntário*¹⁴. A Mulher de Samuel era clarividente, e ele confiava muito na sua qualidade, tanto assim que sempre a colocava às suas costas, durante os sermões que proferia, para que o protegesse de influências espirituais negativas (McLynn, 1998, p. 17).

Um irmão do avô materno era considerado débil mental, *um excêntrico que também tinha visões* (Jung, 1994, par. 37). Outro tio avô sofreu um ataque de *morte aparente*, e ao se recuperar passou a entrar em estado sonambúlico¹⁵ toda vez que se excitava emocionalmente, fazendo então profecias¹⁶. Três tios de Jung possuíam alucinações quando acordados, inclusive com premonições. Duas primas eram médiuns¹⁷, – com uma delas ele fez sessões espíritas, como será abordado mais adiante –, a outra é descrita como *histérica e visionária* (Jung, 1994, par. 37).

Não se pode deixar de recordar que a mãe de Jung também possuía faculdades mediúnicas, como já foi tratado, e o será mais adiante. Assim, todo o lado ancestral materno dele está pontilhado de pessoas com dons parapsicológicos diver-

¹⁴ Os que têm o poder de provocar os fenômenos por um ato da própria vontade (Kardec, 1972, 188).

¹⁵ O sonambulismo pode ser considerado como uma variedade da faculdade mediúnica, ou melhor, trata-se de duas ordens de fenômenos que se encontram freqüentemente reunidos. O sonâmbulo age por influência do seu próprio Espírito. É sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe além dos limites dos sentidos... O médium, pelo contrário, serve de instrumento a outra inteligência. É passivo e o que diz não é dele. Em resumo: o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento e o médium o pensamento de outro (Kardec, 1972, 172).

¹⁶ A profecia é um tipo de mediunidade, os médiuns proféticos constituem uma variedade de médiuns inspirados ou de pressentimentos, que recebem, com a permissão de Deus e com maior precisão que os médiuns de pressentimentos, a revelação de ocorrências futuras de interesse geral, que estão encarregados de transmitir aos outros para fins instrutivos (Kardec, 1972, 190).

¹⁷ Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensividade, é médium. Essa é uma faculdade inerente ao homem (Kardec, 1972, 159).

sos. Ora, as faculdades paranormais, como qualquer uma das faculdades humanas, têm um componente genético, como não poderia deixar de ser. Assim, não é de espantar que Carl Gustav Jung possuísse uma herança cromossômica que lhe proporcionou notável coeficiente de *impressionabilidade*¹⁸ e outras aptidões de caráter paranormal, como será visto ao longo deste trabalho.

¹⁸ A impressionabilidade é a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras. Kardec, 1972, 164.

Fenômenos Paranormais na Infância de Jung

A infância de Jung foi vivida num ambiente familiar tumultuado por uma convivência difícil de seus pais, que viviam em constantes conflitos. As diferenças antagônicas entre os cônjuges, geravam um ambiente saturado de emanções psíquicas desarmônicas, proporcionando fenômenos que podem ser classificados na categoria de assombrações:

Meus pais dormiam separados. Eu dormia no quarto de meu pai. Da porta que conduzia ao quarto de minha mãe vinham influências inquietantes. De noite, minha mãe tornava-se temível e misteriosa. Uma noite vi sair de sua porta uma figura algo luminosa, vaga, cuja cabeça se separou do pescoço e planou no ar, como uma pequena lua. Logo apareceu outra cabeça que também se elevou. Esse fenômeno repetiu-se umas seis ou sete vezes (Jung, 1997, p. 30).

O episódio é uma evidência de que as percepções paranormais de Jung começaram na infância. Nele podem ser identificados dois tipos específicos de percepções paranormais: i) uma *sensitividade*, que é definida como a base para todas as outras faculdades:

Designamos assim (médiuns sensitivos) as pessoas suscetíveis de ressentir a presença dos Espíritos por uma vaga impressão, uma sorte de roçagem sobre todos os membros, da qual elas não podem se dar conta (Kardec, 1972, 164).

ii) e *vidência*, que é a: *faculdade de ver os Espíritos* (Kardec, 1972, 167), tratada mais à frente.

A sensibilidade o fazia perceber os problemas psíquicos e espirituais de sua mãe, culminando com a vidência ocasional de entidades espirituais que, possivelmente, a perturbavam. Descrevendo a personalidade de sua genitora, diz Jung que ela era uma pessoa comum, compartilhando das opiniões tradicionais de sua época e lugar, mas que, repentinamente, transformava-se, deixando surgir uma personalidade poderosa, sombria e imponente, dotada de autoridade:

...creio que ela também possuía duas personalidades: uma inofensiva e humana; a outra, pelo contrário, parecia temível. Esta última só se manifestava em certos momentos, mas sempre inesperadamente, e me causava medo. Falava, então, como que consigo mesma e suas palavras me atingiam profundamente, de tal maneira que em geral ficava calado (Jung, 1997, pp. 54-55).

A *dupla personalidade* de Emilie, com atitudes e palavras estranhas, a ponto de a tornarem *temível e misteriosa*, parecem sintomas claros de *mediunidade de psicofonia*. Como paranormal, vivendo as circunstâncias de uma vida matrimonial frustrante e conflituosa, desenvolveu – ao que tudo indica – uma *obsessão*¹⁹ que a levou, inclusive, a ser internada, durante seis meses, no Hospital Psiquiátrico de Basileia, em 1878, quando Jung estava com três anos de idade. Ainda so-

¹⁹ Trata-se do domínio que alguns Espíritos podem adquirir sobre certas pessoas. São sempre Espíritos inferiores que procuram dominar, pois os bons não exercem nenhum constrangimento... A obsessão apresenta características diversas que precisamos distinguir com precisão, resultantes do grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. (Kardec, 1972, 237).

bre as personalidades alternantes dela, diz que as duas personalidades de sua mãe se diferenciavam de maneira notável. Ele, por causa disso, chegou a ter sonhos de angústia, pois durante o dia ela era uma mãe perfeita, amorosa, mas à noite parecia temível; assemelhava-se a: *uma vidente que ao mesmo tempo é um estranho animal, uma sacerdotisa no antro de um urso, arcaica e cruel. Cruel como a verdade e a natureza. Era a encarnação de uma espécie de natural mind*²⁰.

Nascido numa família protestante do interior da Suíça, tendo como pai um Pastor, Jung foi criado numa atmosfera de tabus, moralismo e medo. Isto, acoplado às desavenças entre seus pais, provocou-lhe angústia, ansiedade e pressões psíquicas que se extravasavam em pesadelos diversos, cujo significado ele analisou ao longo de sua vida. Foi, também, sujeito a inúmeros acidentes que, em seus posteriores estudos, atribuiu a um desejo inconsciente de suicídio.

Aos sete anos de idade, numa de suas intermináveis crises de saúde, conta ele que teve pseudocrupe, seguido de ataque de sufocação. Nesses momentos, ficava deitado, em decúbito dorsal, sustentado pelo pai. Via, então um: *Um círculo azul-brilhante, do tamanho da lua cheia e onde se moviam formas douradas que eu tomava por anjos, pairava sobre mim. Esta visão aliviava a angústia da sufocação cada vez que esta ocorria* (Jung, 1997, p. 31). Embora este e outros episódios indiquem que ele pode, e no meu entender deve, ser classificado como *médium vidente*, deve-se levar em conta que crianças possuem uma capacidade natural de perceber fatos transcendentais às sensações ordinárias, conforme as pesquisas paranormais comprovaram. Quanto à mediunidade

²⁰ “*Natural mind* é o espírito da natureza, que anda (erro de impressão, a palavra correta é nada) tem a ver com os livros. Emanada da natureza humana, tal como uma fonte que jorra da terra, e exprime a verdadeira sabedoria da natureza. As coisas são ditas tranquilamente e sem complacência”. (De um seminário inédito de 1940, traduzido por Aniela Jaffé) (Jung, 1997, p. 56), nota de rodapé. Esta nota está mal traduzida, ao que parece, na edição que eu consultei.

de vidência, é um tipo específico de paranormalidade, cujos possuidores são definidos da seguinte forma:

Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Existem os que possuem esta faculdade no estado normal, quando estão perfeitamente acordados, e dela conservam uma lembrança exata; outros não a têm senão em estado sonambúlico ou vizinho do sonambulismo. Esta faculdade raramente é permanente; ela é quase sempre efeito de uma crise momentânea e passageira (Kardec, 1972, 167).

Quando cursava o que poderíamos denominar hoje de *primeiro* grau, Jung entrou em profunda crise existencial, onde o problema religioso se apresentava de forma intensa e angustiante. Foi neste período que sofreu de uma síndrome batizada por ele como *personalidade nº 1 e personalidade nº 2*. Percebia-se como sendo dois, num clássico fenômeno de *dupla personalidade*. Com a primeira personalidade, sua auto-imagem era negativa, pois se sentia inferior aos colegas, tanto no que se referia aos assuntos curriculares, quanto do ponto de vista higiênico e moral. Com a segunda personalidade, ao contrário, sentia-se um adulto de idade, cético, desconfiado e distante dos demais seres humanos. Por ela: *Vivia em contacto com a natureza, com a terra, com o sol, com a lua e com as intempéries, diante das criaturas vivas e principalmente da noite, dos sonhos e de tudo que “Deus” evocava imediatamente para mim* (Jung, 1997, p. 51).

Jung descarta que tal fenômeno fosse uma dissociação, no sentido médico. Ele o afirma comum a todo indivíduo, portanto uma condição psíquica normal. Todavia, a *personalidade número 2: é uma figura típica que só é sentida por poucas pessoas. A compreensão consciente da maioria não é suficiente para perceber sua existência* (Jung, 1997, p. 52).

Acredito que o *conflito de personalidades*, apresentado por Jung pode ter como origem a intromissão de lembranças

de vidas pretéritas, como veremos mais a diante. Todavia, não se pode descartar, por essa época, uma intermitente síndrome obsessiva, no sentido em que, no Espiritismo, se usa essa palavra.

Contacto com os Estudos Espíritas e Metapsíquicos

Os fenômenos mediúnicos – com já destaquei – sa-
cudiam a Europa desde 1848, quando aconteceu um episódio
de *assombração*, na casa da família Fox, em Hydesville, Con-
dado de Wayne, Estado de Nova York, nos Estados Unidos
da América do Norte. Todavia, a Alemanha vinha testemu-
nhando fatos notáveis nessa área desde muito tempo.
Immanuel Kant chegou a comentar, com espanto e confir-
mando, a célebre visão de Swedenborg do incêndio de Esto-
colmo. Ainda, em território alemão, Frederika Hauffe, a céle-
bre Vidente de Prevorst, foi estudada pelo Dr. Justinus Kerner,
e suas publicações a respeito levantaram grande discussão.
Inúmeros outros pesquisadores alemães se dedicaram a estu-
dar os fenômenos mediúnicos, como Friedrich Zöllner, o ba-
rão Karl du Prell (1839-1899), o barão Albert de Schrenk-
Notzing, dentre outros. Muitas obras inglesas, francesas e ita-
lianas tratando da matéria, foram publicadas, dando conta das
diversas experiências que se faziam então por vários países.
Além do mais, as conclusões afirmativas de William Crookes
geraram discussão internacional, dado o prestígio do seu nome
no campo científico.

Jung, que já se interessava pelos problemas da psiquê, ressentia-se da falta de estudos mais profundos sobre o espírito humano, que a psiquiatria de então – assim como o faz a de hoje – teimava em desprezar. Admirava-se do fato das ciências naturais veicularem diversos conhecimentos, mas sempre especializados e sem maior profundidade. Por outro lado, a filosofia lhe havia ensinado que a realidade da psiquê estava no fundo de tudo, e sem a alma o conhecimento e o saber careciam de profundidade:

No entanto, nunca se falava da alma. Ela era tacitamente suposta, mas mesmo quando mencionada, como em C.G. Carus, não era abordada em idéias precisas, mas segundo uma especulação filosófica de sentido ambíguo. Esta observação curiosa me deixava perplexo (Jung, 1997, p. 96).

A leitura de uma publicação sobre manifestações espirituais, despertou seu interesse pelo assunto. Isto aconteceu na casa de um dos seus amigos de estudos, cujo pai era um historiador da arte. Era um livro escrito pelos anos de 1870, e tratava da aparição de espíritos. Seu autor, um teólogo, abordava os eventos dos inícios do Espiritismo.

Jung verificou que ouvira histórias semelhantes desde sua infância, na área campesina onde morava. Analisando o conteúdo da publicação, concluiu pela autenticidade do material, inclusive por verificar a existência de narrativas semelhantes em todas as épocas e entre os diversos povos da Terra. Deveria ser, pois algo relativo à própria alma humana. Porém, mantinha ainda uma atitude cética quanto a se atribuir aos espíritos a causa dos fenômenos. Esta foi uma atitude correta, diante de fatos que eram novos para ele. Não se deve aceitar, sem exame aprofundado, uma questão como a da imortalidade e comunicabilidade das almas dos mortos, sem maiores análises e meditações. Mesmo quando se aceita a comunicabilidade entre vivos e mortos, é preciso manter uma

atitude crítica quanto a eles, pois é um campo fértil para fantasias, alucinações e até mistificações. É claro que isso não desmerece os casos verdadeiros, apenas pede prudência na aceitação deles.

Um dos pontos que chamou a atenção de Jung foi a qualidade dos pesquisadores que admitiram a realidade do fenômeno, como Zöllner e Crookes. Pôs-se então a ler tudo o que se escrevia sobre o Espiritismo. Ao comentar o assunto com seus colegas, verificou, com espanto, que tinham sempre uma atitude de descrença sistemática, afirmando, sem qualquer base, que fenômenos quais a aparição de fantasmas, mesas girantes, etc., eram o resultado de meros embustes. Alguns, inclusive, reagiam com medo de tais assuntos.

Embora ele mesmo não estivesse ainda convicto de que tais fatos eram reais, se perguntava porque razão os fantasmas não poderiam existir. Achava inclusive que os fenômenos espíritas eram possibilidades interessantes, que davam profundidade ao mundo. Começava, inclusive, por essa época, a se indagar se os sonhos teriam alguma relação com os espíritos.

Os Sonhos de um Iluminado de Kant caiu-me as mãos como de propósito e logo descobri também Karl du Prell, que interpretava essas idéias sob o ponto de vista filosófico e psicológico. Desenterrei Eschnmayer, Passavant, Justinus Kerner e Goerres e, além disso, li sete volumes de Swedenborg (Jung, 1997, p. 97).

Jung se admirava do fato dos assuntos paranormais causarem tanto medo. Ele se dizia que o simples fato de alguns desses fenômenos acontecerem fora das categorias de espaço, tempo e causalidade não deveria causar alarme, mas motivação para novos estudos e descobertas. Afinal, existiam fenômenos, como a percepção antecipatória que certos ani-

mais têm de tempestades e terremotos, devidamente comprovados. Muitos sonhos premonitórios de morte já haviam sido registrados, além de relógios que pararam no momento da morte de pessoas e copos que se quebravam em relação com algum evento psíquico. Vivendo boa parte de sua vida no campo, para ele as histórias sobrenaturais haviam sido bebidas com o leite, na infância. Faziam parte do imaginário campesino, sendo ali absolutamente natural. Verificava, empiricamente, a diferença entre a urbis e o campo, sendo este muito mais rico psicologicamente, e o primeiro espiritualmente limitado. Ao se conscientizar desta realidade, Jung diz que fez uma descoberta perigosa, pois o levou a assumir ares de superioridade, e a abusar da crítica e da agressividade, despertando antipatias, que ele afirma merecidas:

Estas reforçaram as antigas dúvidas, meus sentimentos de inferioridade e humores depressivos – ciclo que decidi finalmente interromper a qualquer custo. Não queria permanecer afastado do mundo, nem adquirir a fama duvidosa de um personagem excêntrico (Jung, 1997, p. 97).

Acredito que foi esta a primeira vez que Jung entrou em contato com o preconceito no meio acadêmico que, por ser cultural, é muito mais terrível do que os preconceitos de raça e religião. É um preconceito que atinge a credibilidade da vítima, sem que esta possa se defender, simplesmente porque a defesa lhe é negada. A zombaria e o sarcasmo agem como um dissolvente social, aniquilando o valor pessoal, e pondo em dúvida a capacidade intelectual do infeliz sobre quem o preconceito acadêmico se abate. A maioria dos membros da *corporação* passa a negar até cumprimentos ao colega que teve a ousadia de se contrapor aos dogmas dominantes. A comunidade científico-acadêmica forma uma máfia de estritas leis não escritas, opondo-se, ferrenhamente, a qualquer mudança. Como as sociedades religiosas que geralmen-

te combate, ela é extremamente conservadora, embora goste de posar de *amante da verdade*, e de aberta ao novo. Mas só consegue iludir a si própria, pois de há muito lhe caiu a máscara de *dedicada e humilde* serva do conhecimento. O número de mártires feitos pela grei dos cientistas, através desses três séculos de Ciência, é imenso. Isto no campo de sua estrita competência. Porquê no que tange às pesquisas paranormais, somente neste final de século se está conseguindo, a duras penas, vencer os bloqueios officiosos do *stabilishment* científico, à custa de muitas reputações arruinadas, de muitas carreiras científicas eliminadas no nascedouro.

Em 28 de novembro de 1896, na primeira palestra que proferiu na Zofingia²¹, Jung abordou o tema: *Os Limites da Ciência Exata*, defendendo uma abordagem científica do *Oculto*, ou seja, dos então chamados *fenômenos psíquicos* ou *espíritas*. Em 1897, numa outra palestra, onde abordou *Alguns Pensamentos sobre Psicologia*, não aceitando, mas também não negando, a existência dos espíritos e pondo-se na defesa da veracidade dos fenômenos espíritas.

²¹ Uma fraternidade, com cerca de 120 membros, formada por estudantes de diversos cursos universitários da Basileia. Jung foi admitido nela em 18 de maio de 1895.

Experiências Mediúnicas

Introdução

*H*avendo lido publicações sobre as pesquisas mediúnicas que se faziam na Europa e nos Estados Unidos, Jung pôde observar e experimentar tais fenômenos numa série de reuniões onde funcionou como médium sua prima Hélène Preiswerk. Essas observações serviram, depois, como tema para sua tese de graduação, a qual segue a linha de raciocínio e conclusões iniciadas por Flournoy e Pierre Janet – sendo que com este último estudou psicopatologia, na Salpêtrière, entre 1902 e 1903²². Esses estudiosos enquadraram os fenômenos mediúnicos como manifestações patológicas, objetivando provar – mesmo com sacrifício da verdade dos fatos – conceitos apriorísticos.

As observações e experiências foram oportunas, para Jung descobrir, empiricamente, a realidade do *inconsciente*. Inclusive, os fenômenos *anímicos*²³ que aconteceram depois

²² (Young-Eisendrath e Dawson, 2002, p. 16).

²³ Termo originado do latim anima, foi utilizado em 1871 pelo antropólogo inglês E. B. Tylor, referindo-se à crença primitiva nos espíritos. Foi utilizado mais tarde por Ed. Von Hartmann, para definir os fenômenos mediúnicos, os quais seriam produzidos, inconscientemente, pela própria “alma” dos médiuns, e não espíritos de mortos.

da médium Hélène entrar em franco desequilíbrio, lhe apresentaram com importante material para entender comportamentos semelhantes de pessoas com transtornos mentais, no hospital onde trabalhou, logo depois de formado em Psiquiatria.

Ao descobrir que pessoas de sua família estavam fazendo reuniões espíritas e que, graças a mediunidade da citada prima, conseguiam alguns *fenômenos de espiritismo*, Jung começou a participar delas. Por causa de seus conhecimentos, organizou as reuniões, as quais passaram a ter lugar aos sábados à noite. Logo pôde observar “raps” nas paredes e na mesa.

Como ele próprio afirma, concluiu de imediato que a movimentação da mesa devia-se a movimentos das mãos e braços da médium, embora ela não tivesse participação consciente no fenômeno; passou, então, a se ocupar do conteúdo das comunicações obtidas. Note-se que a “teoria dos movimentos inconscientes” não explica os “raps” nas paredes.

Durante dois anos as experiências aconteceram. O resultado dos estudos e observações está descrito minuciosamente em sua tese de graduação em medicina. Mas, ao final de dois anos, ele teria surpreendido a médium tentando fraudar, o que motivou o fim de suas nas experiências.

Quanto à médium, diz Jung:

A jovem madurara precocemente. Aos vinte e seis anos morreu de tuberculose. Eu a vi, certa vez, quando completara vinte e quatro anos e fiquei profundamente impressionado com a independência e com o amadurecimento de sua personalidade. Depois de sua morte meus pais me contaram que nos últimos meses de vida seu caráter se desintegrara progressivamente, devolvendo-a ao estado de uma criança de doze anos: foi assim que dormiu seu último sono (Jung, 1997, p. 102).

No que se refere às suas observações e análises das reuniões, Jung informa que: *Aprendi nessas sessões como nasce*

um nº 2, como ele impregna uma consciência infantil, que acaba por integrar (Jung, 1997, p. 102). E continua:

Tais fatos constituíram a grande experiência que sacudiu minha primeira filosofia, conduzindo-me a um ponto de vista psicológico. Tinha adquirido conhecimentos objetivos sobre a alma humana. Mas esta experiência, uma vez mais, não era passível de comunicação. Não podia confiar a ninguém este conjunto de coisas. Mais uma vez desviei-me de algo que merecia reflexão. Só alguns anos mais tarde nasceu, de tudo isto, minha tese de doutorado (Jung, 1997, p. 102).

Sobre a origem das reuniões, sabe-se que a mãe de Jung, Emilie, as começou, em 1885, sem que o marido – ainda vivo – tivesse conhecimento. Teriam acontecido no Presbitério de Klein-Hünigen, sendo integrantes Luise e Hélène Preiswerk, e Emmy Zinstag. Jung foi o único homem a participar (McLynn, 1998, p. 51). Eu acredito que ele foi convidado a participar por causa do conhecimento teórico que possuía sobre o assunto. Reorganizou, então, os trabalhos, colocando-os a serviço de estudo e observações sistemáticos.

Há quem afirme que Jung hipnotizava Hélène para que ela entrasse em transe. Na sua tese de doutorado, onde detalha as observações realizadas nas reuniões, nada faz supor que isso acontecesse.

Saliente-se que existe uma discussão a respeito do período em que as observações foram efetuadas. Ele as data entre os anos 1899 e 1900 (Jung, 1994, par. 36), mas biógrafos seus afirmam que a data correta seria entre 1895 e 1898.

Uma descrição de Hélène a define como uma pessoa *sujeita a manifestações sonambulísticas e espiritualistas* (Franz, 1997, p. 53). Esta é uma informação típica de quem tem um conhecimento superficial e preconceituoso dos fenômenos magnéticos e mediúnicos. Afinal, o que a frase quer dizer? Que Hélène era uma sonâmbula *magnética*, isto é, era induzida ao transe através de processos do *magnetismo*? E

que também era médium? O sonambulismo é uma das fases do *sono magnético*, conforme descrito pelos estudiosos do assunto. Alguns médiuns, por sua vez, podem, apresentar características sonambúlicas, espontâneas. O que será que von Franz quer dizer? Que Hélène podia ser *induzida* ao sonambulismo? Mas Jung informa que o sonambulismo dela foi um desenvolvimento natural do seu processo mediúnicos (Jung, 1994, par. 39). Durante a fase sonambúlica natural, o médium também veicula *manifestações espiritualistas* (se com isso von Franz quer dizer *comunicações de espíritos*).

Caso o sonambulismo não fosse natural, mas induzido, teria implicações sérias, pois aí se criaria uma conexão entre o magnetizador e o *sujet*, interferindo na produção do fenômeno, por gerar uma ligação psíquica (*rapport*) que pode ser enquadrada como um típico episódio de *transferência*, capaz de gerar uma *contratransferência*, com resultados imprevisíveis.

Jung afirma que acompanhou as sessões com sua prima fazendo anotações do que acontecia, porém sem realizar exames médico-clínicos, na médium, como seria necessário, para um diagnóstico preciso de sintomas histéricos, que corroborassem as afirmações que fez depois, a esse respeito (Jung, 1994, par. 36).

Descrição de Hélène

Pela época das experiências, Hélène tinha quinze anos e meio de idade. Era protestante, e possuía uma ascendência familiar com histórico de vivências paranormais. Jung a descreve como uma pessoa de constituição franzina, rosto pálido e olhos negros, que brilhavam e eram penetrantes. Possuía uma caixa craniana *algo raquítica*, mas sem qualquer sintoma de hidrocefalia. Quanto a doenças graves, nunca tivera. Como estudante, era pouco interessada e, inclusive, desatenta, o que a colocava num nível médio entre seus colegas. Tam-

bém era de inteligência mediana, e não apresentava dons especiais. Não gostava de música nem de leituras, preferindo sonhar ou realizar trabalhos manuais.

Na escola parecia muitas vezes ausente de espírito, cometendo erros, especialmente quando lia em voz alta: por exemplo, em vez de ler “Ziege” (cabra), lia a palavra “Geiss” e, em vez de “Treppe” (escada), lia “Stege”, e isto acontecia com tanta frequência que seus irmãos riam dela (Jung, 1994, par. 38).

Seu comportamento era mutável, sendo muitas vezes, e repentinamente, barulhenta e euforicamente exaltada mas, no comum, era reservada. Finalizando suas informações sobre Héléne, nos diz que: *De resto, nada de anormal se mostra na senhorita S. W*²⁴. Quanto à saúde, nunca apresentou sintomas graves de *hysteria*. Sua família compunha-se de comerciantes e trabalhadores braçais, convivendo ela com muitos irmãos e irmãs, o que lhe prejudicou a educação. A mãe lhes dava um tratamento que Jung classifica de *inconseqüente, vulgar e às vezes brutal...* (Jung, 1994, par. 38).

A descrição nos coloca diante de uma “teen-ager” comum, mesmo para os nossos dias. Esta análise da médium e sua família, segundo alguns dos seus biógrafos, causaram a Jung problemas com seus parentes, quando a tese foi publicada. A própria Héléne teria sido obrigada a transferir-se de cidade, por causa dos comentários que tiveram lugar.

A Médium Héléne

Héléne interessou-se por sessões mediúnicas quando ouviu falar sobre “mesas falantes”. Em julho de 1899²⁵, par-

²⁴ Nome fictício usado por Jung para preservar a médium.

²⁵ Ver parágrafo na introdução deste capítulo sobre a cronologia das sessões.

ticipou de sessões com a mãe de Jung, amigas e irmãs, quando então aflorou sua mediunidade, recebendo comunicações sérias, que causaram espanto aos assistentes. Seu tom de voz era pastoral, e o espírito se apresentava como sendo seu avô. Jung assistiu a essas comunicações.

Em princípios do mês de agosto de 1899, Jung teve oportunidade de presenciar os primeiros transe sonambúlicos, de Hélène. No início deles, ela ficava muito pálida, caindo no chão ou sobre uma cadeira, com os olhos fechados em estado cataléptico. Respirava profundamente durante algum tempo, começando em seguida a falar. Nesse estágio seu corpo estava relaxado, com reflexos normais das pálpebras e sensibilidade ao tato.

Nesse estágio apresentava-se assustadiça, reagindo a toques inesperados, mas não atendia se era chamada pelo nome.

Em suas conversas sonambúlicas copiava de modo perfeito, parentes e conhecidos falecidos, a ponto de impressionar até mesmo pessoas não influenciáveis. Copiava também pessoas das quais só tinha conhecimento por ouvir falar e o fazia tão bem que qualquer espectador devia confessar no mínimo que se tratava de excelente atriz. Aos poucos foram se somando às conversas também gestos que culminavam em atitudes passionais e em cenas bem dramáticas. Assumia uma postura de oração e êxtase, tinha um olhar faiscante e falava com retórica apaixonada e arreatadora. Nestas ocasiões só usava o alemão clássico que falava com perfeita segurança e naturalidade, em absoluto contraste com sua maneira insegura e atrapalhada quando em vigília. Seus movimentos eram desembaraçados e graciosos, tornando mais encantadores os estados emocionais que se alternavam (Jung, 1994, par. 40).

Como qualquer um pode verificar, se entender de mediunidade e de seu desenvolvimento, a prima de Jung era uma médium de razoáveis possibilidades. Como aconteceu com outros médiuns do século XIX, pagou o preço de lidar com

uma coisa que nem ela, nem os outros participantes das reuniões conheciam bem. O próprio Jung, à época, tinha apenas conhecimentos teóricos, e mesmo assim de acordo com a ótica, muitas vezes preconceituosa e unilateral, de pesquisadores de então. As reuniões eram realizadas sem os cuidados necessários, como definido por diversos especialistas nos fenômenos paranormais, e que se dispõem a conhecê-los sem qualquer *part pris*. O “copiar” *peças não parentes e conhecidos falecidos*, a que se refere Jung, era o fenômeno conhecido como psicofonia²⁶. Tudo indica que Hélène, no início, não “imitava”, mas que as comunicações poderiam ser verdadeiras, quanto à alegada origem. Daí o fato de parecerem consigo próprios, tanto em palavras quanto em gestos. Por serem, simplesmente, eles mesmos!!!

Como descrito, o desenrolar das sessões foi um lento e inexorável processo de instalação de síndrome obsessiva, tal qual apresentado n’O Livro dos Médiuns (Kardec, 1972, Cap. XXIII). Médiun sonambúlica, ao que parece, Hélène era inconsciente dos fenômenos realizados por seu intermédio.

Sob influência espiritual Hélène falava fluentemente o alemão clássico, o que não acontecia em estado normal. Houvesse sido orientada corretamente, acredito que poderia ter proporcionado muitas comunicações interessantes, mas o meio onde vivia, não a ajudou, ao contrário: uns, crédulos, colaboraram para desequilibrá-la, empurrando-a para a *fascinação*, enquanto o jovem Jung, mais preocupado em analisar o fato de acordo com os conceitos científicos do momento, nada podia fazer para auxiliá-la, inclusive por não possuir, à época, os conhecimentos que só o tempo e a experiência lhe vieram dar, inclusive sobre a própria fenomenologia mediúnica.

²⁶ Allan Kardec denomina as pessoas que apresentam essa faculdade de médiuns falantes, e os descreve assim: entre eles o Espírito age sobre os órgãos da palavra, como agem sobre a mão dos médiuns escreventes. O Espírito querendo se comunicar se serve do órgão que encontra como o mais flexível no médium (Kardec, 1972, 166).

Ele aplicou uma metodologia científica, de acordo com os princípios da Ciência de então. Acontece, porém, que esse tipo de fenômeno não pode ser enquadrado nas categorias próprias do método científico tradicional. Assim como os fenômenos psicológicos, que ele estudou mais tarde, os mediúnicos seguem leis específicas, cuja abordagem metodológica difere das que são aplicadas aos fenômenos ditos naturais. Diversos cientistas, como Gustave Geley (1868-1924), Ernesto Bozzano (1861-1943), Césaire Lombroso, etc., foram observadores sérios, rigorosos, imparciais e críticos, obtendo resultados excelentes – e rigorosamente científicos – sob todos os títulos, por entenderem que estavam diante de uma nova ordem de fatos, sendo necessária uma nova metodologia para estudá-los, convenientemente, e que se conformassem às suas peculiaridades. Esta é uma exigência epistemológica que nenhum cientista, digno do nome, pode ignorar.

Assim, a pobre Héléne foi mais um dos inúmeros médiuns, vítimas da ignorância vigente com respeito à faculdade que apresentavam.

Descrição das Sessões com Héléne

Jung descreve algumas sessões realizadas com Héléne. Na primeira e segunda o método usado foi o do copo emborcado, sobre o qual a médium colocava dois dedos da mão direita, e que se movia rapidamente de letra para letra, as quais eram escritas em pequenas folhas de papel, e colocas à volta do copo. Após ser indicada a presença espiritual do avô da médium, este ditou várias comunicações, em rápida sucessão, quase sempre

de conteúdo religioso e edificante. Algumas vinham escritas de forma correta, outras com alguma troca de letras e outras ainda de trás para a frente. Estas últimas palavras ou frases

eram produzidas de forma tão rápida que não era possível captar seu conteúdo de imediato, mas só posteriormente, ao inverter as letras (Jung, 1994, par. 45).

Mesmo com o método do copo, quase tão primitivo como a sematologia, pode-se notar que a reunião produziu fenômenos dignos de nota, principalmente no que se refere a comunicações especulares²⁷ é notável, dada a precariedade da forma utilizada.

No decorrer desta reunião foi noticiada a presença do avô de Jung, após uma interrupção brusca das comunicações em andamento. Mas ele não informa se aquele lhe disse algo, nem o que. Seria interessante saber...

Aconteceu ainda, nessa reunião, um fenômeno de vidência, tendo a médium chamado atenção para uma luz no ambiente, que ninguém mais enxergou. Apresentou medo e ansiedade, pelo que a reunião foi interrompida. Por esse momento já era noite, o que indica que se iniciara pela tarde, mas não foi informada sua duração.

A segunda reunião seguiu o mesmo padrão da primeira, crescendo-se o fato da médium ter entrado num aparente transe sonambúlico, e tido visões. Na terceira mantiveram-se o ataque de sonambulismo e as vidências. A psicofonia iniciou-se na quarta sessão, com uma comunicação do avô da médium, que fora clérigo protestante como dito mais acima.

Em seguida à segunda reunião, Hélène tomou conhecimento do livro “A Vidente de Prevorst”, do Dr. Justinus Kerner, passando a aplicar-se automagnetização. Infiltravam-se, assim, práticas estranhas e supersticiosas na experiência mediúncia em andamento, o que foi fatal. Era o prelúdio da obsessão. Durante o mês de agosto, o que nos leva a datar as reuniões anteriores entre junho e julho, iniciaram-se os fe-

²⁷ Fenômeno em que a escrita paranormal se faz em sentido inverso, e para ser lida com facilidade se coloca o texto em frente a um espelho, donde a denominação.

nômenos de psicografia, sendo que o Espírito “controlador” se dizia o avô da médium.

Note-se que, como nas descrições clássicas de reuniões mediúnicas com médiuns iniciantes, a do Presbitério de Klein-Hünigen seguiu a linha de progressividade, com os fenômenos ganhando complexidade e variedade na medida em que as sessões aconteciam.

Vieram a seguir, nas demais sessões, todo um desfile de animismo, de mistificações inconscientes e, finalmente, conscientes, pois a médium foi – algum tempo depois – flagrada em pleno ato de fraude. Por essa época Jung não mais participava das reuniões.

A perturbação da médium crescia a cada reunião, sendo a descrição delas um tratado de quanto prejuízo a manipulação indevida da mediunidade acarreta. Começaram “revelações” sobre outros planetas, dizendo, por exemplo, que Marte possuía aparelhos voadores (ainda não inventados à época das reuniões); que os “canais” eram lagos artificiais, bem rasos, construídos pelos marcianos sem muito esforço – pois o solo era mais “leve” do que o da Terra –, usados para irrigação. Descreviam os extraterrestres como não tendo forma humana, sendo de aparência grotesca. Ensinavam que os espíritos terrestres não podiam pisar nas estrelas, nem os extras na Terra, senão tinham de encarnar, só se libertando após a morte; inclusive Napoleão I teria sido a encarnação de um extra. E coisas semelhantes, o que demonstra o clima em que as reuniões haviam mergulhado. Note-se que revelações sobre “civilizações marcianas”, têm acontecido com médiuns diversos, desde os tempos de Hydesville. Aqui no Brasil, os médiuns Hercílio Maes e Francisco Cândido Xavier, receberam comunicações sobre o assunto, onde se descrevem a sociedade marciana como sendo composta de espíritos encarnados altamente evoluídos, tanto moral, quanto cultural e tecnologicamente. Os estudos atuais sobre o *Planeta Vermelho* parecem contradizer essas comunicações, e em breve te-

remos o assunto passado a limpo, quando esse astro começar a receber os astronautas terrestres, em suas viagens de estudo e exploração. Note-se que as comunicações sempre se referiram a seres marcianos “humanos”, como se pode verificar nos textos das comunicações. Logo, teriam uma existência física, inclusive sendo os “discos voadores”, fruto da tecnologia avançada deles. Allan Kardec é de opinião contrária à das comunicações citadas sobre o *planeta vermelho*:

Segundo os Espíritos, de todos os globos que compõem nosso sistema planetário, a *terra* é um dos que os habitantes são os menos avançados física e moralmente; *Marte* lhe seria ainda inferior... (Kardec, 1971, nota de rodapé nº 1, referente à questão 188).

Foi também criada uma linguagem estranha – semelhante ao que ocorreu com Helen Smith, estudada pelo pesquisador suíço Flournoy. Diga-se de passagem que as experiências deste e de Jung foram contemporâneas e que, ao ser publicada a tese de Jung, um ano após o lançamento de “*Des Indes aux planètes Mars*”, Flournoy *abordou-a numa crítica bastante favorável* (McLynn, 1998, p. 62).

Do ponto de vista psicológico, essas reuniões serviram para despertar o interesse do jovem Jung pelos problemas da mente, pode-se rastrear até elas a origem de alguns conceitos que aprofundou e ampliou mais tarde sobre o

inconsciente, e os complexos, pois concluiu que parcelas dissociadas do inconsciente podiam expressar-se por meio de personalidades aparentes, projetando-se através de alucinações ou assumindo controle temporário da mente consciente, como nas sessões mediúnicas (McLynn, 1998, p. 62).

Apesar de – no meu modo de entender – ser um erro quando generalizada, a teoria iniciava de maneira promissora o estudo das *personalidades múltiplas*, apresentando uma hipótese bastante fecunda.

Análise de Jung dos Fenômenos Produzidos Através de Hélène

As sessões descritas por Jung apresentam inegáveis erros de condução e pode-se identificar a progressiva infiltração de espíritos mistificadores, em substituição aos espíritos familiares que se comunicavam no início, como também a crescente intromissão das mistificações inconscientes, produzidas pela própria médium, por diversas razões. As comunicações recebidas através de Hélène são tratadas por Jung como de “conteúdo banal e meloso”, levando-o a concluir que:

certamente tinham sua origem em algum tratado de cunho espiritual... O conteúdo das respostas obtidas eram essencialmente o mesmo, banal e edificante em geral, como os das comunicações psicográficas (Jung, 1994, par. 55).

Note-se aqui a repetição do rótulo aplicado às comunicações por Pierre Janet, Alfred Binet, Charles Richet (1850-1935), Theodore Flournoy, etc. As mensagens tidas como de espíritos, sempre se preocuparam com o problema moral da humanidade, e isso parece desgostar muitos cientistas. Aqueles, parece que gostariam que as comunicações apenas acontecessem, na forma e no conteúdo, de acordo com suas vontades e preconceitos culturais. A tese de Jung está recheada de citações dos autores clássicos dos *estudos psíquicos*, para referendar as conclusões a que chegou. Um exemplo dessas citações é a de Myers, mas cujas afirmações favoráveis à hipótese espírita não são mencionadas.

Na mesma linha de Richet e Flournoy, Jung afirma que as *entidades* que se manifestavam por sua prima eram simples construções mentais, elaboradas fora da consciência. Ou seja, eram construções do inconsciente, que em sua tese denomina também de *subconsciente* (Jung, 1994, par. 79). Mais

tarde defenderá que os espíritos são *complexos inconsciente autônomos que aparecem em forma de projeção* (Jung, 1984, par. 585).

As técnicas de comunicação usadas pelos espíritos, como as mensagens especulares dadas através da primitiva forma do “copo”, não merecem a menor linha de comentário. Isto porquê eram uma “questio vexata”, embaraçosa demais para uma “rigorosa análise científica”!? É claro que a explicação seria de que movimentos da mão da médium, produzidos inconscientemente, transmitiam algumas frases lidas e esquecidas, por artes da criptomnésia de Richet ou da metagnomia, conforme Flournoy...

As comunicações através da mesa são explicadas como *mistificação inconsciente*, oriunda de sugestão ou auto-sugestão.

Não se trata de uma hipnose total e, sim, parcial, limitada à região motora do braço e semelhante à anestesia cerebral produzida por “passes” magnéticos para uma região dolorida do corpo. Reproduzindo as idéias de Chevreul, Geley e Lehmann, Jung afirma que: os fenômenos motores do inconsciente são freqüentes não apenas em histéricos ou em outras pessoas com disposição patológica, mas que podem ser provocados com relativa facilidade também em pessoas sadias que nunca apresentaram automatismos espontâneos (Jung, 1994, par. 82).

Finalmente, a mesa é movida por *tremores intencionais leves que não podem ser percebidos pelo sujeito*, os quais levam a se descobrir respostas para perguntas *mentais* dos expectadores. Por exemplo, se alguém pensa no número cinco, transmite à mesa pequenos e inconscientes impulsos, em número de cinco, os quais são amplificados pelos que estão com as mãos na mesa, obtendo-se assim a resposta correta. É impressionante a “explicação científica” das mesas girantes, assimilada pelo jovem Jung: “tremores amplificados”.... Com-

pare-se com a explicação dada pelo eminente físico inglês Michel Faraday, sobre o movimento das mesas:

Por mais que modificasse ao infinito o método de observação, foi-me impossível perceber mesmo a mais leve indicação de que se tratasse de alguma força natural particular. Não percebia nem atrações, nem repulsões, nem força tangencial, nem qualquer outra coisa que não fosse uma pressão puramente mecânica exercida por inadvertência, ou sem consciência reflexa, pelo operador²⁸... São os dedos e as mãos – conclui o famoso físico – que impulsionam a mesa, fazendo pressão sobre ela... É para mim um fato demonstrado que a mesa gire sob as mãos de pessoas que o queiram, sem de modo algum suspeitarem que elas mesmas é que imprimem à mesa uma força mecânica vulgar. E finalizava, prepotente: Firmei minhas convicções próprias como experimentador, e creio não estar mais obrigado a travar controvérsias sobre esse ponto, do mesmo modo que sobre várias outras questões científicas, a propósito das quais emiti opiniões diferentes das dos outros físicos, como por exemplo a essência da matéria, a inércia, a magnetização, a luz, etc., etc. (Wantuil, 1958, pp. 106-107).

A mim seria interessante saber como os *tremores inconscientes* poderiam responder perguntas mentais de conteúdo abstrato, que não podem ser percebidas como o ritmo exato de um algarismo!

Sendo esse o método científico normal de construir hipóteses, estaríamos ainda em plena Idade da Pedra. Por isso vale lembrar o pensamento de Allan Kardec a respeito da intromissão indiscriminada dos cientistas nos assuntos mediúnicos:

Para as coisas notórias, a opinião dos sábios merece fé, a justo título, porque eles sabem mais e melhor do que o vulgo; mas diante de princípios novos, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver não é mais que hipotética, porque eles não são mais do que os outros isentos de prejuízos, eu diria mesmo que o sábio tem, talvez, mais prejuízos do que um outro, pois que uma pensão natural os leva a subordinar tudo ao ponto

²⁸ Destaque meu.

de vista que aprofundou... Eu consultaria pois, de boa vontade, e com toda a confiança, um químico sobre uma questão de análise, um físico sobre a potência elétrica, um mecânico sobre uma força motriz; mas eles me permitirão, e sem que isso atente contra a estima que impõe seu conhecimento específico, de não levar em conta sua opinião negativa face ao Espiritismo (Kardec, 1971, Introdução, item VII).

O problema maior com os fenômenos estudados por Jung é que foram restritos. A hipótese do movimento inconsciente da mesa cai por terra quando ela não só balança ou bate os pés, mas se eleva nos ares. Aí, não se pode explicar como movimentos inconscientes das mãos dos participantes pode ter o condão de fazer levitar um objeto qualquer. Sendo assim, teríamos à disposição um notável meio de transportar móveis, quando arrumamos nossa casa. Talvez queira se explicar a levitação da mesa como *carregamento inconsciente total*, ou seja, todos os participantes, em conjunto, suspendem a mesa, mas de maneira *inconsciente* sem perceber que estão carregando e revolteando com ela pelo meio da sala... Só falta essa...

Jung Realizou outras experiências mediúnicas, pois seu interesse psicológico lhe impunha isso. Sua condição de médico psiquiatra lhe facilitava o acesso a pessoas dotadas de tais faculdades, bem como a condição especial de Zurique, cidade que – segundo ele recebia *elementos extraordinários num espaço bem pequeno*. Durante um período, investigou oito médiuns, sendo seis mulheres e dois homens. Concluiu que os médiuns devem ser abordados com poucas expectativas, para o pesquisador não ficar desapontado. Suas pesquisas tiveram apenas um *mero interesse psicológico*, sem qualquer novidade no campo físico ou fisiológico:

Tudo o que pode ser considerado fato científico pertence ao campo dos processos mentais, dos processos cerebrais e é explicável pelas leis já conhecidas da ciência (Jung, 1998, par. 724)..

A conclusão é típica de um *pensamento científico* tradicional, abordando a questão da paranormalidade: uma afirmação direta, como se fora a expressão de uma verdade comprovada, e universalmente admitida. Mas a realidade é bem outra: poucos fenômenos mediúnicos ou paranormais podem encontrar explicação em meros “processos mentais” e pertencer ao “campo dos processos cerebrais”. A imensa maioria permanece uma incógnita para os reducionistas, os quais nem sequer conseguiram explicar fenômenos normais em nossas vidas como, por exemplo, o que é e como se formam o pensamento e a idéia.

Todos os fenômenos que o espiritismo diz serem prova da ação dos espíritos estão ligados à presença de certas pessoas, chamadas médiuns. Nunca pude observar acontecimentos ditos espíritas em lugares ou ocasiões sem a presença de um médium (Jung, 1998, par. 725).

É interessante essa observação de Jung, pois as comunicações espirituais afirmam a necessidade de um médium, para que as comunicações espíritas aconteçam:

O Espírito pode agir sem o concurso de um médium? Ele pode agir sem o conhecimento do médium; isto quer dizer que muitas pessoas servem de auxiliares aos Espíritos para certos fenômenos, sem o suspeitar. Os Espíritos retiram deles, como de uma fonte, o fluido animalizado de que têm necessidade; é dessa forma que o concurso de um médium, tal como o entendeis, não é sempre necessário, é o que acontece, sobretudo, nos fenômenos espontâneos (Kardec, 1972, 74).

Baseado em suas experiências com diversos sensitivos e estudos, Jung afirma que os

médiuns são em geral pessoas levemente anormais. A senhora Rothe, por exemplo, apesar de não poder ser declarada irresponsável pelos psiquiatras criminais, apresentava um certo

número de sintomas histéricos. Sete dos meus médiuns apresentavam leves sintomas de histeria (que também são frequentes em outras pessoas). Informa que um dos médiuns, de origem americana, era trapaceiro: cuja anormalidade consistia sobretudo no descaramento (Jung, 1998, par. 725).

Os demais médiuns estudados, diz ele que eram pessoas de boa-fé. Um deles, uma senhora de meia-idade, apresentou a faculdade desde criança, quando passava por estados crepusculares levemente histéricos e frequentes. Parece que induzia essa alteração por auto-sugestão.

Os outros médiuns descobriram seus dons no contato social, passando a cultivá-los em sessões espíritas, o que não é muito difícil. Através de algumas sugestões habilidosas é possível levar uma alta porcentagem de pessoas, sobretudo mulheres, a manipulações espíritas simples como, por exemplo, ao movimento autônomo da mesa e, em alguns casos, à escrita automática (Jung, 1998, par. 725).

As experiências de Jung não se restringiram à chamada *mediunidade de feitos inteligentes* pois, nos inícios dos anos 1920, participou de reuniões de ectoplasmia, tendo como médium Rudi Schneider. As reuniões aconteceram no Hospital de Burghölzli, tendo igualmente como participantes o conde Albert Schrenck-Notzing e o professor Eugen Bleuler:

Nessa ocasião, presenciou ao vivo materializações, fenômenos psicocinéticos e outros. Segundo relato posterior de Jung, a série de experiências consistia em se colocarem fora do alcance do médium objetos de papelão – figuras recortadas de anjos e porta-copos pintados com tinta fosforescente. Quando o médium entrava em transe, podia acontecer que tais objetos se levantassem e flutuassem no ar (Jaffé, 1995, p. 20).

Jung se refere, *en passant*, a essas experiências nas suas memórias. Diz ele que, quando foi ao Quênia, ao viajar de

trem pelo interior do país, despertou aos primeiros raios do sol e viu, sobre o pico de um monte, a forma escura e esguia de um nativo, segurando, imóvel, uma lança, enquanto olhava o trem. Sentira uma sensação de *dejá vu*. Teve a impressão de que aquele instante já fora por ele vivido, e que sempre conhecera aquele mundo, dele separado apenas pelo tempo. Sentia como se estivesse voltando ao país de sua juventude, e conhecesse aquele homem escuro, o qual o esperava a cinco mil anos:

O tom afetivo desse acontecimento surpreendente permaneceu em mim durante toda a viagem através da África selvagem. Só posso aproxima-la de uma outra experiência do desconhecido: foi quando observei, pela primeira vez, com meu antigo chefe, prof. Eugen Bleuler, uma aparição parapsicológica. Pensara antes que morreria de susto se me ocorresse ver algo de tão impossível. Mas quando ocorreu o fenômeno, nem mesmo fiquei estupefato; achei pelo contrário, que o fenômeno entrava na ordem dos fatos como alguma coisa óbvia conhecida há muito tempo (Jung, 1997, p. 225).

É de se perguntar: por que Jung não mencionou mais detalhadamente tais observações de efeitos físicos, se elas existiram e foram importantes? A autora citada nos informa, também que, em 1961, ano de sua morte, ele fez, numa carta, uma retrospectiva dos fenômenos que observou. Ela foi escrita em 16 de fevereiro do referido ano, como resposta a uma indagação escrita de Walter Schaffner sobre os fenômenos de *levitação*. Eis o trecho da carta que interessa ao corrente estudo:

“Já observei a movimentação de objetos sem que fossem tocados diretamente e sob condições cientificamente satisfatórias. Poderíamos dizer que se trata de levitação, se considerarmos que as coisas se movimentam por si mesmas. Mas isto parece não ser o caso, pois todos os corpos aparentemente automovidos moveram-se como se tivessem sido levantados, sacudidos ou atirados por alguma mão.

Nessa série de experimentos eu, com outros observadores mais, vimos uma mão e sentimos sua pressão - aparentemente, foi esta mão que causou todos os outros fenômenos desse tipo.

Esses fenômenos não têm nada a ver com “vontade”, pois só aconteciam quando o médium estava em transe e não comandava sua vontade. Parecia que estavam na categoria das manifestações *poltergeist*.

As experiências que mencionei aqui foram realizadas na clínica de Burghölzli e não na Eidgen. Techn. Hochschule (ETH)” (Jung, 2003, p. 319).

Aniéla Jaffé diz que: Segundo relato posterior de Jung, a mão que havia visto e sentido era a de uma criança; após algum tempo, ela se dissolvia (Jaffé, 1995, p. 21).

Fica bem claro, como tive oportunidade de referir, que os fenômenos de levitação de objetos não pode ser explicado por tremores inconscientes das mãos de quem quer que seja, pelo menos visível. Pois, Jung chama a atenção para o comportamento dos objetos em pleno ar, pois pareciam ser manipulados, sem que se pudesse enxergar o agente manipulador. A mão de criança, que ele viu, e cuja pressão sentiu, é um caso de ectoplasmia parcial, com inúmeros registros na literatura especializada.

Ainda segundo Aniéla Jaffé, numa das sessões, quatro pessoas, dentre as cinco presentes à reunião, viram pairar, sobre o abdômen do médium, um objeto luminoso em forma de lua. Jung era o único que não conseguia ver o que os outros viam, embora lhe indicassem com ênfase o lugar onde o objeto se encontrava. Daí, ele deduziu a possibilidade de existirem visões coletivas, como no caso dos chamados discos voadores. Com ele aconteceu algo semelhante, quando, juntamente com Toni Wolff, viu afrescos que não existiam, em Ravena, na Itália, fenômeno que cito e estudo no item “Psicomетria”, mais adiante.

É estranhável o silêncio de Jung por toda a sua vida, sobre aquelas experiências de *ectoplasmia*, quando se sabe

que ele a utilizou em 10 de novembro de 1948, numa carta ao Dr. Fritz Blanke (Jung, 2002, p.116), numa tentativa de explicar o jejum de vinte anos que se diz ter feito Klaus von der Flüe, em resposta a uma solicitação do referido doutor sobre o assunto. Recorrendo às observações feitas em Burghölzli, concluiu que a alimentação do santo se tenha dado por via parapsicológica. Descreve que, antes da reunião, um engenheiro elétrico fazia medições em torno do médium. Os números estavam dentro da normalidade, com exceção de um ponto, no lado direito do tórax de Rudi, onde a ionização era sessenta vezes maior que o normal. Durante a reunião, justo daquele ponto, projetou-se um apêndice ectoplásmico²⁹, que agia à distância. Concluiu que pessoas na proximidade poderiam servir de *pontes de íons*, através das quais se fizesse a passagem de moléculas albumínicas vivas de um corpo a outro. Da mesma forma, lembrava que, durante experimentos de efeitos físicos, se verificou a perda de vários quilos de peso, tanto do médium quanto de alguns participantes. Via, aí, uma possibilidade de explicação do jejum “milagroso”. Pensava ele que o estudo das ectoplasmias servia não apenas para explicar o caso de Flüe, mas muitas outras coisas³⁰. “*Infelizmente essas coisas ainda são pouco pesquisadas*”, concluía ele na carta a Fritz Blanke, “*É assunto para os próximos séculos*” (Jung, 2002, p. 116). E, pelo andar da carruagem, muitos séculos ainda vão rolar, antes que a Ciência estude a fenomenologia paranormal de forma continuada e séria, inclusive para extrair dela elementos que venham a atender ao pragmatismo existencial.

²⁹ Crawford deu o nome a tais “apêndices, de “alavancas ectoplásmicas”.

³⁰ Para detalhes ver Jung, 1998a, 1498; e Jung, 2002, p. 116.

Outros Fenômenos Paranormais na Vida de Jung

Sensitividade e Capacidade Intuitiva de Jung

Como a faculdade mediúcnica também está radicada no sistema nervoso, com área, ou áreas, cerebral específica, pois de outro modo não poderia ser exercida pelo ser humano, é perfeitamente lógico que Jung possuísse uma carga genética importante nesse setor, como abordei linhas atrás. Sua mediunidade – ou como diriam os parapsicólogos: sua faculdade *paranormal* – apresentou-se desde cedo:

Reconheço em mim também algo dessa natureza arcaica (a natural mind). De minha mãe herdei o dom, nem sempre agradável, de ver homens e coisas tais como são. Naturalmente posso enganar-me redondamente quando não quero reconhecer algum detalhe, mas no fundo sempre sei do que se trata. O “conhecimento real” está ligado a um instinto, a participation mystique com o outro. Poder-se-ia dizer que é o “olhar mais profundo” que vê, num ato impessoal de intuição (Jung, 1997, p. 56).

Identificamos aí um elevado grau de *sensitividade*. Este fundamento da faculdade mediúnica é muito mais generalizado em faculdades explícitas, e permite percepções incomuns e inconscientes sobre pessoas e situações. Jung denomina essa capacidade sensitiva de *função intuição*. A Intuição é definida por ele:

(vem de *intueri* = olhar para dentro). Segundo meu ponto de vista é uma função psicológica básica (**v. função**). É a função psicológica que transmite a percepção **por via inconsciente**. Tudo pode ser objeto dessa percepção, coisas internas ou externas e suas relações... Na intuição, qualquer conteúdo se apresenta como um todo acabado sem que saibamos explicar ou descobrir como este conteúdo chegou a existir. (Jung, 1991, par. 865.).

Essa capacidade de avaliar um objeto, sem maiores informações conscientes, pode ser exemplificada por um episódio tragicômico: na festa de casamento de uma amiga da esposa de Jung, ele começou a conversar, à mesa, com um senhor que lhe fora apresentado como advogado. Puseram-se a trocar idéias sobre psicologia criminal. Para responder a uma determinada questão, Jung pôs-se a criar um caso, que adornou com diversos detalhes. À medida que falava, percebeu que o interlocutor mudava de expressão, e um silêncio incômodo se fazia em torno da mesa. Como estivessem já na sobremesa, calou-se, sem entender o que estava acontecendo. Levantou-se, então, indo para o hall do hotel, onde a festa transcorria, e ali acendeu um charuto, enquanto pensava na situação. Um dos convivas aproximou-se dele, dizendo em tom de censura:

- Como é que o senhor pôde cometer uma tal indiscrição?
- Indiscrição?
- Sim, a historia que contou!
- Mas eu a inventei de ponta a ponta!

Com grande espanto, soube então que contara com todos os detalhes a história do advogado que se sentara diante de mim, à mesa. Constatei igualmente que não me lembrava mais de uma só palavra de tudo o que dissera, esquecimento que perdura até hoje.

Várias vezes em minha vida me inteirei subitamente de certos acontecimentos que não podia conhecer. Esse saber me assaltava a modo de uma idéia súbita. Ocorria o mesmo com minha mãe. Ela não sabia o que dizia, mas sua voz tinha uma autoridade absoluta e exprimia exatamente o que convinha à situação. (Jung, 1997, pp. 56-57).

Eventos semelhantes ocorrem com muitas pessoas, causando embaraços, facilitando negócios ou esclarecendo situações. Quando alguém se dedica à prática paranormal ou a estudos assemelhados no campo da religião ou do ocultismo, tais percepções costumam atingir um elevado grau e acontecer mais frequentemente. Às vezes, como no caso de Jung, cria constrangimentos terríveis, como eu mesmo pude comprovar em algumas oportunidades.

Uma Experiência de Assombração

A experiência com uma casa assombrada, foi de grande importância para que o criador da Psicologia Complexa ampliasse seus conceitos em torno dos fenômenos paranormais. Ele conta que o fato ocorreu no verão de 1920, durante sua estada em Londres para uma série de conferências. Para tanto, depois de muita procura, foi alugada pelos organizadores uma casa de campo, antiga; uma fazenda em *Buckinghamshire*, onde ficou hospedado ao término da primeira semana de trabalhos. Era um alojamento simples, mas confortável, pois a casa era grande, de dois andares. Tinha duas alas, mas apenas uma foi utilizada.

A primeira noite passada na casa transcorreu sem qualquer incidente, proporcionando um repouso completo. Mas, na segunda, uma série de manifestações espontâneas e estra-

nhas tiveram início. Estando cansado por causa dos trabalhos do dia, Jung não conseguia adormecer, sendo tomado por torpor desagradável. Sentia o ar abafado e um cheiro indefinível pairando no ar. Pensando que houvesse esquecido de abrir as janelas do quarto conseguiu acender uma vela, apesar do torpor que o tomava. Acontece que as janelas estavam abertas e uma brisa agradável entrou pelo quarto, saturando-o *com o perfume das plantas de verão*. Nada do mau cheiro que sentira. Permaneceu acordado naquele estado alterado de consciência, até notar que a alvorada se fazia no leste, prenunciando o nascer de um novo dia. Nesse momento todo o torpor passou, com por encanto, e ele adormeceu profundamente, só acordando pelas nove horas da manhã.

É muito comum uma pessoa sentir um mal indefinível: angústia, medo irracional, temor sem causa aparente, etc., em casa que visita ou cômodos onde está alojada. É algo tão corriqueiro que, em geral, não se lhe dá a importância que têm. Os estudos paranormais indicam a presença de entidades espirituais perturbadas mentalmente, ou que o ambiente está saturado de energias derivadas de emoções intensas, oriundas de graves crises vividas no local. O raiar do dia sempre trás alívio dos temores noturnos. A causa disso é tanto psicológica – a noite favorece o contacto com o inconsciente, produzindo uma série de fenômenos e sensações desagradáveis e amedrontadoras – quanto física. Neste último aspecto, a luz do sol parece ter a capacidade de combater as energias psíquicas deprimentes, dissipando-as.

Ao comentar com seu anfitrião o fato de haver passado mal a noite, recebeu dele a recomendação de tomar uma garrafa de cerveja antes de dormir. Naturalmente que Jung fez uso da receita, mas sem qualquer resultado prático, pelo contrário, tudo aconteceu igual à noite anterior. As janelas estavam abertas, um vento fresco percorria o quarto. Lentamente sentiu que o ar se tornava abafado, com um desagradável chei-

ro de mofo, chegando a se tornar repulsivo. Era um odor difícil de definir, como se algo de doentio pairasse no ar. Começou, então, a deixar correr as lembranças que o cheiro evocava, através de seus oito anos de clínica psiquiátrica. Repentinamente, lhe veio à mente a recordação de uma senhora idosa, que sofria de carcinoma exposto. O cheiro que sentia no momento era semelhante àquele que recordava, pois o sentira muitas vezes quando ia ao seu quarto de enferma.

Neste ponto a sensações paranormais começaram a se transformar em efeitos objetivos, pois a percepção de odores é uma das mais básicas de fenomenologia paranormal. Para que esses fenômenos aconteçam é necessário que haja um médium capaz de fornecer o ectoplasma, o próprio Jung era esse médium, pois demonstrou possuir esta capacidade mediúnica, em outras oportunidades. E, é claro, que o odor ativou a reminiscência por associação, fazendo-o recordar da senhora doente.

Estudioso da mente humana, Jung pôs-se a analisar o que estava ocorrendo consigo, procurando uma explicação lógica para as sensações e percepções inusitadas. Qual seria a causa da alucinação odorífica? Não conseguiu estabelecer qualquer conexão entre ela e seu estado consciente: *Apenas me sentia mal, pois o torpor me paralisava* (Jung, 1998, par. 767). Não conseguindo pensar em nada, caiu num torpor semiconsiente, quando começou a ouvir um gotejamento regular, o que lhe fez pensar que não fechara a torneira direito. Acontece que não havia água corrente no quarto, recordou-se. Imaginou que estivesse chovendo, porém se lembrava de que o dia estava muito bonito e claro. O gotejar continuava, regularmente, num intervalo de dois segundos entra cada pingo. Por essa altura devia haver uma poça de água do lado esquerdo da cama, pensou, pois o telhado deveria estar com uma goteira em algum lugar. Fazendo um grande esforço, conseguiu acender a vela, indo em direção à cômoda. Admirado,

verificou que não havia qualquer vestígio de água no chão, nem no teto de gesso. Olhando para a janela, viu que o céu estava pintalgado de estrelas. Continuava, porém, a ouvir as gotas caindo, mais ou menos a meio metro em frente da cômoda. Poderia até toca-lo com a mão. Repentinamente, como se iniciara, o gotejamento parou, sem mais aparecer. Ele só conseguiu adormecer pelas três horas da madrugada. Pensou que tivesse ouvido o ruído de cupins roendo a madeira do forro, mas comparando um ruído com o outro, verificava que o deles era mais agudo, diferentemente de gotas de água caindo no chão.

As manifestações físicas começaram a se ampliar, e os *raps*, como são chamados os ruídos paranormais no jargão da Parapsicologia, se apresentaram. *Um dos mais belos fenômenos da Metapsíquica objetiva é o das pancadas. Infelizmente, as pancadas fortes para serem claramente ouvidas são fenômenos bastante raros* (Richet, 1976, p.162). Não há, pois, como duvidar que Jung fosse o *epicentro*, proporcionador dessa série de episódios mediúnicos.

Naturalmente as atividades da semana agiram como fator de polarização das idéias e sentimentos de Jung, fazendo-o esquecer das experiências inquietantes do final de semana anterior. Mas, os problemas estavam apenas esperando para ter continuidade. Num outro final de semana, depois de estar deitado por meia hora, tudo voltou a acontecer, da mesma forma: o torpor, o odor desagradável, e um ruído diferente, como se fora o esfregar de papel áspero contra a parede, enquanto os móveis estalavam aleatoriamente. Podia escutar também sussurros estranhos que pareciam vir de variados lugares do quarto. Uma calma esquisita, descreveu ele, pairava no ar. Pensando ser o vento, acendeu a luz, querendo fechar a janela, mas verificou que a noite estava serena, sem qualquer sinal de vento. Enquanto a luz estava acesa, tudo voltou ao normal: o ar fresco e nada dos barulhos estranhos. Mas assim

que apagou a luz, o torpor voltou lentamente ao seu corpo, o ar tornou-se pesado e os estalos e sussurros recomeçaram. Racionalizou, pensando que estivesse com zunidos nos ouvidos. Novamente, pelas três horas da manhã, tudo sumiu como por encanto.

No dia seguinte, Jung usou novamente a prescrição da cerveja antes de dormir, com absoluto insucesso. Os fenômenos ocorreram com maior intensidade. Somente então pensou que poderia ser um evento parapsicológico. Ele sabia que isto podia acontecer, provocado por conteúdos constelados inconscientemente que têm às vezes a tendência de se manifestar no exterior. Mas, conhecendo os problemas dos antigos moradores da casa, não conseguia descobrir nada que explicasse as ditas exteriorizações. *No dia seguinte indaguei cautelosamente como haviam dormido as outras pessoas. Todos elogiaram o bom sono que haviam tido* (Jung, 1998, par. 769).

Na terceira noite os acontecimentos pioraram. Jung escutou o som de pancadas, tendo a impressão que um animal, assim como um cão, andava pela casa como se estivesse amedrontado. Como das outras vezes, tudo sumiu pela madrugada.

O que chama a atenção nesta descrição é o fato da percepção do animal em pânico. Seria o caso de se perguntar se o animal havia deixado o registro psíquico de seu medo, ou se ele próprio ainda perambulava pelo ambiente espiritual da residência, juntamente com alguns dos seus finados ocupantes. Existem registros de fatos dessa última ordem (Bozzano, 1998).

No terceiro final de semana os fenômenos aumentaram de intensidade. Os sussurros transformaram-se em bramir de tempestade, com ventos zunindo fortemente. As batidas vinham do lado de fora, e produziam um som surdo, como se alguém estivesse batendo nas paredes de tijolos do primeiro andar, com uma marreta envolta em panos. Jung teve de verificar por várias vezes que não havia tempestade, e que ninguém poderia dar marretadas nas paredes pelo lado de fora.

Os *raps* não só continuaram, como aumentaram, assumindo o som de ventos tempestuosos e batidas de martelo. É sabido de inúmeros casos semelhantes, em todos os países do mundo. Foram fenômenos dessa ordem que tornaram famoso o caso da Família Fox. São comuns os ruídos e pancadas paranormais em casas ou lugares assombrados.

Após o quarto final de semana, Jung resolveu dizer ao seu hospedeiro que a casa deveria ser assombrada, sendo esta a causa do baixo preço do aluguel. É claro que a declaração foi recebida com ceticismo e risos. Uma coisa, porém, chamou atenção do psiquiatra suíço, duas moças que executavam serviços de manutenção da casa, após o jantar faziam seus deveres rapidamente, retirando-se antes do sol se pôr. Intrigado com tal comportamento, Jung observou:

Brinquei com a cozinheira, dizendo que ela tinha medo de nós, pois toda noite vinha uma amiga apanhá-la e, mais que depressa, ia para casa. Ela sorriu e disse: “Não tenho medo dos senhores, mas não ficaria um instante sequer sozinha nesta casa, ou após o pôr-do-sol”. Perguntei-lhe: “Mas, o que há de errado aqui?” Ela respondeu: “O senhor não sabia que esta casa é assombrada? Eis a razão por que a conseguiram tão barato. Ninguém agüentou ficar aqui” (Jung, 1998, par. 772).

Embora o anfitrião de Jung se mostrasse cético diante de sua conclusão de que a casa era *assombrada*, foi levada a cabo uma vistoria por toda ela, sem maior conseqüência, senão a descoberta, no sótão, de uma parede separando a casa em duas alas.

Finalmente, no quinto final de semana a coisa foi de tal modo insuportável, que Jung pediu ao seu anfitrião que lhe arranjasse outro quarto, pois aconteceram os seguintes fatos: sussurros, estalidos e batidas. Pancadas do lado de fora, nas paredes, e a impressão de que havia algo perto dele. Abriu os olhos, com muito esforço. Nesse momento, teve a visão que ao

seu lado, deitada no travesseiro, estava a cabeça de uma senhora idosa, que o olhava com o olho direito bem aberto. Ela não tinha a parte esquerda do rosto até a cavidade ocular. O susto foi tão grande, que Jung saltou da cama, acendeu a vela e passou o resto da noite sentado numa cadeira. Mudando de quarto na noite seguinte, dormiu tranqüilamente, não sendo mais perturbado por qualquer outra manifestação estranha.

Comunicando novamente ao seu hospedeiro que a casa era assombrada, foi escutado com um sorriso descrente, que o deixou aborrecido, embora pensasse que era uma reação natural. Sua saúde chegara a ficar abalada com as experiências. Sentia-se esgotado, como nunca sentira antes. Desafiou então seu anfitrião a passar uma noite no quarto, onde as assombrações haviam ocorrido. Ele aceitou, e disse que passaria ali um final de semana sozinho, comprometendo-se sob palavra de honra que contaria tudo o que acontecesse.

Na verdade, acredito que Jung viu o espírito que estava provocando todos aqueles fenômenos, ou que era o núcleo central em torno do qual aconteciam. Essa explicação é tanto, ou mais, plausível quanto à de que seria *uma exteriorização de conteúdos constelados no inconsciente, projetados para o exterior*.

Depois de sua viagem de volta para casa, Jung recebeu uma carta do Dr. X, como ele chama seu hospedeiro, onde ele narrava que, aceitando o desafio, fora passar o fim de semana sozinho na casa. Armou uma cama de campanha no caramanchão, tendo o cuidado de levar consigo uma espingarda. Não demorou muito, e começou a ouvir ruídos de passos no corredor da casa. Acendendo a luz, abriu a porta que dava acesso ao corredor e, não havia ninguém. Voltou para a cama, e os passos recomeçaram. Como a porta não tivesse chave, prendeu-a com uma cadeira. Pouco tempo depois os passos se fizeram ouvir novamente. O incrédulo hospedeiro, então, transferiu sua cama para o jardim, passando a noite ao

ar livre, mesmo tendo chovido. Somente assim livrou-se da *assombração*. Estava assim comprovada a realidade das percepções de Jung. Tempos depois, o Dr. X lhe comunicou que o dono da casa não conseguira vendê-la, e resolvera demolí-la. Somente assim acabou-se a *infestação paranormal*.

Jung tenta explicar os fatos que o incomodaram, chegando a ponto de afetar sua saúde, sem conseguir. Os pingos não poderiam ser uma alucinação, pois estava completamente acordado e examinou o assoalho, onde pareciam acontecer. Acreditava que os barulhos e sussurros que não foram objetivos, mas uma ilusão, talvez um zunir nos ouvidos, que imaginava provir do quarto. Pelo estado hipnóide, pareciam intensos e fortes. As pancadas poderiam ser o som das batidas do seu coração, que pensava virem do exterior.

Meu estado de torpor estava ligado a um estado de excitação interna que certamente correspondia a um medo. Este era para mim inconsciente até o momento da visão e só depois dela surgiu na consciência. A visão teve o caráter de uma alucinação hipnagógica e foi provavelmente uma reconstrução da lembrança da senhora idosa com carcinoma.

No tocante à alucinação do cheiro, suponho que minha presença no quarto ativou aos poucos alguma coisa que estava nas paredes. Pareceu-me que o cão andando em pânico de cá para lá representava minha intuição (que na linguagem comum é ligada ao nariz – a um “bom nariz”). Eu tinha “farejado” algo. Se o órgão olfativo não estivesse tão degenerado no homem, mas estivesse tão desenvolvido como num cachorro, eu teria tido uma idéia mais precisa das pessoas que haviam ocupado anteriormente este quarto. Os curandeiros primitivos conseguiram cheirar não só um ladrão, mas também “espíritos”.

A catalepsia propriamente hipnóide, com a qual foram sempre relacionados estes fenômenos, equivale a uma concentração intensa, cujo objeto foi uma percepção olfativa subliminar e, por isso, “fascinante”; algo semelhante ao estado psíquico de um cão perdigueiro que sentiu o cheiro. O agente fascinante parece-me ter sido de natureza peculiar que não é suficientemente explicada por uma substância emitindo chei-

ro; o cheiro pode ter “incorporado” uma situação psíquica de natureza excitante e tê-la transferido para o percebedor. Isto não é impossível, se considerarmos a extraordinária importância do sentido do olfato nos animais. Também não é impossível que a intuição tenha assumido no homem o lugar do mundo dos cheiros que se perdeu com a degeneração do sentido olfativo. O efeito da intuição sobre o homem é semelhante à repentina fascinação que os cheiros exercem sobre os animais. Pessoalmente fiz algumas experiências em que cheiros “psíquicos”, ou seja, alucinações de cheiro significaram intuições subliminares, conforme pude constatar mais tarde.

Com esta hipótese não se pretende explicar todos os fenômenos espíritos, mas no máximo uma certa categoria deles. Já li e ouvi grande número de histórias de espíritos. Entre elas estão algumas que poderiam ser explicadas dessa forma, por exemplo, aquelas segundo as quais num quarto onde ocorreu um assassinato se desenvolveu um fantasma. Num caso ainda havia vestígios de sangue escondidos sob um cobertor. Um cachorro certamente teria farejado o sangue e talvez reconhecido o sangue humano, e se possuísse a imaginação humana talvez pudesse reconstruir mais ou menos o ato de violência. Nosso inconsciente, que possui poderes de percepção e reconstrução muito mais sutis do que a consciência poderia fazer o mesmo e projetar uma imagem visionária da situação psíquica que a estimulou. Um parente me contou, por exemplo, que viajou para fora do país e hospedou-se num hotel. De noite teve um pesadelo terrível sobre uma mulher sendo assassinada em seu quarto. Dias depois, veio, a saber, que na noite anterior à sua estadia no hotel fora realmente assassinada uma mulher naquele quarto. Com essas observações quis apenas dizer que a parapsicologia faria bem em aproveitar os conhecimentos que a psicologia moderna tem do inconsciente (Jung, 1998, pars. 778-781).

Este caso foi escrito pelo próprio Jung em abril de 1950, nele existe um amálgama de *sensitividade*, *psicometria*, *efeitos físicos* e *vidência*. Mas, além disso, há o fato do quarto *assombrado*. Tudo indica que não havia apenas uma *impressão emocional* no ambiente, mas que o espírito da senhora – e

de todos os que conviveram com ela – que ali sofreu e morreu, ainda vagasse pelas imediações do quarto onde sofreu seu drama particular, bem como nele ainda se refugiasse, num fenômeno típico de *medo do desconhecido*, que acomete boa percentagem de pessoas que morrem sem uma clara visão da imortalidade, ou que se intoxicaram durante a existência com mitos religiosos deprimentes e amedrontadores sobre o *Além*, como o Inferno, por exemplo, com seus *capetas* sempre prontos a dominar e torturar as almas de consciência culpada.

As tentativas de explicação de Jung devem ser levadas em conta, como ele próprio admite, em algumas situações. A pura colocação do inconsciente como produtor dos fenômenos nos põe diante de uma teoria que pretende alienar os *mortos* do contexto. Mas isto, nos coloca diante de um paradoxo lógico: se o inconsciente da alma ligada ao corpo pode produzir os eventos paranormais, o que impede esta mesma alma de ser também, fora do corpo, a origem deles? Esta pergunta crucial foi feita por Bozzano, e até hoje os adeptos do *animismo* não deram resposta. Simplesmente a têm ignorado. Jung começou a tecer uma teoria sobre o estado da *alma dos mortos*, que se assemelharia ao dos conteúdos do inconsciente, isto é, manteriam o estado em que ali entraram, sem qualquer evolução, mas dedicarei um capítulo à análise deste assunto.

Em muitos casos, porém, a psicometria pode ser a faculdade que permita a captação de eventos dolorosos acontecidos em lugares determinados, motivadores de intensas e descontraídas emoções. Em outras oportunidades, a presença dos atores desencarnados de um drama humano pode ser a causa de eventos paranormais, sendo percebidos pela mediunidade dos que chegam ao local. A diferença maior entre fenômenos de *impressão emocional do ambiente* e a *ação de espíritos* reside na forma como as cenas acontecem. Quando se trata de uma *impressão*, elas se repetem como uma película cinematográfica *ad nauseam*, ou seja, reproduzem-se de

forma sistematicamente, sem variação. Quando se trata da ação de espíritos, existe a característica natural da espontaneidade e do ineditismo.

No caso de Jung, acredito que entram em atividade várias percepções mediúnicas, simultaneamente. Os passos ouvidos pelo seu hospedeiro, no teste que fez, indica a existência de uma *entidade*, independente, ligada ao local.

Mediunidade de Vidência

Dentro de sua polimorfia mediúnica, Jung descreve uma série de visões que o caracterizam como uma pessoa capaz de ver além das limitações naturais da visão fisiológica, como acontece a várias pessoas.

No sub-capítulo anterior, apresentei um evento em que se manifestou a vidência de Jung, e que se enquadra na definição de Kardec, e que destaco aqui: *Vi então, ao meu lado, no travesseiro, a cabeça de uma senhora velha que me fixava com o olho direito bem aberto. Faltava a parte esquerda do rosto até o olho. Isto foi tão repentino e inesperado que dei um salto da cama, acendi a luz e passei o resto da noite numa cadeira à luz da vela.*

A *vidência e clarividência* mediúnicas vão acontecer ainda em outras oportunidades, na vida de Jung, o que abordaremos em momento oportuno.

No caso já citado, onde ele descreve que viu dois espíritos saindo do quarto onde sua mãe dormia, o detalhe da separação da cabeça denuncia espíritos malévolos, com o propósito de assustar.

Em plena crise psicológica, depois do rompimento com Freud, Jung resolveu entregar-se a um mergulho interior ou como ele diz, às suas *fantasias*. Acontece que tais fantasias se corporificaram. Primeiro se apresentaram como um casal, que

se denominam Elias e Salomé. Salomé era uma mulher bonita, porém cega. Ambos demonstram independência e sabedoria, orientando e esclarecendo muitos problemas existenciais de Jung. Na verdade acredito que estamos diante de desdobramentos e vidências, as quais começam com o acesso a um lugar, que a mim parece se localizar no *mundo espiritual*. Ele diz que primeiro apareceu a imagem de uma cratera, e ao mesmo tempo *lhe pareceu estar no mundo dos mortos*³¹. Duas figuras, uma bela jovem e um homem idoso, de barba branca, foram vistas por ele ao pé de um alto muro rochoso. Para abordá-los, teve de reunir toda a sua coragem. E o fez como se fossem seres normais, escutando o que lhe diziam, atentamente. O homem disse chamar-se Elias, o que lhe causou um abalo. Já a moça disse chamar-se Salomé. Achou o casal estranho, mas Elias lhe informou os dois estavam ligados de toda a eternidade, o que o fez ficar mais confuso ainda. Mais tarde Jung os identifica como as figuras bíblicas tão conhecidas: *Naturalmente, tentei tornar plausível a aparição dos personagens bíblicos em minha fantasia, uma vez que meu pai fora pastor* (Jung, 1997, p. 161). A tentativa de entender como uma fantasia ancorada nas recordações da infância, por quê seu pai fora pastor, me parece um tanto forçada, e o próprio Jung reconhece: *Mas isso não esclarecia coisa alguma* (Jung, 1997, p. 161).

Compondo o quadro, aparecia uma serpente negra que, segundo Jung, apresentava uma certa *inclinação* por ele, e vivia com o casal. *Preferi dirigir-me a Elias, porque se afigurava o mais razoável dos três, parecendo dispor de uma boa compreensão. Salomé inspirava-me desconfiança. Mantive com Elias uma longa conversa, cujo sentido não consegui compreender* (Jung, 1997, p. 161).

³¹ Destaque meu.

A frase final é deveras interessante. Em geral, as conversas mantidas em estado de desdobramento não se conservam na memória consciente de forma total, parecendo incompreensíveis. E isto é muito natural, pois se dão fora do âmbito dos sentidos, pelos quais a *consciência* física se produz.

É claro que Jung interpretou os dois personagens espirituais de acordo com a teoria psicológica que vinha construindo, então:

Salomé é uma figuração da Anima. É cega, pois não vê o sentido das coisas. Elias é a figuração do profeta velho e sábio: representa o elemento do conhecimento, e Salomé, o elemento erótico. Poder-se-ia dizer que esses dois personagens encarnam o Logos e o Eros. Mas tal definição já é intelectual demais. É mais significativo deixar que esses personagens sejam, primeiro, o que então me pareceram ser, isto é, expressões de processos que se desenrolavam no fundo do inconsciente (Jung, 1997, p. 162).

O que talvez Jung não tenha percebido claramente é que, mesmo uma visão real, isto é, o contato com espíritos de pessoas que já deixaram o corpo físico, pelo próprio caráter *numinoso*, é utilizado pelo *self* como um meio de transmissão de mensagens importantes para a existência do *vidente*.

O personagem que surge a seguir, nas *fantasias* de Jung, é *Filemon*, o qual é por ele descrito como:

um pagão que trouxe a superfície uma atmosfera meio-egípcia, meio-helenística, de tonalidade algo gnóstica. Sua imagem apresentou-se primeiro num sonho. Havia um céu azul, que também parecia ser o mar. Estava coberto, não de nuvens, mas de torrões de terra que pareciam desagregar-se, deixando visível, entre elas, o mar azul. A água, entretanto, era o céu azul. Subitamente, apareceu um ser alado pairando a direita. Era um velho com chifres de touro. Trazia um feixe de quatro chaves, uma das quais estava em sua mão como se fosse abrir uma porta. As asas eram semelhantes as do martim-pescador,

com suas cores características. Como não compreendesse a imagem do sonho, pintei-a para figurá-la com maior exatidão. Durante os dias em que esse sonho me preocupou, encontrei um martim-pescador morto em meu jardim, a beira do lago! (Jung, 1997, p. 162).

É interessante que Jung nos diz que:

Filemon representava uma força que não era eu. Em imaginação, conversei com ele e disse-me coisas que eu não pensaria conscientemente. Percebi com clareza que era ele, e não eu, quem falava. Explicou-me que eu lidava com os pensamentos como se eu mesmo os tivesse criado; entretanto, segundo lhe parecia, eles possuem vida própria, como animais na floresta, homens numa sala ou pássaros no ar: “Quando vês homens numa sala, não pretendieras que os fizeste e que és responsável por eles”, ensinou-me. Foi assim que, pouco a pouco, me informou acerca da objetividade psíquica e da “realidade da alma” (Jung, 1997, p. 162).

Pelo que se vê, Filemon era um espírito, com o qual Jung conversava, e que o instruía sobre as coisas da alma. E por quê teria de ser uma mera elaboração do *inconsciente*? Ninguém, em sã consciência, poderá negar o poder exercido pelos conteúdos inconscientes na vida do indivíduo. Mas daí a torná-lo absoluto e todo-poderoso, é construir uma entidade mais poderosa do que o Deus admitido por todas as grandes religiões ou sistemas filosóficos espiritualistas. No caso de alguém ter uma visão de uma *alma do outro mundo*, afirma-se: é uma alucinação criada pelo inconsciente! Foram ouvidas frases e mensagens por clariaudiência, conclui-se que podem ser de duas origens: esquizofrenia ou alucinações auditivas, produzidas pelo inconsciente! Fenômenos de efeitos físicos? Projeções do inconsciente, tornadas palpáveis³². Enfim, o inconsciente se tornou um proteu, toma qualquer forma, ao sabor das *fantasias científicas* do momento. É muito mais simples se admitir que o inconsciente é capaz de muitas

³² A bem da verdade Jung não partilhava dessa opinião em particular.

façanhas, mas que as *almas dos mortos* também o são. Agora, é verdadeira a afirmação de que as ações das almas dos mortos, através dos médiuns, são realizadas via inconsciente destes.

Psicologicamente, Filemon representava uma inteligência superior. Era para mim um personagem misterioso. De vez em quando tinha a impressão de que ele era quase fisicamente real. Passeava com ele pelo jardim e o considerava uma espécie de guru, no sentido dado pelos hindus a esta palavra... ..nada me pareceria mais desejável do que ter um guru real e concreto, um guia dotado de um saber e de um poder soberano que me ajudasse a desenredar as criações involuntárias da minha imaginação. Foi esta tarefa que Filemon assumiu e que, sob este ponto de vista, nolens volens, eu devia reconhecer como “psicagogo”. Ele me encaminhou para muitos esclarecimentos interiores (Jung, 1997, p. 163).

É por isso que sou obrigado a concluir que se tratava mesmo de uma entidade independente, com vida própria, e não apenas um conteúdo do inconsciente coletivo de Jung. Aliás, ele próprio termina por desconfiar disso:

Passados mais de quinze anos, recebi a visita de um hindu muito culto, idoso, amigo de Gandhi. Conversamos sobre a educação hindu, especialmente sobre a relação entre o guru e o chelah. Perguntei-lhe, indeciso, se ele podia falar acerca da natureza e do caráter de seu próprio guru; ao que ele respondeu com a maior naturalidade:

– “Oh! sim, era Chankaracharya”.

– “O senhor não está se referindo ao comentador dos Vedas?” eu disse. “Ele morreu há séculos.”

– “Sim, é dele que estou falando”, replicou meu interlocutor, com grande surpresa de minha parte.

– “O senhor está falando de um espírito?” perguntei.

– “Naturalmente, de um espírito”, ele confirmou.

Nesse momento lembrei-me de Filemon.

– “Há também gurus espirituais”, ele acrescentou. “A maioria dos seres têm gurus que são homens vivos. Mas há os que tem um espírito por mestre”.

Esta notícia foi para mim tão consoladora quanto esclarecedora. Eu não exorbitara o mundo dos humanos, mas fizera a experiência do que pode ocorrer a homens que tem preocupações análogas (Jung, 1997, pp. 163-164).

Filemon foi substituído, mais tarde, por um outro personagem que Jung denominou de *Ka*. Ele a percebe como subindo de um poço profundo. Inclusive pintou esse personagem como o deus Hermes, com uma asa de Martim-pescador no alto e outras representações simbólicas.

Filemon tem um pé paralisado, mas é um espírito alado, enquanto o *Ka* é uma espécie de demônio da terra ou dos metais. Filemon encarna o aspecto espiritual, o “sentido”. O *Ka*, pelo contrário, é um gênio da natureza como o *anthroparion*³³ da alquimia grega, que eu desconhecia nessa época. O *Ka* é aquele que torna tudo real, mas que vela o espírito do martim-pescador, o sentido, ou que o substitui pela beleza, pelo “etero reflexo” (Jung, 1997, p. 164).

A conclusão dessas visões é que, pelo menos em sua maior parte, constituíam fenômenos paranormais, ou mediúnicos, onde espíritos desencarnados tinham uma participação ativa no esclarecimento de Jung, quanto aos conteúdos da psiquê em geral, e dos inconscientes pessoal e coletivo em particular.

Alguns filhos de Jung, pelo menos, apresentam percepções paranormais de vidência. Ele narra que, enquanto meditava no conjunto de idéias que lhe fornecera o *espírito* Filemon, a atmosfera psíquica de sua casa apresentou uma tensão muito forte, proporcionando alguns fenômenos interessantes, dentre os quais o seguinte: *Nossa casa parecia assombrada: a*

³³ *Anthroparion* é um homenzinho, uma espécie de homúnculo. O grupo de *anthroparions* compreende os *gnomos*, os *dáctilos* da Antiguidade, o homúnculo dos alquimistas. O *Mercurius* alquimista também era, enquanto espírito do mercúrio, um *anthroparion*. (A. J.).

noite minha filha mais velha viu uma forma branca atravessar o quarto (Jung, 1997, p. 169).

Eu separei este caso de vidência, pois o conjunto de acontecimentos diz respeito a outros fenômenos que são apresentados nos locais adequados.

Mediunidade Auditiva

Eles (os médiuns audientes³⁴) escutam as vozes dos espíritos; é, como dissemos falando da pneumatofonia, algumas vezes uma voz íntima que se faz escutar no foro interior; outras vezes é uma voz exterior clara e distinta como a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem, dessa maneira, entreter conversações com os espíritos. (Kardec, 1972, 165).

Esse interessante fenômeno acontecia com Jung com muita frequência, ele o descreve como uma *conversa interior*, quando, então, mantinha diálogos com uma voz interna. A mim me parece um caso claro de audiência, ou seja, escutar vozes de espíritos. Como descrito por Allan Kardec, muitas vezes acontece o médium manter uma conversa efetiva, onde o espírito é o interlocutor invisível, e suas respostas e/ou inquirições, bem como esclarecimentos são extremamente claros. Outras vezes apenas se escutam frases ou conselhos, sem interlocução. A seguir uma descrição de Jung de um desses *diálogos interiores*:

Vivi, nesse momento, um instante de excepcional lucidez: diante de meus olhos desenrolou-se o caminho que até então percorrera. Pensei: “Possuo agora a chave para a mitologia, e poderei abrir todas as portas da psique humana inconsci-

³⁴ Inserção aclarativa.

ente” . Ouvi, então, uma voz murmurar dentro de mim: “Por que abrir todas as portas?” E logo emergiu a interrogação sobre o que já havia realizado. Eu esclarecera os mitos dos povos do passado; escrevera um livro sobre o herói, este mito em que o homem sempre viveu.

“Mas em que mito vive o homem de nossos dias?

– No mito cristão, poder-se-ia dizer.

– Por acaso vives nele? algo perguntou em mim.

– Respondendo com toda a honestidade, não!

Não é o mito no qual vivo.

– Então não vivemos mais um mito?

– Não. Parece que não vivemos mais um mito.

– Mas qual é o mito para ti, o mito no qual vives?”.

Sentia-me cada vez menos à vontade e parei de pensar.

Atingira um limite (Jung, 1997, p. 152).

Os fenômenos de vidência são, geralmente, acompanhados da audição das palavras que os espíritos pronunciam. Muitas vezes, como nos casos do sub-capítulo anterior, trava-se um diálogo coerente e longo.

Durante a crise que Jung passou, depois do rompimento com Freud – a qual lhe deu condições de elaborar seu notável sistema psicológico –, além de vários fenômenos mediúnicos, aconteceu um que pode ser enquadrado na categoria de percepção sensitiva, acompanhada de um fenômeno de audiência mediúnica:

A atmosfera era: terrivelmente opressiva. Percebi que algo ia acontecer. A casa parecia repleta de uma multidão, como se estivesse cheia de espíritos! Estavam por toda a parte, até mesmo debaixo da porta, mal se podia respirar. Naturalmente, uma pergunta ardia em mim: “Em nome do céu, o que quer isto dizer?” Houve então uma resposta uníssona e vibrante: “Nós voltamos de Jerusalém, onde não encontramos o que buscávamos”. Estas palavras correspondem as primeiras linhas dos *Septem Sermones ad Mortuos* (Jung, 1997, p. 169).

Fenômenos de Efeitos Físicos

Uma das faculdades paranormais mais impressionante é a de *efeitos físicos*, ou seja, o acontecimento de fenômenos materiais com intenção específica, muitas vezes denunciando propósitos inteligentes e determinados, mas cuja origem não pode ser atribuída a qualquer agente físico, humano ou natural. Sobre o assunto, diz Allan Kardec:

Dá-se o nome de manifestações físicas àquelas que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como os ruídos, o movimento e o deslocamento de corpos sólidos. Uns são espontâneos, quer dizer independentes de toda vontade; outros podem ser provocados (Kardec, 1972, 60).

Os fenômenos de *efeitos físicos* se produzem através de uma energia própria denominada *ectoplasma*³⁵, termo empregado por Charles Richet (1850-1935) para designá-la, na sua Metapsíquica, a ciência que pretendeu criar com a finalidade de estudar todos os fenômenos ditos espíritas.

Leiamos com atenção o que conta Jung a respeito de fatos dessa ordem acontecidos consigo, durante as férias escolares do verão. Um dia, estando no seu escritório a estudar. A porta estava entreaberta, e sua mãe fazia tricô na sala de jantar, perto de uma mesa grande, redonda, feita com a madeira da nogueira, uma herança familiar. A irmã ainda não chegara da escola, e a empregada da casa fora à Igreja. De repente, um ruído semelhante a um tiro de revólver o fez correr para a sala, onde sua mãe, cujo tricô caíra das mãos com o susto, olhava para a mesa, balbuciando assombrada: *O que – o que aconteceu? Foi bem perto de mim!* Diante deles a tábua da mesa estava rachada até a metade do seu comprimento, na madeira inteiriça. Tomado de perplexidade, se perguntava Jung

³⁵ Ver sobre o assunto Argollo, 2000 e Argollo 1994.

o significado daquele acontecimento. A mesa era sólida, tendo a madeira secado há mais de sessenta anos. Apesar de ser um dia de verão, a umidade da casa era um tanto alta:

Se o fato tivesse ocorrido perto da lareira acesa, num dia de inverno frio e seco, seria compreensível. Mas o que teria ocasionado uma tal explosão? Há casos estranhos, pensei finalmente. Minha mãe fez um sinal com a cabeça e disse com a voz da sua personalidade n^o. 2: “Sim, sim, isso significa algo!”³⁶ Fiquei impressionado e ao mesmo tempo contrariado por não compreender de forma alguma o que tinha acontecido.

Quatorze dias mais tarde voltei para casa às seis horas da tarde e encontrei minha mãe, minha irmã (que então tinha quatorze anos) e a empregada extremamente agitadas. Uma hora antes ressoara de novo um barulho ensurdecido. Desta vez, não tinha sido a mesa já danificada; o estalido viera da direção do buffet, um móvel pesado do começo do século XIX. Elas haviam revistado o móvel, sem encontrar qualquer fenda. Comecei a examinar o buffet e tudo que o cercava, sem sucesso. Depois, explorei seu interior e conteúdo. Na gaveta em que se guardava a cesta de pão encontrei migalhas esparsas e, perto delas, uma faca, com a lamina quase totalmente partida. O cabo encontrava-se num canto da cesta quadrada e nos três cantos restantes havia um pedaço de lamina. Essa faca havia sido usada durante o café das quatro horas e depois guardada. Ninguém se aproximara mais do buffet.

No dia seguinte, levei a faca partida à oficina de um dos melhores couteiros da cidade. Ele examinou as bordas da ruptura com uma lupa e sacudiu a cabeça: “Esta faca – disse – é de boa qualidade, não há defeito no aço; alguém a partiu pedaço a pedaço, talvez introduzindo a lamina na fenda da gaveta; ou então atirou-a de uma grande altura sobre uma pedra. É aço do bom, não pode estourar! Pregaram-lhe uma peça”³⁷.

Minha mãe e minha irmã estavam no quarto quando a súbita explosão as surpreendera. O n^o 2 de minha mãe lançou-me um olhar significativo; eu me mantinha calado. Estava estupefato e não compreendia de forma alguma o que havia acontecido. Irritava-me ter que confessar meu profundo espanto. Por que e como a mesa rachara e a faca estourara? A hipótese

³⁶ Temos aqui um fenômeno de psicofonia ou mediunidade falante, com a mãe de Jung.

³⁷ A faca estilhaçada em quatro partes foi cuidadosamente guardada por Jung. (A. J.).

do acaso me parecia uma mentira. Era improvável que algum dia o Reno corresse em direção a sua fonte e outras possibilidades eo ipso também ficavam excluídas. O que tinha acontecido então? (Jung, 1997, pp. 100-102).

Em 1934, Joseph Bank Rhine enviou a Jung seu livro *Extra-Sensory Perception* e depois, numa carta, lhe pediu informações sobre o citado fenômeno retricitado. Em sua resposta, Jung diz:

No que se refere à faca que explodiu, só posso dizer que este fato aconteceu em 1898 sob circunstâncias aparentemente simples. A faca estava numa cesta ao lado de um pão, e a cesta estava numa gaveta fechada de um bufê. Minha velha mãe estava sentada a uns três metros de distância, perto da janela. Eu estava no jardim, e a empregada trabalhava na cozinha que ficava no mesmo andar. Não havia mais ninguém em asa. De repente a faca explodiu no bufê como o estouro de um tiro de pistola. A princípio não atinamos com o que havia acontecido, até que descobrimos que a faca se partira em quatro partes dentro da cesta. Não havia sinais de corte nem na cesta e nem no pão, de modo que a força explosiva só havia desenvolvido a energia suficiente para despedaçar a faca, tendo-se esgotado completamente depois disso (Jung, 1999, p.194).

Em seguida narra o fato da mesa cujo tampo se partiu, já visto. Mais adiante, diz ele:

Eu suponho que ambos os fatos estavam ligados a um conhecimento que eu travara pouco antes com uma pessoa. Havia conhecido uma jovem senhora com declarada aptidão mediúmica e resolvera submeter-me a algumas experiências. Ela morava a uns quatro quilômetros distante de nós. Naquela ocasião ela não estava nas proximidades de nossa casa, mas pouco depois começaram as sessões com ela. Contou-me que exatamente na época em que aconteceram as explosões havia pensado intensamente nessas sessões. Ela poderia provocar um ruído claramente perceptível em algum móvel e nas paredes. Às vezes aconteciam as batidas ruidosas mesmo que estivesse a quatro quilômetros de distância (Jung, 1999, p. 194).

A jovem era sua prima Hélène Preiswerk, sobre cuja mediunidade e estudos de Jung, escrevi mais acima.

É fácil ver que foram rápidos e não permanentes fenômenos de *poltergeist*, pois havia dois jovens na casa, Jung e sua irmã, todos dois passando por problemas naturais da juventude, e de uma família cheia de conflitos, os quais, como estamos acompanhando nas citações feitas, repercutiam no psiquismo em formação deles. Estas são condições próprias para a ocorrência de *fenômenos de infestação*, como já o têm provado inúmeras pesquisas sérias sobre o assunto (ver Andrade, 1996). O mesmo tipo de fenômeno acontecido mais tarde, em presença de Jung, no escritório de Sigmund Freud – que será analisado a seguir –, indica que era Jung, pelo menos, um *epicentro* de tais comunicações:

Eu queria conhecer as opiniões de Freud acerca da precognição e de parapsicologia em geral. Quando fui vê-lo em 1909, em Viena, perguntei-lhe o que pensava sobre isso. Fiel a seu preconceito materialista, repeliu todo esse complexo de questões, considerando-as mera tolice. Ele apelava para um positivismo de tal modo artificial que precisei conter uma resposta cáustica. Alguns anos decorreram antes que Freud reconhecesse a seriedade da parapsicologia e o caráter de dado real dos fenômenos “ocultos”.

Enquanto Freud expunha seus argumentos eu tinha uma estranha sensação: meu diafragma parecia de ferro ardente, como se formasse uma abóbada ardente. Ao mesmo tempo um estalido ressoou na estante que estava a nosso lado, de tal forma que ambos nos assustamos. Pensamos que a estante ia desabar sobre nós. Foi exatamente essa a impressão que nos causou o estalido. Eu disse a Freud: “Eis o que se chama um fenômeno catalítico de exteriorização”. “Ah, disse ele, isso é um puro disparate!”.

“De forma alguma, repliquei, o senhor se engana, professor. E para provar-lhe que tenho razão, afirmo previamente que o mesmo estalido se reproduzirá”. E, de fato, apenas pronunciara estas palavras, ouviu-se o mesmo ruído na estante.

Ainda hoje ignoro de onde me veio esta certeza. Eu sabia, porém, perfeitamente, que o ruído se reproduziria. Então,

como resposta, Freud me olhou, horrorizado. Não sei o que pensou, nem o que viu. É certo, no entanto, que este acontecimento despertou sua desconfiança em relação a mim; tive o sentimento de que lhe fizera uma afronta. Nunca mais falamos sobre isso³⁸. (Jung, 1997, p. 140).

Da mesma forma como aconteceu em sua casa, os dois fenômenos no gabinete de Freud foram estampidos, sendo que dessa vez não houve ruptura de qualquer objeto. Creio que isto é uma prova indireta importante para determinar a *mediunidade de efeitos físicos* de Jung, e de ser ele o intermediário dos fenômenos anteriores, também. O detalhe do *diafragma de ferro ardente* é importante, pois, segundo os especialistas no assunto, é na região entre o ventre e o tórax que está situado o *centro de força* responsável pela liberação da energia que possibilita a produção dos *raps* (ruídos), que é como se denomina o que aconteceu no episódio citado. Sobre tais fenômenos podemos ler em Kardec: *De todas as manifestações espíritas, as mais simples e as mais freqüentes são os ruídos e os golpes desferidos* (Kardec, 1972, 83). A narrativa de Jung nos coloca diante de um fenômeno de *rap* espontâneo, pois a sua *profecia* de que tornaria a acontecer pode ser explicada como um fenômeno de *intuição* e não como o caso de fenômeno produzido voluntariamente.

Ainda do período de elaboração dos *Septem Sermones ad Mortuos*, tiramos este fenômeno acontecido com outra filha de Jung. Segundo ele, essa outra filha: *...sem qualquer influencia da primeira, contou que durante a noite a coberta de sua cama fora arrancada duas vezes* (Jung, 1997, p. 169).

Igualmente, aconteceu um fenômeno físico que foi percebido por todos na casa:

Domingo, as cinco horas da tarde, a campainha da porta de entrada tocou insistentemente. Era um dia claro de verão e

³⁸ Wandlungen und Symbole der Libido, 1912. Nova edição: Symbole der Wandlung, 1952.

as duas empregadas estavam na cozinha, de onde era possível ver o que se passava no espaço livre diante da porta. Eu estava relativamente perto da campainha, ouvi quando ela tocou e também pude ver o badalo em movimento. Imediatamente corremos a porta para ver quem era, mas, não era ninguém! Nós nos entreolhamos, estupefatos! (Jung, 1997, p. 169).

É claro que, numa família onde o índice de médiuns era tão grande, um fenômeno deste porte pode acontecer naturalmente. O que me deixa espantado é que não tenha ocorrido com mais frequência. Esses fenômenos são dos mais antigos e muito comuns entre os povos primitivos (Bozzano, 1997).

Psicometria

Psicometria ou *Clarividência no passado* é a faculdade que permite acessar e conhecer eventos do passado de indivíduo ou coisas. Jung conta um claro fenômeno de *psicometria*, acontecido com ele e uma amiga em 1933, quando visitava o monumento funerário de Galla Placidia³⁹ – pela segunda vez – em Ravena, na Itália. O túmulo de Galla Placidia lhe despertara intensa impressão. Ele e sua amiga, saindo do mausoléu, foram visitar o batistério dos ortodoxos. Percebeu, sem estranhar, que uma luz azul banhava a sala, também não procurou verificar sua origem, que depois se recordou não haver. O que o fez se admirar foi que, no lugar das janelas que ali havia, e que vira antes, estavam quatro grandes afrescos em mosaico, de grande beleza. Pensou que os havia esquecido, aborrecendo-se com tal falha de memória.

O mosaico da face sul representava o batismo no Jordão; uma segunda imagem, do lado norte, representava os filhos de Israel atravessando o Mar Vermelho; a terceira, a leste, logo se

³⁹ (390-450), Princesa romana, filha de Teodósia, governou o Império do Ocidente como regente, durante a menoridade de seu filho Valentiniano III. Um notável mausoléu foi erguido em Ravena, em sua homenagem.

apagou em minha lembrança. Representava talvez Naaman no Jordão, lavado de sua lepra. A velha Bíblia de Merian que tenho em minha biblioteca contém uma representação semelhante desse milagre. O quarto mosaico, a oeste do batistério, e que olhamos em último lugar, era o mais impressionante. Representava o Cristo estendendo a mão a São Pedro prestes a desaparecer nas águas (Jung, 1997, p. 250).

Jung e sua acompanhante ficaram, cerca de vinte minutos apreciando os mosaicos, discutindo sobre o rito original do batismo, e sobre sua espantosa concepção, uma iniciação que comportava um perigo de morte, real.

Em tais iniciações era muitas vezes necessário que a vida fosse posta em risco, o que exprimia a idéia arquetípica da morte e do renascimento. Assim, na origem, o batismo consistia numa verdadeira imersão que evocasse, pelo menos, o perigo do afogamento (Jung, 1997, p. 250).

Continuando seu relato, diz que até aquele momento conservava uma lembrança nítida do mosaico onde o apóstolo Pedro era representado afundando nas águas. Inclusive os mínimos detalhes se apresentavam diante dos olhos de sua imaginação, como as palavras que saíam da boca do Cristo e do seu discípulo, que ele tentava decifrar. Ao sair do batistério, foi a Alinari, para adquirir reproduções dos mosaicos, não conseguindo encontrá-las. Intentou então, por causa da brevidade de sua estadia, encomendá-las de sua cidade, o que fez, através de um amigo que viajou para Ravena. Este, igualmente, as procurou em vão, pois não existiam.

Enquanto isso eu falei num seminário sobre a concepção primeira do batismo como iniciação e mencionei os mosaicos do batistério dos ortodoxos⁴⁰. Tenho ainda gravadas na memória todas as figuras desses mosaicos. A amiga que me acompa-

⁴⁰ Seminário sobre tantra ioga, 1932.

nhou recusou-se por muito tempo a acreditar que aquilo que vira “com seus próprios olhos” não existia (Jung, 1997, p. 250).

O mais importante nesse fenômeno está na condição cultural e especialidade das duas pessoas com as quais ele aconteceu: ambas estudiosas e pesquisadoras da área psíquica. Jung, além do mais, foi criador de escola, formulador de hipóteses que se demonstraram profícuas no campo da compreensão da mente e do comportamento humanos, enquanto Antonia Wolff era uma analista de reconhecido saber, cultura e experiência. Não eram fáceis de serem enganados, e suas mentes treinadas sabiam identificar processos psíquicos diferenciados, tanto em si quanto nos outros. Jung, faz o seguinte comentário sobre o fenômeno:

É conhecida a dificuldade que há em determinar em que medida duas pessoas vêm no mesmo momento, a mesma coisa. Nesse caso, entretanto, pude averiguar suficientemente que ambos vimos basicamente a mesma coisa. Esta experiência de Ravena é uma das ocorrências mais singulares da minha vida. Impossível explicá-la (Jung. 1997, pp. 250-251).

A visão de uma realidade estrutural já passada se sobrepôs à realidade atual, com tal intensidade que os dois nem de longe desconfiaram do que acontecia. Jung buscou explicar o fato como uma ação do arquétipo da *anima*, pois era grande sua admiração pela inteligência e cultura de Galla Placidia:

minha “anima” encontrava em sua natureza intensa expressão histórica que lhe convinha. Através dessa projeção fora atingido o elemento intemporal do inconsciente e essa atmosfera onde o milagre da visão se torna possível (Jung, 1997, p. 251).

Hipótese interessante, mas que não retira a paranormalidade do evento.

Outra percepção, a meu ver psicométrica, aconteceu a Jung no início da primavera de 1924, quando ele estava, como de costume, só, em Bollingen. À noite, enquanto dormia, foi despertado pelo ruído de passos em torno da sua torre, e o som de música ao longe, que aos poucos se aproximava. Finalmente, vozes, risos e conversas. O local era um tanto ermo, por isso o fato de um grupo de pessoas se divertindo, estivesse passando pelo único atalho ao longo do lago superior de Zurique. Acordando de vez, Jung se levantou e foi olhar o que estava acontecendo. Para seu espanto não havia ninguém, apenas o silêncio, pois nem ventava. Imaginou, então, que tudo não passara de um sonho:

Adormeci de novo e o mesmo sonho recomeçou. Ouvi novamente os passos, as conversas, os risos e a música. E, ao mesmo tempo, tive a representação visual de centenas de pessoas vestidas de escuro. talvez jovens camponeses com suas roupas domingueiras, vindos da montanha, numa multidão que passava pelos dois lados da torre, batendo os pés. rindo, cantando e tocando sanfona. Irritado, pensei: “É. de se mandar ao diabo!” Pensei que se tratasse de um sonho e eis que agora é verdade! Acordei, emocionado. Levantei-me depressa, abri as janelas e as venezianas, mas tudo estava como antes: noite enluarada e silêncio de morte. Pensei, então: “São simples fantasmas!”. É claro que perguntava a mim mesmo qual poderia ser o sentido de um sonho que insistia a tal ponto sobre sua realidade, e sobre o meu pseudo-estado de vigília. Isto só acontece quando se trata de fantasmas. Estar acordado equivale a perceber a realidade. O sonho representa. pois, uma situação equivalente à realidade, na qual cria uma espécie de vigília. Este gênero de sonho, ao contrário dos sonhos comuns, trai a tendência do inconsciente de transmitir ao que sonha uma verdadeira impressão do real, que a repetição sublinha ainda mais. Como fontes de tais realidades conhecemos, por um lado, as sensações corpóreas e, por outro, as figuras arquetípicas. Naquela noite tudo era – ou pelo menos parecia ser – tão perfeitamente real que era difícil situar-me entre as duas realidades. Não sabia o que isso significava. O que representavam os jo-

vens campônios, com sua música, passando em longa procissão? Tinha a impressão de que tinham vindo, por curiosidade, a fim de ver a torre (Jung, 1997, p. 205).

Como não podia deixar de ser, Jung procurou uma explicação lógica para aquela percepção. Parece ter encontrado, algum tempo depois, a explicação histórica para o bando alegre cujo alvoroço fantasmagórico lhe havia perturbado o descanso:

Só muito mais tarde compreendi o ocorrido, ao conhecer a crônica lucernense de Rennward Cysat, do século XVIII. Nela encontrei a seguinte história: Num pasto do monte Pilatos, particularmente deserto por causa dos fantasmas, Wotan continuaria a errar até hoje. Cysat, durante uma ascensão noturna, foi perturbado por uma procissão de pessoas que, no meio de música e de cantos, passavam de ambos os lados da cabana em que repousava – exatamente como ocorrera no episódio da torre.

No dia seguinte, Cysat interrogou o pastor em casa do qual passara a noite, procurando saber o que significava aquilo. O pastor não teve a menor dúvida: disse que deviam ser os “bem-aventurados”, isto é, a legião de almas defuntas conduzidas por Wotan; elas costumavam voltar e se manifestavam desse modo. Poder-se-ia tentar explicar minha experiência como um fenômeno de solidão; o vazio e o silêncio exteriores teriam sido compensados pela imagem de uma multidão. As alucinações dos eremitas representam compensações dessa natureza. Mas quem sabe sobre que realidades se funda esse tipo de histórias? Poder-se-ia também pensar que eu tivesse sido sensibilizado pela solidão a ponto de perceber a procissão de “defuntos”, que por lá passava (Jung, 1997, pp. 205-206).

Apesar das tentativas de racionalizar o episódio. Jung concluiu que:

Sentia-me obrigado a levar em conta a possibilidade de sua realidade, principalmente devido a existência de um relato paralelo do século XVII. Poder-se-ia também explicá-lo como um fenômeno de sincronicidade. Esses fenômenos mostram como os acontecimentos que acreditamos conhecer (pois os percebemos ou supomos por meio de um sentido interior) têm

muitas vezes correspondências na realidade exterior. Ora, há de fato uma correspondência concreta relativa a essa experiência, pois na Idade Média, houve tais procissões de jovens. Eram filas de mercenários que, principalmente na primavera, iam do centro da Suíça para Locarno, onde se reuniam na Casa di Ferro, em Minusio, e de lá continuavam até Milão. Na Itália tornavam-se soldados e combatiam, a soldo estrangeiro. Eu poderia, portanto, ter captado a imagem de um desses bandos que se organizavam todos os anos na primavera e que, com cantos e festividades, despediam-se da pátria. Durante muito tempo ainda esse estranho sonho ocupou minha imaginação (Jung 1997, p. 206).

Jung demonstra nesse relato que não possuía uma mentalidade dogmática, comum entre os cientistas. Ao contrário, estava sempre aberto a todas as possibilidades, embora optasse muito pela racionalização de acordo com a teoria do inconsciente, que construía.

Aqui está um outro caso que é sintomático, pois revela o quanto a percepção paranormal estava enraizada na família Jung: quando em 1923 começou ele a construir a Torre de Bollingen, sua filha mais velha, durante uma visita teve uma reação estranha, exclamando:

“Como! Você esta construindo aqui? Mas se há cadáveres!” Naturalmente pensei: “Tolice! não há nada disso!” Mas quando continuamos a construção, quatro anos mais tarde, encontramos de fato um esqueleto. Jazia a dois metros e vinte de profundidade; no seu cotovelo direito havia uma velha bala de fuzil. Pela posição em que estava, era possível imaginar que provavelmente fora lançado àquele lugar em adiantado estado de putrefação. Pertencera a uma dessas poucas dúzias de soldados franceses que, em 1799, se afogaram no Linth e em seguida foram levados às margens do lago superior. Esse acidente ocorreu depois que os austríacos fizeram saltar a ponte de Grynau, tomada de assalto pelos franceses. Uma fotografia do túmulo aberto, com o esqueleto, e a data do dia em que o cadáver foi descoberto está na torre. Foi no dia 22 de agosto de 1927. Organizei, então, em minha propriedade, um enterro

em boa e devida forma para o soldado, e dei três tiros de salva sobre sua sepultura. Depois, pus sobre ela uma pedra tumular com uma inscrição. Minha filha pressentira a presença do cadáver; sua faculdade de pressentimento é uma herança de minha avó materna (Jung 1977 a, pp. 206-207).

Jung se refere a este acontecimento em uma carta a uma senhora Christiana Morgan, em 13 de setembro de 1929:

Quando construí a minha Torre, minha filha mais velha, então com catorze anos, disse que havia ali espíritos de mortos, e não apenas elfos. Em alguma parte deveria haver algum cadáver. Quando, em 1927 (quatro anos mais tarde), cavávamos a terra para lançar o fundamento de um anexo à Torre, encontramos o cadáver de um homem com uma bala alojada no antebraço direito (Jung, 1999, p. 86).

Não tenho dúvida quanto ao caráter também genético da mediunidade. Já no início desse estudo chamei atenção para esse fato, pois os ancestrais de Carl Gustav Jung, pelo lado materno ao que sei, caracterizavam-se pela capacidade de percepções paranormais de vulto, sua mãe havia herdado tais possibilidades, e passado a ele por herança biológica. Agora, sua primogênita demonstrava ter a mesma carga genética, pois a *clarividência* foi notável, sendo comprovada pelos fatos.

Experiência de Quase Morte

Veremos a seguir um fenômeno de quase morte, acontecido com o próprio Jung, que tem por isso mesmo uma importância relevante. Muitas pessoas que estiveram mortas temporariamente são unânimes em contar que visitaram lugares tais como: um jardim, uma paisagem muito bonita, etc, e que encontraram pessoas como: um velho bondoso e sábio, Jesus, o próprio Deus, parentes e assim por diante. Como Jung, to-

dos retornaram ao corpo contra a vontade, tal a paz, a beleza, o sentimento de completude e alegria que estavam sentindo naquela região espiritual. A *experiência de quase morte* (EQM) é também conhecida pelas suas iniciais em inglês NDE (near death experience). O episódio com Jung tem todos os *ingredientes* que a tornam um clássico no gênero, e ainda por haver ele sentido, conforme se verá, que estava realmente se desligando do corpo físico. Aconteceu no verão de 1944, quando, após ter fraturado o pé, foi vitimado por um enfarto, ficando à beira da morte; em plena crise orgânica viveu uma série de experiências transcendentais:

Durante a inconsciência tive delírios e visões que provavelmente começaram quando, em perigo de morte, administraram-me oxigênio e cânfora. As imagens eram tão violentas que eu próprio conclui que estava prestes a morrer. Disse-me minha enfermeira mais tarde: “O senhor estava como que rodeado por um halo luminoso”. É um fenômeno que ela observava às vezes nos agonizantes. Eu tinha atingido o limite extremo e não sei se era sonho ou êxtase. Seja o que for, aconteceram coisas muito estranhas (Jung, 1997, p. 253).

Pesquisas levadas a efeito entre trabalhadores da área da saúde mostram um acentuado número de percepções paranormais, que são caladas por causa da intensidade do preconceito vigente neste setor. Assim, não é de admirar que a enfermeira que tratava dele pudesse ver sua *aura*, ou seja, as emanções energéticas do seu psiquismo.

Parecia-me estar muito alto no espaço cósmico. Muito ao longe, abaixo de mim, eu via o globo terrestre banhado por uma maravilhosa luz azul. Via também o mar de um azul intenso e os continentes. Justamente sob os meus pés estava o Ceilão e na minha frente estendia-se o subcontinente indiano. Meu campo visual não abarcava toda a Terra, mas sua forma esférica era nitidamente perceptível e seus contornos brilhavam como prata através da maravilhosa luz azul. Em certas

regiões, a esfera terrestre parecia colorida ou marchetada de um verde escuro como prata oxidada. Bem longe, a esquerda, uma larga extensão – o deserto vermelho-alaranjado da Arábia. Era como se ali a prata tivesse tomado uma tonalidade alaranjada. Adiante o Mar Vermelho e mais além, como no ângulo superior esquerdo de um mapa, pude ainda perceber uma nesga do Mediterrâneo. Meu olhar voltara-se sobretudo para essa direção, ficando o restante impreciso. Evidentemente via também os cumes nevados do Himalaia, mas cercados de brumas e nuvens. Não olhava “a direita”. Sabia que estava prestes a deixar a Terra (Jung, 1997, p. 253).

Nesta EQM, não aparece o clássico túnel, que muitos descrevem e que têm de atravessar para chegar em algum lugar espiritual, geralmente um jardim. Jung se vê, imediatamente, fora da Terra, em pleno espaço, sem descrever como chegou lá. Ou seja, tudo indica que atravessou a atmosfera em estado de inconsciência.

Mais tarde informei-me de que distância dever-se-ia estar da Terra para abarcar tal amplitude: cerca de mil e quinhentos quilômetros! O espetáculo da Terra visto dessa altura foi a experiência mais feérica e maravilhosa da minha vida.

Após um momento de contemplação eu me voltei. Postara-me, por assim dizer, dando as costas ao Oceano Índico com o rosto voltado para o norte. Parecia-me agora virar em direção ao sul. Algo de novo surgiu no meu campo visual. A uma pequena distância percebi no espaço um enorme bloco de pedra, escuro como um meteorito, quase do tamanho de minha casa, talvez um pouco maior. A pedra flutuava no espaço e eu também.

Vi pedras semelhantes nas costas do Golfo de Bengala. São blocos de granito marrom escuro, nos quais às vezes se escavavam templos. Minha pedra era também um desses escuros e gigantescos blocos. Uma entrada dava acesso a um pequeno vestíbulo; a direita, sobre um banco de pedra estava sentado na posição de lótus, completamente distendido e repousado, um hindu de pele bronzeada vestido de branco. Esperava-me sem dizer uma palavra. Dois degraus conduziam a esse vestíbulo: no interior, à esquerda, abria-se o portal do tem-

plo. Vários nichos cheios de óleo de coco em que ardiam mechas cercavam a porta de uma coroa de pequenas chamas claras. Isso eu realmente vi em Kandy na ilha do Ceilão, quando visitava o templo do Dente Sagrado; inúmeras fileiras de lâmpadas a óleo cercavam a entrada dele (Jung, 1997, pp. 253-254).

Não aparece o jardim, ou ambiente campestre das visões dessa ordem, onde se produz o encontro com um ser espiritual superior. Mas o templo no meteorito tem a mesma função. Apesar das origens cristãs de Jung, é um hindu que o aguarda, na entrada de um templo indiano, e o ritual que lá se desenrola é da mesma ordem. Isto denuncia que o *inconsciente* dele tinha um colorido asiático, e suas estruturas psíquicas fundamentais vinculavam-se ao hinduísmo de maneira geral. Aliás, está é uma característica encontrada nos pensadores alemães e nos povos europeus de língua germânica.

Quando me aproximei dos degraus pelos quais se chegava ao rochedo, ocorreu-me algo estranho: tudo o que tinha sido até então se afastava de mim. Tudo o que eu acreditava, desejava ou pensava, toda a fantasmagoria da existência terrestre se desligava de mim ou me era arrancada – processo extremamente doloroso. Entretanto alguma coisa subsistia, porque me parecia então ter ao meu lado tudo o que vivera ou fizera, tudo o que se tinha desenrolado a minha volta. Poderia da mesma maneira dizer: estava perto de mim, e eu estava lá; tudo isso, de certa forma, me compunha. Eu era feito de minha história e tinha a certeza de que era bem eu. “Eu sou o feixe daquilo que se cumpriu e daquilo que foi”. Esta experiência me deu a impressão de uma extrema pobreza, mas ao mesmo tempo de uma extrema satisfação. Não tinha mais nada a querer nem a desejar; poder-se-ia dizer que eu era objetivo; era aquilo que tinha vivido. No princípio, dominava o sentimento de aniquilamento, de ser roubado ou despojado; depois, isso também desapareceu. Tudo parecia ter passado; o que restava era um fato consumado sem nenhuma referencia ao que tinha sido antes. Nenhum pesar de que alguma coisa se perdesse ou fosse arrebataada. Ao contrario: eu tinha tudo o que era e tinha apenas isso (Jung, 1997, p. 254).

Em geral, as pessoas que vivem uma EQM contam que reviram a existência, desde o nascimento até o momento do perigo de morte. O *flashback* acontece às vezes no sentido crescente, isto é do nascimento até o instante da visão ou ao contrário. Jung percebeu isto como um *desligamento* das experiências existenciais. Sente como se elas estivessem ao seu lado, logo sua visão é *intuitiva* sobre o passado da existência que poderia terminar. E, mais ainda, o seu sentimento de *existencialidade histórica* significa que, em última análise, nós somos sempre o resultado daquilo que fazemos, sentimos e cremos. Um outro fato a ressaltar é o sentimento de perda, isto é, de inadaptabilidade, por estar saindo de uma situação existencial para outra.

Teve ainda uma outra preocupação:

enquanto me aproximava do templo, estava certo de chegar a um lugar iluminado e de aí encontrar o grupo de seres humanos aos quais na realidade pertencem. Então finalmente compreenderia – isso também era para mim uma certeza – em que relação histórica me alinhava, eu ou minha vida. Eu saberia o que houvera antes de mim, porque me tornara o que sou e para o que minha vida tenderia. Minha vida vivida me apareceu freqüentemente como uma história sem começo nem fim. Tinha o sentimento de ser uma perícopa histórica, um fragmento ao qual faltasse o que o precede e o que se segue. Minha vida parecia ter sido cortada por uma tesoura numa longa corrente e na qual muitas perguntas tinham ficado sem resposta. Por que aconteceu isso? Por que trouxera comigo tais condições prévias? Que fizera eu dela? O que dela resultaria? Eu tinha certeza de que receberia uma resposta a todas essas perguntas, assim que penetrasse no templo da pedra. Aí compreenderia porque tudo fora assim e não de outra maneira. Eu me aproximaria de pessoas que saberiam responder a minha pergunta sobre o antes e o depois. Enquanto pensava nessas coisas, um fato atraiu minha atenção: de baixo da Europa, ergueu-se uma imagem: era meu médico, ou melhor sua imagem, circundada por uma corrente de ouro ou por uma coroa de louros dourada.

Pensei imediatamente: “Ora veja! é o médico que me assistiu! Mas agora aparece em sua forma primeira, como um Basileus de Cós⁴¹. Durante sua vida fora um avatar desse Basileus, a encarnação temporal da forma primeira, que existe desde sempre. Ei-lo agora em sua forma original”.

Sem dúvida eu também estava na minha forma primeira. Não cheguei a percebê-lo, somente imagino que deva ter sido assim. Quando ele chegou diante de mim, pairando como uma imagem nascida das profundezas, produziu-se entre nós uma silenciosa transmissão de pensamentos. Realmente meu médico fora delegado pela Terra para trazer-me uma mensagem: protestavam contra a minha partida. Não tinha o direito de deixar a Terra e devia retornar. No momento em que percebi essa mensagem a visão desapareceu.

Decepcionei-me profundamente; tudo parecia ter sido em vão. O doloroso processo de “desfolhamento” tinha sido inútil: não me fora permitido entrar no templo, nem encontrar os homens entre os quais tinha o meu lugar (Jung, 1997, pp. 254-255).

Nas EQM’s existe quase sempre uma determinação, voluntária ou recomendada para a pessoa retornar, a fim de continuar as tarefas da existência. As mensagens mediúnicas também falam a respeito dessas decisões, quando o processo de morte é interrompido, e o espírito retorna ao corpo, para surpresa de médicos e alegria dos familiares. A alma receberia uma *moratória*, com a finalidade de cumprir tarefas que seriam deixadas pela metade, com prejuízo para seu desenvolvimento ou de outros (ver sobre o assunto: Argollo, 2000).

Na realidade passaram-se ainda três semanas antes que me decidisse a viver; não podia alimentar-me, tinha aversão pelos alimentos. O espetáculo da cidade e das montanhas que via do meu leito de enfermo parecia uma cortina pintada com furos negros ou uma folha de jornal rasgada com fotografias que nada me diziam. Decepcionado, pensava: “Agora é preci-

⁴¹ Basileus – Rei. Cos era um lugar famoso na Antiguidade, por causa do templo de Esculápio. Lá nasceu Hipocrates. (séc. V a. C.).

so voltar ‘para dentro das caixinhas!’”. Parecia, com efeito, que atrás do horizonte cósmico haviam construído artificialmente um mundo de três dimensões no qual cada ser humano ocupava uma caixinha. E de agora em diante deveria de novo convencer-me que viver nesse mundo tinha algum valor! A vida e o mundo inteiro se me afiguravam uma prisão e era imensamente irritante pensar que encontraria tudo na mesma ordem. Apenas experimentara a alegria de estar despojado de tudo e eis que de novo me sentia – como todos os outros homens – preso por fios dentro de uma caixinha. Quando estava no espaço não tinha peso e nada podia me atrair. E agora, tudo terminado! Sentia resistência contra meu médico porque ele me reconduzira a vida. Por outro lado, inquietava-me por ele: “Por Deus, ele está ameaçado! Não me apareceu sob a forma primeira? Quando alguém chega a essa forma é que está para morrer e desde então pertence à sociedade de “seus verdadeiros semelhantes”. Repentinamente tive o terrível pensamento de que ele deveria morrer – no meu lugar! Procurei fazê-lo entender da melhor maneira, mas não me compreendeu. Então me aborreci. “Por que finge ignorar que é um Basileus de Cós e que já reencontrou a sua forma primeira? Quer-me fazer acreditar que não sabe?”. Isso me irritava. Minha mulher reprovou a falta de amabilidade que eu demonstrava em relação a ele. Ela tinha razão, mas ele me contrariava, recusando-me a falar de tudo o que vivêramos em minha visão. “Deus meu, é preciso que ele preste atenção! Não pode ficar tão despreocupado assim. Gostaria de falar-lhe a fim de que tomasse cuidado consigo”. Era minha firme convicção de que ele estava em perigo porque eu o vira em sua forma original.

E, com efeito, fui seu último paciente. Em 4 de abril de 1944 – sei ainda exatamente a data – fui autorizado pela primeira vez a sentar-me à beira da cama e neste mesmo dia ele se deitou para não mais levantar. Soube que tivera um acesso de febre. Pouco depois morreu de septicemia. Era um bom médico; tinha algo de gênio, senão não teria aparecido sob os traços do príncipe de Cós. (Jung, 1997, pp. 255-256).

Resumindo minhas análises anteriores, eis alguns pontos a ressaltar nessa experiência de EQM: em geral os que passam pela experiência de quase morte contam que tiveram

uma visão retroativa da existência que estava para se findar. No caso de Jung foi sentido um *desfolhamento* e uma persistência de tudo o que vivera ou fizera. O desfolhamento diz respeito ao que era do mundo físico. Com ele ficava apenas o resultado de suas vivências. Sentiu sua *historicidade existencial* de forma evidente e real. É uma variante do *flashback*, o qual, por sua vez, é às vezes narrado como uma visão que vem do nascimento à morte, e outras que vai da morte ao nascimento, em retroação. Mas atente-se para o fato de que, como nas visões retrospectivas, ele se sente como um ser limitado no tempo, como se sua existência representasse um corte numa imensa corrente de vida inexaurível. Sua própria vida com uma anterioridade que não conseguia vislumbrar, ou seja um sentimento de ter, penso eu, *vivido antes*. Parece que a mente humana, num primeiro momento, só pode abarcar o período da existência em perigo de findar.

Mas, como em outros casos de quase morte, ele encontra alguém, um hindu sentado em posição de lótus, provavelmente em meditação, que o esperava. Naquele templo colocado em lugar tão improvável – o espaço sideral – sentia que encontraria seus iguais, um grupo ao qual pertencia. Até hoje, muitos psiquiatras, psicólogos e médicos procuram explicar essas vivências como produto de hormônios liberados no momento extremo, com a finalidade de amenizar os sofrimentos do morrer; as visões semelhantes como resultado da *conformação cerebral* (?) e. uma explicação muito difundida é a de alucinações provocadas por intoxicação, resultante de disfunções hepáticas, etc.

Jung, ao contrário, sobre-passando o reducionismo vigente nos meios acadêmicos, buscou retirar proveitosas lições dos estados vividos, a fim de ampliar seus conhecimentos sobre a mente humana e seus mecanismos, como teremos oportunidade de verificar. Inclusive, utilizou-se dos fenômenos paranormais acontecidos com vítimas de traumas cere-

brais ou colapsos emocionais – que passam por perda de consciência –, para concluir que eles podem ser usados como prova indireta ou circunstancial da persistência da alma após a morte do corpo (Jung, 1997, pp. 278-279).

Agora, temos um caso acontecido com uma paciente de Jung, cujo caráter ele avalia. Ela lhe contou que seu primeiro parto foi muito difícil e, após trinta horas de esforço infrutífero, o médico resolveu aplicar fórceps, administrando-lhe uma ligeira narcose. Houve uma ampla ruptura do períneo, com abundante perda de sangue. Ao término da operação, tanto o médico como seus familiares se retiraram. A enfermeira também quis sair para jantar, lhe perguntando, já fora da porta, se desejava alguma coisa. Ela quis responder, mas não conseguiu. Sentiu como se mergulhasse através do leito, caindo num vazio sem fundo. A enfermeira, não ouvindo resposta, correu para ela, tentando captar-lhe o pulso, sem conseguir. Ela percebia tudo isso, mas, inexplicavelmente, sentia-se muito bem, e ainda se divertia com o susto da enfermeira. Não tinha medo. Em seguida perdeu a consciência, para, algum tempo depois, observar o corpo, que não sentia, a partir de um ponto situado no teto do quarto. Dali via tudo o que acontecia no quarto. Via-se a si mesma, deitada no leito, tomada de palidez mortal, com os olhos fechados. A enfermeira ao seu lado, enquanto o médico, nervoso, caminhava de um lado para o outro, como quem não sabe o que fazer. Nesse momento os seus familiares chegaram à porta do quarto, e sua mãe, juntamente com seu marido, entrou, contemplando-a, assustados. A paciente de Jung pensava que era um absurdo acharem que ela estava morrendo, pois se sentia como tendo voltado a si.

Em todo este tempo, ela sabia que havia por trás dela uma paisagem magnífica, semelhante a um parque, brilhando com as cores mais vivas, e em particular havia um prado de um verde esmeralda, com a grama cortada rente, que descia sua-

vemente por uma encosta, em direção a um portão de ferro, através do qual se podia entrar no parque. Era a primavera e pequenas flores coloridas como ela nunca tinha visto, permeavam a grama. A região cintilava sob a luz forte do sol e todas as cores eram de um esplendor indescritível. A encosta era flanqueada de ambos os lados por árvores verde-escuras. O parque lhe dava a impressão de ser uma floresta onde pé humano jamais pisara. “Eu sabia que ali estava a entrada para um outro mundo e que, se me voltasse, para olhar diretamente o espetáculo, eu me sentiria tentada a atravessar a porta e, assim, sair da vida”. Ela não via propriamente a paisagem, porque estava de costas para ela, mas sabia que se achava ali. Sentia que nada a impediria de atravessar o portão e entrar no parque. Sabia apenas que estava voltando ao corpo e não morreria. Por isto achava que a agitação do médico e a preocupação dos parentes eram estúpidas e descabidas.

A próxima coisa que aconteceu foi ela despertar de seu estado de coma, ver sua enfermeira, que se debruçava sobre seu leito. Disseram-lhe, então, que estivera inconsciente por quase meia hora. No dia seguinte, quinze horas mais ou menos depois, quando já se sentia mais forte, fez uma observação crítica a respeito do comportamento aparentemente incompetente e “histórico” do médico durante o desmaio dela. A enfermeira repeliu energicamente a crítica, na crença justificada de que a paciente estivera completamente inconsciente e, por isto, não poderia ter percebido nada da cena. Somente quando a paciente descreveu detalhadamente o que havia se passado durante seu desmaio, é que a enfermeira teve de admitir que a paciente havia percebido os acontecimentos exatamente da maneira como se haviam passado na realidade (Jung, 1984, pars. 940-941).

Deixo a análise do caso para o próprio Jung:

Podemos supor que se tratava simplesmente de um estado crepuscular psicogênico em que uma parte da consciência dividida continuava em funcionamento. Entretanto, a paciente nunca fora histérica, mas sofrera um verdadeiro colapso cardíaco, acompanhado de uma síncope resultante de uma anemia cerebral, como indicavam todos os sintomas exteriores e evi-

dentemente alarmantes. Ela estivera realmente desmaiada e, conseqüentemente, deve ter tido um obscurecimento psíquico completo, tornando-se totalmente incapaz de qualquer observação exata e de qualquer julgamento. Curioso é que não se tratava de uma percepção imediata da situação mediante observação indireta e inconsciente; ela via toda a situação a partir de cima, como se seus “olhos estivessem no teto”, como ela significativamente explicou.

Na realidade, não é fácil explicar que tais processos psíquicos inusitadamente intensos podem ocorrer em estado de colapso grave e ser lembrados depois, e como o paciente pode observar acontecimentos reais em seus detalhes concretos, com os olhos fechados (Jung, 1984, pars. 942-943).

Chamo atenção para o fato *clássico* da visão do jardim, comum em inúmeros casos de *quase morte*. Este está fechado por um *portão de ferro*, e existe a sensação de que se o atravessasse a morte se completaria: *eu sabia que ali estava a entrada para um outro mundo*. Como normalmente acontece, houve uma escolha entre *morrer* e *viver*. A paciente sabia que se quisesse atravessar o portão, o faria, significando a morte, mas paralelamente tinha certeza que estava retornando ao corpo.

Como em todos os relatos do gênero, o sol, as flores, a paisagem enfim, possuíam brilho e cor inusitados: *todas as cores eram de um esplendor incrível*. A experiência de quase morte vivida por Jung, bem como a citada por ele, pode ser comparada com os estudos levados a efeito pelo Dr. Raymond A. Moody Jr, com os quais tem muito em comum (Moody Jr., 1979 e 1980).

Estado Alterado de Consciência e Visões

Após a experiência de quase morte, Jung diz que sua vida mudou de ritmo, o qual se tornou estranho. No transcurso do dia sentia-se fraco, deprimido, miserável, sem vontade

de fazer o menor movimento. Um pensamento repetia-se, melancolicamente, em sua mente: “*Agora preciso voltar a este mundo cinzento*” (Jung, 1997, p. 256); mas à tarde, caía num sono que durava até quase meia-noite, quando acordava, ficando assim por cerca de uma hora em estado de êxtase *ou numa grande beatitude*. Tinha a sensação que pairava no espaço, como se o universo o agasalhasse no seu meio, um imenso vazio cheio do sentimento de felicidade. *Era a beatitude eterna; não se pode descrevê-la, é extraordinariamente maravilhosa, eu pensava* (Jung, 1997, p. 256). Era nesses momentos que podia se alimentar. Conta que a enfermeira se lhe assemelhava, por essa época, com uma judia velha, a qual lhe preparava refeições rituais. Ainda por cima, lhe parecia enxergar uma aura azulada em volta de sua cabeça.

Eu próprio me encontrava nos Pardes Rimmonim, o jardim das romãs, e aí se celebrava o casamento de Tiphereth com Malchuth⁴². Ou então era como se eu fosse o rabino Simão Ben Yochai, cujas bodas eram celebradas no além. Era o casamento místico tal como aparecia nas representações da tradição cabalística. Não poderia dizer o quanto tudo isso era maravilhoso. Eu não deixava de pensar: “É o jardim das romãs! É o casamento de Malchuth com Tiphereth!”. Não sei exatamente que papel eu desempenhava na celebração. No fundo, tratava-se de mim mesmo: eu era o casamento, e minha beatitude era a de um casamento feliz (Jung, 1997, pp. 256–257).

Quando, aos poucos, a visão do jardim das romãs foi desaparecendo, outra a substituiu: “*casamento do cordeiro*”, que acontecia na cidade de Jerusalém, bastante ornamentada. Jung se confessa incapaz de descrever os pormenores. Mas

⁴² Pardes Rimmonim é o título de um tratado cabalístico de Moisés Cordovero (séc. XVI). Tipheret (graça) e Malkouth (reino) são, segundo a concepção cabalística, duas entre as dez esferas das manifestações divinas, nas quais Deus sai de sua obscuridade. Representam um princípio feminino e um princípio masculino dentro da divindade. (Aniela Jaffé).

fala de estados de beatitude inefáveis, cheios de anjos e luzes. Parecia-lhe ser o próprio *casamento do cordeiro*. Seguiu-se, então, uma última visão: via-se a caminhar num vale muito largo, indo até o fundo, *aos pés de uma suave cadeia de colinas*. O vale terminava num anfiteatro antigo, que se inseria natural e elegantemente na paisagem. Ali se realizava o matrimônio sagrado (*hieros gamos*) de Zeus e Hera, o qual se consumava num leito ornamentado de flores. Da mesma forma como é descrito por Homero, na *Ilíada*. Esse estado alterado de consciência, povoado de visões, era seguido de sono profundo, com um despertar insulso, uma *volta ao mundo sem cor com seu sistema de alvéolos*. O mundo lhe parecia risível, quando comparado aos estados interiores beatíficos, povoados de visões fantásticas. Isto durou três semanas, quando então as visões cessaram.

É impossível ter uma idéia da beleza e da intensidade do sentimento durante as visões. Foi o que vivi de mais prodigioso. E que contraste o dia! Vivia então atormentado e meus nervos estavam completamente esgotados. Tudo me irritava, tudo era muito material, grosseiro, pesado e espiritualmente limitado; tudo parecia artificialmente diminuído com uma finalidade desconhecida e, no entanto, parecia ter uma força hipnótica tão decisiva que era como se fosse a própria realidade, e ao mesmo tempo era claramente discernível sua insignificância. No fundo, a partir dessa época, apesar de recuperar minha crença no mundo, jamais me libertei totalmente da impressão de que “a vida” é este fragmento da existência, que se desenrola num sistema universal de três dimensões com essa finalidade específica.

Tenho ainda uma lembrança precisa: no início, na época do jardim das romãs, pedia a irmã que me perdoasse caso sofresse algum dano; havia tal sacralidade no quarto que lhe poderia ser prejudicial. Naturalmente ela não compreendia. Para mim a presença do sagrado criava uma atmosfera mágica, no entanto, eu temia que fosse insuportável para outra. Era por esse motivo que me desculpava; pois nada podia fazer para

evita-lo. Foi então que compreendi porque dizem que um quarto recende a “odor de santidade”. Era isso! Havia no espaço um pneuma de inefável santidade, do qual o *mysterium conjunctionis*⁴³ era a manifestação.

Nunca pensei que se pudesse viver uma tal experiência, e que uma beatitude contínua fosse possível. Essas visões e acontecimentos eram perfeitamente reais. Nada havia de artificialmente forçado; pelo contrário, tudo era de extrema objetividade (Jung, 1997, pp. 257-258).

Todos os relatos de pessoas que estiveram *quase mortas* implicam um estado alterado de consciência por certo tempo, após o acontecimento, e numa transformação permanente da visão de mundo e do comportamento pela existência a fora. É a constatação da sobrevivência da mente à morte corporal, bem como o encontro consigo mesmo, de forma contundente. Isso exige uma crítica profunda da filosofia de vida adotada até o momento em que o fenômeno ocorreu, e a elaboração de uma nova filosofia de vida, o que é sempre difícil, e às vezes doloroso. Ao mesmo tempo, emoções sutis afloram no consciente, vindas das profundezas do inconsciente, produzindo vivências inusitadas e arrebatadoras. Não é incomum nas pessoas que passaram por uma experiência de quase morte os alheamentos, os estados estáticos, a atitude de meditação e ensimesmamento. Uma revolução ocorreu no psiquismo do *ressurrecto*, como um cataclismo de vastas proporções, reformulando toda a geografia mental e, por conseqüência, a própria existência, como bem define Jung:

Diante de tal totalidade permanecemos mudos, pois dificilmente podemos concebê-la. A objetividade vivida nesse sonho e nas visões pertence à individuação que se cumpriu. Esta é desprendimento dos juízos de valor e do que nós designamos por liames afetivos. Em geral o homem atribui grande

⁴³ A palavra está grafada como é em latim. O “j” tem som de “i”, ficando a pronúncia “coniunction”.

importância aos laços afetivos. Ora, estes encerram sempre projeções que é preciso retirar e recuperar para chegar ao si-mesmo e a objetividade. As relações afetivas são relações de desejo e de exigências, carregadas de constrangimento e servidão: espera-se sempre alguma coisa do outro, motivo pelo qual este e nós mesmos perdemos a liberdade. O conhecimento objetivo situa-se além dos intrincamentos afetivos, e parece ser o mistério central. Somente ele torna possível a verdadeira conjunction (Jung, 1997, pp. 258–259).

Após a doença, Jung entrou num período de muita produtividade, escrevendo suas principais obras. Começou a buscar novas formas de expressão e passou a deixar-se levar pelo fluir do pensamento, quando os problemas estudados: *apoderavam-se de mim, amadureciam e tomavam forma*. Não mais tentou impor seu próprio ponto de vista.

Minha doença teve ainda outras repercussões: elas consistiram, poder-se-ia dizer, numa aceitação do ser, num “sim” incondicional ao que é, sem objeções subjetivas, numa aceitação das condições da existência como as vejo e compreendo; aceitação do meu ser como ele é simplesmente. No início da doença sentia que minha atitude anterior tinha sido um erro e que eu próprio era de qualquer forma responsável pelo acidente. Mas quando seguimos o caminho da individuação, quando vivemos nossa vida, é preciso também aceitar o erro, sem o qual a vida não será completa: nada nos garante – em nenhum instante – que não possamos cair em erro ou em perigo mortal. Pensamos talvez que haja um caminho seguro; ora, esse seria o caminho dos mortos. Então nada mais acontece e em caso algum ocorre o que é exato. Quem segue o caminho seguro está como que morto. Foi só depois da minha doença que compreendi o quanto é importante aceitar o destino. Porque assim há um eu que não recua quando surge o incompreensível. Um eu que resiste, que suporta a verdade e que está a altura do mundo e do destino. Então uma derrota pode ser ao mesmo tempo uma vitória. Nada se perturba, nem dentro, nem fora, porque nossa própria continuidade resistiu a torrente da vida e do tempo. Mas isso só acontece se não impedirmos que o destino manifeste suas intenções.

Também compreendi que devemos aceitar os pensamentos que se formam espontaneamente em nós como uma parte de nossa própria realidade e isso fora de qualquer juízo de valor. As categorias do verdadeiro e do falso certamente sempre existem, mas porque não são constrangedoras, ficam a margem. Porque a existência das idéias é mais importante do que seu julgamento subjetivo. Os julgamentos, entretanto, enquanto idéias existentes, não devem ser reprimidos, porque fazem parte da expressão da totalidade (Jung, 1997, p. 259).

Como fica claro, houve uma profunda mudança na mundividência de Jung, após ter *quase* morrido. Ele que era um homem culto, tornou-se um sábio. Daí para frente pôde construir com mais propriedade seu sistema de desenvolvimento das potencialidades do ser, pois agora não tinha apenas *conhecimento*, por mais lógico e científico que fosse. Agora ele *sabia*...

As visões espirituais em sonho foram comuns na vida de Jung. É interessante uma, acompanhada de intensa afetividade, que teve de sua esposa, morta há algum tempo:

Ela me apareceu em sonho como se fosse uma visão. Postara-se a alguma distância e me olhava de frente. Estava na flor da idade, tinha cerca de trinta anos e trajava o vestido que minha prima, a médium⁴⁴, lhe fizera, talvez o mais belo que jamais usara. Seu rosto não estava alegre nem triste, mas expressava conhecimento e saber objetivos, sem a menor reação sentimental, além da perturbação dos afetos. Sabia que não era ela, mas uma imagem composta ou provocada por ela em minha intenção. Nessa imagem estava contido o início de nossas relações, os acontecimentos de nossos trinta e cinco anos de casamento e também o fim de sua vida (Jung, 1997, p. 258).

Como descrito nas visões mediúnicas, em sonho ou não, a morta apareceu jovem, bem vestida. O contexto da visão, a qual tem as características de um *desdobramento*, é uma cons-

⁴⁴ Hélène Preiswerk.

trução ideoplástica, como Jung bem o percebe, com o fim de recordar os anos que passaram juntos. É uma demonstração de afeto. Aliás, a finalidade básica das *aparições* parece ser de ressaltar a continuidade da existência após a morte, e dos afetos aqui cultivados.

Pressentimentos

Pressentimento é uma percepção vaga de algo que está ou vai acontecer. Podem ser eventos de alegria ou sofrimento, embora os que venham a se confirmar dolorosos ou angustiantes sejam os mais facilmente registráveis, por motivos óbvios.

O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Certas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida; elas podem devê-la a uma sorte de dupla vista que lhes permite entrever as conseqüências das coisas presentes e o encadeamento dos acontecimentos; mas, em geral, ela é também feita de comunicações ocultas, e é o que, nesse caso sobretudo, que se pode dar aos que a possuem o nome de médiuns de pressentimentos, os quais são uma variedade dos médiuns inspirados (Kardec, 1972, 184).

Eis um caso de pressentimento que Jung nos conta, o qual acontece de forma simbólica, onde a mente fica cheia de acontecimento do passado, mas acompanhado de uma sensação angustiante de algo está acontecendo no momento:

Um dia eu voltava de Bollingen para casa, por ocasião da segunda guerra mundial. Trouxera um livro, mas não me foi possível lê-lo porque no momento em que o trem partia, a imagem de um homem que se afogava se impôs ao meu espírito; era a lembrança de um acidente que ocorrera na época do meu serviço militar. Durante todo o trajeto não pude desfazer-me

da imagem. Estava exageradamente inquieto e perguntava a mim mesmo: O que se passou? Aconteceu alguma desgraça?

Em Erlenbach desci do trem e entrei em casa, sempre perseguido por essa lembrança e por minha inquietação. No jardim encontrei os filhos de minha segunda filha. Ela estava morando conosco, tendo vindo de Paris por causa da guerra. Todos pareciam um pouco atordoados e quando perguntei: “O que esta acontecendo?” disseram que Adriano, o menor, caíra na água, no abrigo do barco. A água ai já era bastante profunda e como não sabia nadar, quase se afogara. O irmão mais velho conseguira salvá-lo. O fato ocorreu exatamente no mesmo momento em que, no trem, eu fora assaltado pela lembrança (Jung, 1997, pp. 262-263).

Provavelmente uma projeção telepática do neto em pânico pelo perigo que corria, deslanchou o processo de reminiscência e sensações angustiantes de que algo ruim estava acontecendo, sem que Jung conseguisse definir o quê, precisamente.

O pressentimento pode ocorrer também utilizando o sonho como veículo, para passar uma mensagem simbólica de algum fato, como no seguinte episódio:

Um outro acontecimento de minha vida, que me deu o que pensar ocorreu antes da morte de minha mãe. Quando ela morreu eu me encontrava no Tessin. Fiquei aturdido pela notícia, porque sua morte foi inesperada e brutal. Durante a noite precedente, tivera um sonho espantoso. Encontrava-me numa floresta sombria e espessa; blocos de rochedos fantásticos e gigantescos jaziam entre árvores enormes, como uma floresta virgem. Era uma paisagem heróica, primitiva. De repente ouvi um silvo estridente que parecia repercutir através do universo. Meus joelhos tremeram. Em seguida, na mata, ouvi um estrepito e um monstruoso lobo de fauces ameaçadoras saiu correndo. Vendo-o, meu sangue congelou-se nas veias. Passou por mim rapidamente e logo compreendi: o Caçador Selvagem lhe ordenara que trouxesse um ser humano. Acordei numa angústia mortal e na manhã seguinte recebi a notícia da morte de minha mãe (Jung, 1997, pp. 271-272).

Pressentimento e Visões Premonitórias da Primeira Grande Guerra

Muito importante foi o conjunto de pressentimentos, misturado a visões simbólicas, com os quais Jung antecipou o banho de sangue da Primeira Guerra Mundial:

Por volta do outono de 1913, a pressão que até então sentira pareceu deslocar-se para o exterior, como se algo pairasse no ar. Efetivamente, a atmosfera parecia-me mais sombria do que antes. Não parecia tratar-se de uma situação psíquica, mas de uma realidade concreta. Esta impressão tornava-se cada vez mais intensa.

No mês de outubro, viajando sozinho, fui subitamente assaltado por uma visão: vi uma onda colossal cobrir todos os países da planície setentrional, situados entre o Mar do Norte e os Alpes. As ondas estendiam-se da Inglaterra a Rússia, e das costas do Mar do Norte quase até os Alpes. Quando atingiram a Suíça, vi as montanhas elevarem-se cada vez mais, como para proteger nosso país. Acabara de ocorrer uma espantosa catástrofe. Eu via vagas impetuosas e amarelas, os destroços flutuantes das obras da civilização e a morte de inúmeros seres humanos. O mar transformou-se em torrentes de sangue. Esta visão durou cerca de uma hora. Perturbado, nauseado, tive vergonha de minha fraqueza.

Passaram-se duas semanas e a visão se repetiu nas mesmas circunstâncias: porém a transformação final em sangue foi ainda mais terrível. Uma voz interior me disse: “Olha bem, isto é real e será assim; portanto, não duvides”.

No inverno seguinte, alguém me perguntou o que eu pensava a respeito dos acontecimentos mundiais num futuro próximo. Respondi-lhe que não pensava nada, mas que via torrentes de sangue. A visão não me abandonava.

Perguntava a mim mesmo se essas visões aludiam a alguma revolução, mas as imagens não se precisavam. Assim, cheguei a conclusão de que essas visões me diziam respeito e supus estar sendo ameaçado por uma psicose. O pensamento da possibilidade de uma guerra não me ocorreu (Jung, 1997, p. 156).

Mesmo um pensador refinado e experiente, como Jung, tende a deixar de valorizar certas percepções paranormais, como acontece com muitas pessoas. O incrível é que todos vivemos experiências paranormais quase cotidianamente, mas a *cultura da negação*, que praticamente bebemos com o leite materno, nos leva a repudiá-las e não lhes dar qualquer crédito ou valor.

Pouco depois, na primavera ou no início do verão de 1914, um sonho se repetiu três vezes: no meio do verão um frio ártico irrompia e a terra como que se petrificava sob o gelo. Uma vez, por exemplo, vi que toda a região de Lorena, com os seus canais, estava gelada. Fora abandonada pelos homens e todos os lagos e rios encontravam-se cobertos pelo gelo. Toda a vegetação viva congelara. Essas imagens de sonhos ocorreram em abril, em maio e, pela última vez, em junho de 1914.

No terceiro sonho desta série, um frio monstruoso, que parecia provir dos espaços cósmicos, havia invadido a Terra. Este sonho, entretanto, teve um fim inesperado: havia uma árvore com folhas, mas sem fruto (minha árvore da vida, pensei); sob o efeito do gelo as folhas haviam-se transformado em bagos açucarados de uva, cheios de um suco benéfico. Eu colhia as uvas e as oferecia a uma grande multidão que aguardava.

No fim de julho de 1914, convidado pela British Medical Association, eu devia participar de um congresso em Aberdeen, realizando uma conferência sobre “A Significação do Inconsciente na Psicopatologia”. Estava esperando que algo acontecesse, pois as visões e os sonhos que tivera me pareciam sinais do destino. No estado de espírito daquele momento, e em razão das apreensões que nutria, parecia-me desígnio do destino que eu devesse falar naquela ocasião precisamente acerca do significado do inconsciente.

No dia 1º de agosto estourou a Guerra Mundial. Minha tarefa pareceu-me então claramente definida: devia tentar compreender o que se passava e em que medida minha própria experiência estava ligada a da coletividade. Nesse sentido era preciso refletir em primeiro lugar sobre mim mesmo. Comecei anotando as fantasias que me haviam ocorrido durante o período em que me entregara a brincadeira de construção. Esse trabalho passou então para o primeiro plano (Jung, 1997, pp. 156-157).

Sonhos Premonitórios e Telepáticos

Diferente do pressentimento, o evento premonitório é mais específico, podendo se dar em estado de vigília ou durante o sono, por sonhos, como o que vem a seguir:

Alguns meses antes da morte de minha mãe, em setembro de 1922, tive um sonho que me anunciava isso. Este sonho dizia respeito a meu pai e me causou grande impressão: desde sua morte – em 1896 – jamais sonhara com ele e eis que me aparece num sonho, como se tivesse voltado de uma longa viagem. Parecia rejuvenescido e não manifestava qualquer autoridade paterna. Estava ao meu lado, em minha biblioteca e eu me alegrava extraordinariamente por saber que ele chegara. Sentia-me particularmente feliz por lhe apresentar minha esposa, meus filhos e contar-lhe tudo o que tinha feito, mostrando-lhe o homem que me tornara. Queria também falar de meu livro *Os Tipos Psicológicos*, recentemente publicado, mas imediatamente notei que esses assuntos o importunavam porque parecia preocupado. Tinha o ar de quem esperava qualquer coisa. Eu percebi e por isso me mantive reservado. Disse-me então que por ser eu psicólogo gostaria de consultar-me sobre a psicologia do casamento. Dispunha-me a dissertar longamente a respeito das complicações da união conjugal, mas nesse momento acordei. Não pude compreender o sonho como deveria, pois não tive a idéia de que era preciso ligá-lo a morte da minha mãe. Só o compreendi quando ela morreu subitamente em janeiro de 1923 (Jung, 1997, p. 273).

O significado do sonho era claro, e poderia ser intuído com facilidade, mas acontece que o sonhador, Jung, estava envolvido emocionalmente, pois era da morte de sua mãe que o simbolismo onírico falava. Um fato a destacar nesse sonho premonitório é o de que, como já é clássico, o morto aparece rejuvenescido.

O sonho, que vem narrado em seguida, tem alusões tão claras sobre a morte que não podia deixar de ser entendido como um aviso do falecimento de um parente de sua mulher:

Era um túmulo que despertava lembranças da antigüidade. Ouvi nesse momento um profundo suspiro, como o de um agonizante. Uma forma que se assemelhava a de minha mulher ergueu-se da tumba e elevou-se nos ares. Trazia uma veste branca tecida de curiosos signos negros. Despertei, acordei também minha mulher e olhei o relógio. Eram três horas da manhã. O sonho era tão estranho que pensei imediatamente que podia anunciar um falecimento. s sete horas chegou-nos a notícia de que uma prima de minha mulher falecera às três horas (Jung, 1997, p. 263).

Para Jung, a relação médico-paciente pode levar ao acontecimento de fenômenos paranormais, desde que intervenha uma transferência ou uma identificação entre eles, pois muitas vezes acontecera fenômenos, do tipo citado, entre ele e seus pacientes. Um caso que mais o impressionou foi o de um doente a quem livrara de uma *depressão psicgena*. Voltara para sua casa e se consorciara. A mulher, entretanto, não simpatizava com Jung, e ele sentiu que ela o encarava *como uma pedra no sapato*, pelo reconhecimento que o marido tinha por causa da cura.

s vezes, as mulheres que não amam verdadeiramente os maridos sentem ciúmes e destroem as amizades deles. Querem os maridos sem admitir partilha, justamente porque não lhes pertencem. O núcleo de todo ciúme é a falta de amor (Jung, 1997, p. 125).

O doente sentia a pressão da mulher, e essa se lhe tornou insuportável. Por isso, um ano depois do casamento voltou a se sentir deprimido. Jung lhe havia pedido que se isso voltasse a ocorrer, lhe procurasse:

Mas ele não o fez, e sua mulher teve parte nisso, uma vez que não dava importância ao seu humor depressivo. Ele não me procurou.

Nessa época, eu devia fazer uma conferência em B. Quase a meia-noite voltei ao hotel. Depois da conferência jantei com alguns amigos e logo fui deitar-me. Não conseguia dormir. Por volta das duas horas – tinha acabado de dormir – acordei espantado, persuadido de que alguém viera ao meu quarto;

tinha também a impressão de que a porta se abria precipitadamente. Acendi a luz, mas não vi coisa alguma. Pensei que alguém se enganara de porta; olhei no corredor, silêncio de morte. “Estranho”, pensei, “alguém entrou no meu quarto!” Procurei avivar minhas lembranças e percebi que acordara com a sensação de uma dor surda, como se algo tivesse ricocheteado em minha frente e em seguida tivesse batido na parte posterior do meu crânio. No dia seguinte recebi um telegrama me avisando que aquele doente se suicidara. Dera um tiro na cabeça. Soube mais tarde que a bala se detivera na parte posterior do crânio.

Tratava-se, neste caso, de um verdadeiro fenômeno de sincronicidade, tal como se pode observar freqüentemente numa situação arquetípica – no caso, a morte. Dada a relatividade do tempo e do espaço no inconsciente, é possível que eu tenha percebido o que se passara, em realidade, num outro lugar. O inconsciente coletivo é comum a todos os homens; e o fundamento daquilo que a antigüidade chamava de “simpatia de todas as coisas”. No caso em questão, meu inconsciente conhecia o estado do meu doente. Durante a noite inteira eu experimentara um nervosismo e uma inquietação espantosa, muito diferentes do meu humor usual (Jung, 1997, pp. 125-126).

Este sonho é um *aviso de morte*, quando um percipiente é informado por sonhos, sentimentos ou acontecimento de que alguém do seu relacionamento, geralmente parente ou amigo, morreu. Em geral, a percepção se dá no momento em que o fato ocorre. No caso relatado a presença do suicida ou uma emissão telepática pode ter criado as sensações alucinatórias de Jung. Existem numerosos casos nos arquivos dos *estudos psíquicos*, muito semelhantes a esse. Quanto à teoria da *sincronicidade*, tratarei dela em capítulo específico.

Lembro-me do caso de uma doente judia que perdera a fé. Tudo começou por um sonho que tive, no qual uma jovem desconhecida apareceu para consulta. Ela me expôs seu caso, e enquanto falava eu dizia a mim mesmo: “Não a compreendo, absolutamente, não sei do que se trata!” Mas de repente veio-me ao espírito o fato de que ela sofria de um complexo paterno incomum. Tal foi o sonho. No dia seguinte. Minha

agenda dizia: consulta às quatro horas. Apareceu uma jovem judia, filha de um rico banqueiro, bonita, elegante, e muito inteligente. Tinha feito análise, mas o médico experimentara uma contratransferência, de tal forma que suplicara que não voltasse, pois senão poderia destruir seu lar.

A jovem sofria há anos de uma grave neurose de angústia que, naturalmente, piorou depois desta experiência. Comecei pela anamnese, mas nada descobri de particular. Era uma judia ocidental, adaptada, esclarecida até a medula. No começo, não compreendi seu caso. De repente lembrei-me do meu sonho e pensei: “Meu Deus, é aquela mocinha que me apareceu em sonho”. Mas como não constatava nela o menor traço de um complexo paterno, interroguei-a como de costume acerca de seu avô. Vi-a então, fechar os olhos durante um curto instante, e imediatamente compreendi: é aí, que a ferida dói! Pedi-lhe, então, que me falasse desse avô. Soube que ele fora rabino, pertencendo a uma seita judia: “quer referir-se aos hassidim?” – “Sim,” disse ela. Continuei: “Se ele era rabino, seria talvez um Zaddik?” – “Sim! Dizem que era uma espécie de santo e que tinha uma segunda visão, mas tudo isso é tolice, tais coisas não existem mais!” acrescentou.

Dessa forma terminou a anamnese; compreendi a história de sua neurose e expliquei: “Agora vou dizer-lhe uma coisa que talvez não possa aceitar: seu avô era um Zaddik. Seu pai foi infiel a religião judaica. Traiu o mistério e esqueceu Deus – e sua neurose está ligada ao medo de Deus!” Ela foi como que ferida por um raio.

Na noite seguinte tive mais um sonho. Havia uma recepção em minha casa e, ó surpresa! a mocinha lá estava. Aproximou-se de mim, perguntando: “O senhor tem um guarda-chuva? está chovendo tanto!” Encontrei um e, abrindo-o com dificuldade, lhe ofereci. Mas o que aconteceu? Ao entregá-lo, pus-me de joelhos como se ela fosse uma divindade!

Contei-lhe o sonho e ao fim de oito dias a neurose tinha desaparecido⁴⁵ O sonho me mostrara que ela não era só uma pessoa superficial, mas que havia em seu íntimo uma santa. Não dispo de representações mitológicas, o essencial nela não chegava a exprimir-se. Todas as suas intenções se dirigiam para o flirt, os vestidos, a sexualidade, porque não conhecia outra coisa. Ela só conhecia o intelecto e levava uma vida

⁴⁵ Este caso é diferente da maioria dos outros deste gênero, devido à rapidez com que se processou. (A. J.).

desprovida de sentido. Na realidade, era uma criatura de Deus, que deveria cumprir Sua vontade secreta. Precisei suscitar-lhe idéias mitológicas e religiosas, pois era um desses seres que devem desenvolver uma atividade espiritual. Sua vida adquiriu então um sentido; quanto à neurose, desapareceu.

Nesse caso, não utilizei “método” algum; sentira a presença do numen. Expliquei-o a doente e a cura se seguiu. Eu seguira um método; só o temor a Deus atuara sobre ela (Jung, 1997, pp. 126-127).

O primeiro sonho é obviamente premonitório, pois se realizou integralmente. O segundo, porém, é uma elaboração do inconsciente de Jung, o qual explicou o problema da paciente, bem como sugeriu a “terapia” aplicável.

Mas a certeza de Jung quanto a existência e veracidade dos sonhos premonitórios não nasceu apenas de sua própria experiência, mas também da de seus pacientes:

Uma de minhas alunas de quase sessenta anos teve um sonho particularmente importante, mais ou menos dois meses antes de morrer: ela chegava ao além; numa sala de aula, nos primeiros bancos, estavam sentadas várias de suas amigas falecidas. Uma atmosfera de expectativa geral reinava no ambiente. Olhou em torno, procurando um mestre ou um conferencista, mas não encontrou ninguém. Fizeram-na compreender que o conferencista era ela própria, porque todos os mortos deviam, imediatamente depois do falecimento, apresentar um relatório da soma de experiências por que passaram em vida. Os mortos se interessavam extraordinariamente pelas experiências da vida que os defuntos traziam, como se os fatos e os atos da vida terrestre fossem acontecimentos decisivos.

Em todo caso, o sonho descreve um auditório muito singular, impossível de ser encontrado na Terra: as pessoas se interessavam ardentemente pelo resultado final, psicológico, de uma vida humana, que, segundo nossa maneira de pensar, nada tem de notável – além da conclusão que dela se possa tirar. Mas se o “público” se encontra numa intemporalidade relativa, em que “escoamento”, “acontecimento”, “desenvolvimento” se tornaram noções aleatórias, compreende-se que possa interessar-se particularmente pelo que mais lhe falta no estado em que se encontra.

Na época em que teve esse sonho, a pessoa em questão temia morrer e procurava, tanto quanto possível, afastar essa idéia do pensamento consciente (Jung, 1997, p. 265).

O sonho, naturalmente, a estava preparando para o fato inevitável de sua própria morte, bem como lhe alertando para a continuidade da vida, no além-túmulo.

Aparece no sonho, também, o tema da *prestação de contas* após a morte que é comum e conhecido desde a mais alta antigüidade. As modernas *comunicações mediúnicas*, bem como as *experiências de quase morte*, são claras e incisivas sobre esse ponto. Alguns falam de uma espécie de corte de justiça, onde apresentam sua história e são devidamente julgados, enquanto outros se referem a assembléias às quais têm de se dirigir, contando suas vivências enquanto no corpo. O que corrobora o sonho premonitório da paciente de Jung, sobre o que teria de realizar no além, dois meses depois.

Infelizmente, a maioria dos psiquiatras e psicólogos não possui a amplitude intelectual de Jung. Tivessem, os registros de fenômenos paranormais dos seus pacientes obrigariam a uma pesquisa mais séria nessa área.

Desdobramento Mediúnico

Uma noite eu não conseguia dormir e pensava na morte repentina de um amigo, enterrado no dia anterior. Sua morte me preocupava muito. Subitamente tive a impressão de que ele estava no meu quarto, ao pé de minha cama e que me pedia que fosse com ele. não julgava tratar-se de uma aparição; pelo contrario, formara do morto uma imagem visual interior e tomei-a por uma fantasia. Mas, honestamente, foi-me necessário perguntar: “Que prova tenho de que se trata de uma fantasia? E se não for? Caso meu amigo esteja realmente presente, não seria uma inconveniência de minha parte tomá-lo por uma figura imaginária?” Mas também não tinha qualquer prova para acreditar que ele estivesse realmente diante de mim. então dis-

se a mim mesmo: “Em lugar de considerar que se trata apenas de uma fantasia, posso, da mesma maneira, aceitá-lo como se fora uma aparição, pelo menos para ver o que disso resultaria”. No mesmo momento em que tive esse pensamento, ele se dirigiu para a porta e fez que eu entrasse no jogo. Isso certamente não estava previsto. Foi-me necessário então fortalecer a argumentação. Então somente o segui em imaginação.

Ele me conduziu para fora de casa, ao jardim, a rua e finalmente a sua própria casa. (Na realidade apenas algumas centenas de metros a separavam da minha). Entrei, introduzi-me em seguida em seu escritório e, subindo num tamborete, indicou-me o segundo volume de uma série de cinco, encadernados em vermelho; eles se encontravam muito alto na segunda prateleira. então a visão se dissipou. não conhecia sua biblioteca e ignorava que livros possuía. Por outro lado, não poderia de onde estava ler os títulos dos volumes que ele indicara, pois se encontravam na prateleira superior.

Esse fato me pareceu tão estranho que na manhã seguinte, fui à casa da viúva e pedi autorização para entrar na biblioteca do meu falecido amigo para uma verificação. Realmente, havia debaixo da prateleira vista em minha imaginação, um tamborete e, já de longe, percebi os cinco volumes encadernados em vermelho. Subi no tamborete para ler os títulos. Eram traduções dos romances de Zola. O título do segundo era: O Legado de uma Morta. Se o conteúdo me pareceu desprovido de interesse, o título era, por outro lado, muito significativo pela relação com o que se passara (Jung, 1997, p. 271).

Neste episódio temos dois fenômenos interligados: o primeiro é uma *visão intuitiva*, pura e simples: o amigo é percebido mentalmente como ali estando e chamando Jung para acompanhá-lo numa excursão qualquer. Já no segundo momento acontece um desdobramento consciente, isto é, a consciência ou espírito de Jung desloca-se para fora do corpo, e segue o amigo, atendendo ao seu convite. A visita à biblioteca da casa do falecido, com o detalhe dos livros encadernados em vermelho, e na posição exata de prateleira, comprova a veracidade do fenômeno.

A Teoria da Sincronicidade

Que até o momento vem dificultando o desenvolvimento da Parapsicologia é a falta de uma teoria que explique, pelo menos, a maior parte dos fenômenos que lhe são objeto. Até o momento não se conhecem os mecanismos que produzem a telepatia, a clarividência – tanto no presente, quanto no futuro – e a psicocinesia. Carl Gustav Jung, como um pesquisador sério e destemido dos enigmas da mente, não se furtou de enfrentar o problema. A fenomenologia mental possui características próprias, que contraria as leis e princípios descobertos e estabelecidos pelas ciências naturais. Esse é um fato que qualquer pessoas pode comprovar.

Ora, a concepção científica do mundo sempre se baseou no *princípio da causalidade* que, em última análise implica no determinismo de *todo efeito ter uma causa*. Mas, existem fenômenos que parecem acontecer fora da complexa rede das conexões causais: os do *acaso*. Existem acontecimentos coincidentes que – aparentemente – não têm qualquer nexos causal entre eles. Vejamos um exemplo: uma mulher tirou fotografias de seu filho na *Floresta Negra*. Mandou revelar o filme na cidade de Estrasburgo. Nesse meio tempo, começou a guerra de 1914, e ela não pôde retirar as revelações, dando como perdidas. Em 1916, a mesma senhora com-

prou um filme na cidade de Frankfurt, para tirar fotos de uma filha que tivera no intervalo. Ao ser revelado o filme, verificou-se que houvera dupla exposição, pois o filme era o mesmo que mandara revelar dois anos antes (Jung, 1984, par. 831).

É claro que se este fosse um caso isolado poderia ser explicado como um acontecimento casual. Todavia, todos os dias, mundo afora, acontecem fatos semelhantes de objetos que retornam aos seus donos, por vias as mais improváveis, bem como coincidências significativas, sem qualquer compromisso com a lei de causa e efeito, de diversas naturezas.

Antes da revolução na Física, motivada por Einstein e a Escola de Copenhague, a visão newtoniana dos fenômenos era de que os acontecimentos casuais apenas o seriam em aparência, na verdade eram produzidos por uma teia de causalidades que nos escapavam à percepção. Tivéssemos conhecimento de todas as variáveis que compõem o fluir das coisas e, automaticamente estariam explicados todos os acontecimentos, por mais banais e casuais que parecessem.

As teorias da *relatividade* e da *mecânica quântica* vieram derrubar muitas certezas determinísticas dos cientistas, principalmente essa última. De repente o tempo e o espaço deixaram de ser absolutos, para serem reconhecidos como *coisas* que sofrem deformações estruturais, sob o império das forças naturais. Mais do que isso, verificou-se que os componentes estruturais da *matéria* estão subordinados ao que Heisenberg denominou *princípio da incerteza*: quando se tem a velocidade de uma partícula, não se pode ter sua posição, e vice versa. Enfim, os fenômenos subatômicos só podem ser analisados probabilisticamente. Mais ainda, as partículas atômicas se comportam de forma *acausal* em muitas oportunidades, como seja: surgem do *nada*: onde não havia partículas, repentinamente uma *aparece*, sem que se lhe possa assinalar uma origem; parece uma criação espontânea, *ex-nihil*. Finalmente, como se comprovou experimentalmente, uma

partícula pode estar em lugares diferentes *ao mesmo tempo*, para ficarmos apenas nesse reduzido número de comportamentos *estranhos*.

Paralelamente, os estudos de Joseph Banks Rhine, que criaram a Ciência Parapsicológica, demonstraram a existência de conexões psíquicas, produtoras de fenômenos independentes do tempo e do espaço e, muitas vezes sem nexo causal, como por exemplo a percepção de acontecimentos futuros, o que atenta contra a *lei de conservação da energia*. Aliás, os fenômenos mediúnicos, que vêm sendo motivo de debate desde a metade do século XIX, apresentam muitas características hoje catalogadas na física nuclear como ocorrências probabilísticas, pois não estão submetidos à vontade do experimentador. Os chamados fenômenos de *efeitos físicos* acontecem de forma aleatória e parecem surgir *do nada*. Dentre estes, os fenômenos de *apport*⁴⁶ assemelham-se ao *efeito túnel* que ocorre com as partículas infra-atômicas. E assim por diante.

Como resultado das descobertas da Física nos campos macro e microcósmico, os conceitos epistemológicos tradicionais sofreram considerável mudança. Baseado nisso, em sua experiência pessoal e estudo dos fatos paranormais, Jung desenvolveu, juntamente com Wolfgang Pauli – prêmio Nobel de Física – o conceito de *Sincronicidade*, que denominou como *um fator hipotético de explicação equivalente à causalidade*, pelo seu caráter de simultaneidade. Os fenômenos parapsicológicos, estudados e comprovados cientificamente por Rhine tiveram um peso considerável na estruturação desse conceito:

os experimentos de Rhine nos põem diante do fato de que existem acontecimentos que estão relacionados experimentalmente (o que, neste caso, quer dizer **significativamente**) entre si,

⁴⁶ Também denominado fenômeno de transporte, é o deslocamento de objetos de, ou para, lugares fechados.

sem a possibilidade, porém, de provar que tal relação seja causal, visto que a “transmissão” não revela nenhuma das conhecidas propriedades da energia (Jung, 1984, par. 840).

Como fez Rhine, Jung procurou delimitar o campo de seu estudo de forma clara e simples:

Os acontecimentos sincrônicos repousam na simultaneidade de dois estados psíquicos diferentes. Um é normal, provável (quer dizer: pode ser explicável causalmente) e o outro, isto é, a experiência crítica, não pode ser derivada causalmente do primeiro (Jung, 1984, par. 855).

E Jung esclarece bem isso dizendo:

Um conteúdo inesperado, que está ligado direta ou indiretamente a um acontecimento objetivo exterior, coincide com o estado psíquico ordinário; é isto que chamo sincronicidade (Jung, 1984, par. 855).

Dessa forma, tem de se ter cuidado ao rotular algum acontecimento incomum, principalmente paranormal, de *sincronicidade*. Por exemplo, um fenômeno mediúnico comum não pode ser chamado de sincronicidade, a não ser que sua ocorrência objetiva tenha sido acompanhada de um estado psíquico correlato. Estive tentado a acrescentar *e simultâneo*, mas Jung ressalta a *relatividade do tempo* (tanto quanto do espaço) nos fatos psíquicos (quanto físicos). Por exemplo, “A” sonha com um amigo morto há alguns anos e, no dia seguinte, sem que tenha havido qualquer contato, uma pessoa “B” lhe procura para entregar uma mensagem mediúnica do falecido, e a ele dirigida. Aí existem dois fenômenos: o mediúnico, que produz a mensagem (não se analisando para o propósito atual sua veracidade ou não), e o *sincrônico*, identificável na *coincidência significativa* entre o sonho e a entrega da mensagem, justamente do *de cujus*. Entre um fato e outro (sonho e mensagem) não existe uma causalidade explícita, embora possa ser inferida.

Os fenômenos *sincronísticos* podem ser divididos em três grandes grupos:

1. Coincidência de um estado psíquico do observador com um acontecimento objetivo externo e simultâneo, que corresponde ao estado ou conteúdo psíquico..., onde, não há nenhuma evidência de uma conexão causal entre o estado psíquico e o acontecimento externo e onde, considerando-se a relativização psíquica do espaço e do tempo, ..., tal conexão é simplesmente inconcebível. 2. Coincidência de um estado psíquico com um acontecimento exterior correspondente (mais ou menos simultâneo), que tem lugar fora do campo de percepção do observador, ou seja, especialmente distante, e só pode verificar posteriormente... 3. Coincidência de um estado psíquico com um acontecimento futuro, portanto, distante no tempo e ainda não presente, e que só pode ser verificado também posteriormente (Jung, 1984, par. 974).

Pelo que se pode ver, os eventos aos quais a Teoria da Sincronicidade se aplica são limitados, não abrangendo a complexa gama dos fenômenos mediúnicos. No que diz respeito aos fenômenos epistemologicamente subordinados à Parapsicologia, o conceito de sincronicidade pode melhor se adequar. Todavia, é preciso se verificar que essa teoria não *explica*, nem procura explicar, os mecanismos de produção de tais fenômenos. Apenas ressalta seu caráter aparentemente não causal. Afirmo isso por quê, atribuir tais acontecimentos a propriedades do inconsciente coloca-nos diante de uma *tautologia*, um círculo vicioso de se nomear um princípio desconhecido como proporcionador de um fenômeno tão desconhecido quanto ele. Na verdade pode-se dizer que é apenas um nome para determinados eventos, e não uma *teoria* propriamente dita, como muitos querem fazer crer.

Jung conceitua a natureza como uma reunião de quatro grandes princípios: a energia, indestrutível e presente em todos os fenômenos, o contínuo espaço-tempo, o princípio da

causalidade, que estabelece conexão constante entre os dois e o princípio da *sincronicidade*, que faz uma ligação *inconstante através da contingência ou “significação”*. Em outras palavras, o complexo da natureza é composto de uma realidade física (o macrocosmo), onde a causalidade impera *quase* permanentemente, e de um substrato psíquico, que pode interferir no *mundo causal*, gerando fenômenos *acausais*. Os fenômenos acausais seriam produzidos pelos *arquétipos*, e Jung assim se refere a esse problema:

Estes últimos (os arquétipos) são *indefinidos*, isto é, só podem ser conhecidos e determinados de maneira aproximativa. Embora estejam associados a processos causais, ou “portados” por eles, contudo estão continuamente ultrapassando os seus próprios limites, procedimento estes a que eu daria o nome de *transgressividade porque os arquétipos não se acham de maneira certa e exclusiva na esfera psíquica, mas podem ocorrer também em circunstâncias não psíquicas* (equivalência de um processo físico externo com um processo psíquico). As equivalências arquetípicas são contingentes à determinação causal. Isto é, entre elas e os processos causais não há relações conformes a leis (Jung, 1984, par. 954).

Para Jung o princípio da sincronicidade era uma exigência metodológica para explicar a intromissão de fenômenos psíquicos, de forma não causal, no mundo gerido pela causalidade. No fundo, o avesso do mundo estaria sob a direção dos *arquétipos*, entidades do *inconsciente coletivo*, inabordáveis diretamente pela experiência, mas acessíveis em suas projeções mitológicas ou geométricas, encontradas nas estruturas culturais mágico-religiosas de todos os povos.

Em 1857, muito antes do nascimento de Jung, surgiram explicações sobre os fenômenos ditos de sincronicidade, além de outros não abrangidos pela teoria. De acordo com essa teoria, a ocorrência de uma idéia em vários lugares ao mesmo tempo, por exemplo uma descoberta como o cálculo infinitesimal

mal por Newton e Leibniz, se dá pelo fato dos espíritos se encontrarem fora do corpo, durante o sono, e trocaram informações que ficam retidas no inconsciente, aparecendo depois na consciência como intuições. Esta teoria, que implica a dissociação da mente, possui variantes, como a que nos diz que durante o sono existe interação entre os espíritos dos *vivos* entre si, como também com o dos *mortos* , o que pode facultar a disseminação de idéias semelhantes por vários lugares, simultaneamente (Kardec, 1971, 419).

Igualmente, a teoria em pauta explica que existe *comunicação inconsciente* entre os indivíduos, pois a mente não é prisioneira do corpo, como um líquido numa garrafa. Na verdade, os pensamentos se irradiam pelo ambiente, como a luz do filamento de uma lâmpada elétrica através do vidro onde está contido. Isto permite a comunicação subliminar entre os indivíduos, numa troca permanente de informações. A afinidade simpática entre pessoas permite que tal comunicação se produza instantaneamente em determinadas ocasiões (Kardec, 1971, 420-421).

Vê-se, pois, que a *hipótese espírita* é bem mais simples do que as inventadas pelos pesquisadores dos fenômenos paranormais. Diga-se de passagem que a dita hipótese foi lançada pelo próprio fenômeno, ou melhor dizendo, pelos espíritos que se comunicam pela mediunidade, enquanto as outras foram criadas pelos pesquisadores, em contraposição ao que era afirmado pelo próprio fenômeno. Assim, enquanto a hipótese espírita é *natural* , a dos pesquisadores é *artificial* . Inclusive, dois ilustres estudiosos dos *fenômenos psíquica* , Gustav Geley e Charles Richet concluíram que aquela hipótese, embora seja a mais simples, é a única que abrange uma gama maior dos fenômenos, sem qualquer exceção, enquanto as outras são aplicáveis a tipos limitados de fenômenos paranormais. São *teorias a varejo* , que terminam por se contradizerem, e de tão limitadas perdem a eficácia. O próprio Jung chegou a conclusão semelhante (ver Jung, 2002, p. 85).

A *teoria da sincronicidade* tem o valor de mostrar que existem fenômenos onde a relação de causa e efeito não se faz presente ou não é reconhecível. Esses fenômenos ainda estão a requerer uma hipótese explicativa. Vejamos um exemplo, tirado da clínica do próprio Jung. Uma sua paciente, de mentalidade rigidamente cartesiana, apresentava-se inacessível à abordagem psicológica. Havendo tentado romper sua couraça racionalista, Jung resolveu aguardar que algo inesperado proporcionasse meios de furar as defesas psíquicas da paciente:

Assim, certo dia eu estava sentado diante dela, de costas para a janela, a fim de escutar a sua torrente de eloquência. Na noite anterior ela havia tido um sonho impressionante no qual alguém lhe dava um escaravelho de ouro (uma jóia preciosa) de presente. Enquanto ela me contava o sonho, eu ouvi que alguma coisa batia de leve na janela, por trás de mim. Voltei-me e vi que se tratava de um inseto alado de certo tamanho, que se chocou com a vidraça, pelo lado de fora, evidentemente com a intenção de entrar no aposento escuro. Isto me pareceu estranho. Abri imediatamente a janela e apanhei o animalzinho em pleno vôo, no ar. Era um *escarabeídeo*, da espécie de *Cetonia aurata*, o besouro-rosa comum, cuja cor verde-dourada torna-o muito semelhante a um escaravelho de ouro. Estendi-lhe o besouro, dizendo-lhe: “Está aqui o seu escaravelho”. Este acontecimento abriu a brecha desejada no seu racionalismo, e com isto rompeu-se o gelo de sua resistência intelectual (Jung, 1984, par. 972).

Como entender um caso desse? Existe uma coincidência entre o sonho e o aparecimento do besouro, sem sombra de dúvida. Terá sido uma precognição simbólica? Ou seja, a paciente viu, no seu sonho, que um besouro tentaria entrar na sala, no dia seguinte, no momento de sua consulta? Por outro lado, será que o psiquismo inconsciente da paciente atraiu o besouro, a ponto de levá-lo a tentar entrar numa sala escura, o que é contrário ao procedimento geral de insetos que são atraídos pela claridade?

Poderíamos também raciocinar no sentido de que, ao ouvir o sonho, o inconsciente de Jung, atraiu um besouro que se assemelhava ao escaravelho, para poder dar continuidade ao tratamento!

Finalmente, teria interferido uma *entidade espiritual*, interessada no trabalho terapêutico com a paciente, agindo sobre o besouro, levando-o a ficar se chocando com a vidraça, para que se desse uma *sincronicidade*?

É uma escolha difícil, pois todas as hipóteses são logicamente possíveis. Mas, existem certos eventos onde não há como se estabelecer os meios e modos deles acontecerem. Como exemplo, cito o seguinte: eu estava numa cidade do interior do Estado da Bahia, e iria viajar para a cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, às treze horas, com escalas em Salvador e Brasília. Pela manhã, atendi duas jovens senhoras, as quais me relataram fatos da primeira infância, inclusive de quando eram recém-nascidas. Cada uma delas, em horários diferentes, se mostrava possuída de intenso *afeto*, enquanto me contava suas histórias. Fiquei impressionado com os fatos narrados. A conversa com a última terminou às doze horas, e eu tive de correr direto para o aeroporto. A atendente da companhia de aviação havia me colocado na poltrona do meio, dos primeiros assentos, em todas as três aeronaves em que teria de viajar. Solicitei que me trocasse de assento, brincando com ela: “Minha amiga, eu não gosto de fazer o papel de salsicha em cachorro quente”. Ela então me colocou na poltrona da janela, da mesma primeira fila, nos vôos seguinte, mas conservou o mesmo local no primeiro vôo, que seria de meia-hora, apenas. Ao entrar no avião, que fazia conexão na cidade onde eu estava, no lugar que seria o meu, estava sentada uma jovem senhora, com uma criança de colo nos braços. Ela passou para a janela, e eu me sentei no lugar que me estava reservado. Em Salvador, troquei de aeronave. Qual não foi minha surpresa, no lugar junto à janela – onde

eu sentaria –, estava uma senhora, *com uma criança de colo nos braços*. Aquilo me fez lembrar dos relatos da manhã e do que acontecera na primeira aeronave. A conexão em Brasília demorou cerca de duas horas. Quando entrei na aeronave que me levaria a Manaus, outra surpresa: *no lugar junto à janela, estava uma jovem senhora segurando uma criança de colo*. Durante a conversação que viemos a travar, esta senhora me perguntou onde eu ficaria hospedado em Manaus, pois era proprietária de um hotel, e me faria um bom desconto nas diárias. Disse-lhe que não sabia, pois os amigos que me haviam convidado, estavam providenciando a hospedagem, a qual poderia, inclusive, ser na residência de um deles. Para finalizar, os companheiros haviam reservado hospedagem *no hotel que pertencia à dita senhora*.

Como se vê, uma série de *coincidências*. O que as teria motivado? Houve uma conexão qualquer, entre os eventos da manhã e os acontecimentos nas aeronaves? Mas o que a provocou? Não há sentido em se buscar a solução numa atuação de espíritos, pois não existiam motivos suficientes que justificasse um tal esforço. Esse é um caso típico de *sincronicidade*, como estabelecido por Jung, mas o caracterizá-lo, não o explica. Quais os mecanismos que provocaram tais *coincidências*? Meu inconsciente provocou tudo isso? E qual o objetivo? Eram bem claras as origens dos problemas das jovens senhoras, que eu havia atendido! A coleção de sincronicidades não me trouxe qualquer esclarecimento, a não ser confirmar que minhas conclusões estavam corretas.

Por tudo que foi visto neste capítulo, concluo que estamos muito longe do entendimento real do universo psíquico, tanto individual quanto coletivo.

Conceitos de Jung sobre a Alma e o Espírito

*A*s idéias de Jung com relação a alma e ao espírito não sofreram muita variação ao longo do tempo, como seria de se esperar. Em sua dissertação de doutorado em psiquiatria: Sobre a Psicologia e Patologia dos Fenômenos Chamados Ocultos, começa analisando casos típicos de alucinação, como introdução ao que chamou de “Um Caso de Sonambulismo com Carga Hereditária”, seguido de um parêntese: Médium Espírita. Já analisei as reuniões por ele realizadas com a médium Hélène Preiswerk, que tinha à época quinze anos e era sua prima., no capítulo intitulado: “Experiências Mediúnicas”. Vou abordar aqui, apenas as conclusões desses estudos. Em primeiro lugar, os fenômenos não são devidos à charlatanice, mas explicam-se assim: o *movimento automático da mesa*, como resultado de tremores inconscientes das mãos do médium. As *comunicações através da mesa*, inclusive as que resultam da leitura do pensamento, são percepções inconscientes dos tremores intencionados dos participantes. A *escrita automática* é fruto de hipnose parcial, *uma sugestão primária dirigida à consciência quando a sensibilidade está retida e ao inconsciente quando está extinta* (Jung,

1994, par. 96). As *comunicações mediúnicas*, são tratadas como alucinações, simples dissociação da personalidade, gestadas no inconsciente por uma série de eventos. Finalmente, em última conclusão, os *médiuns* são doentes mentais, em graus diversos. Nesse seu primeiro trabalho, Jung “antecipa” algumas de suas idéias posteriores, principalmente, (a) que o inconsciente é mais “sensitivo” que o consciente, (b) que um distúrbio psicológico tem significado teleológico, e (c) que o inconsciente produz espontaneamente material mitológico (Young-Eisendrath e Dawson, 2002, p. 16). Eram os anos de 1902.

Em 1919, em conferência pronunciada na Society for Psychical Research, Jung sintetizou seus conceitos sobre alma, espírito e manifestações mediúnicas (Jung, 1984, pars. 570-600). Um ponto do qual ele nunca abriu mão, foi o de aceitar que o fenômeno era real, embora discutisse sua origem. De início ele afirma que William Crookes, Alfred Russel Wallace, Frederic Myers, Johann C. F. Zöllner, e outros pesquisadores dos *fenômenos do espiritismo*, representam uma reação do *inconsciente coletivo* contra o materialismo, decorrente do *Iluminismo*.

Concordo com ele, em parte, quando se verifica que os fenômenos mediúnicos modernos acontecem simultaneamente ao aparecimento do *materialismo histórico*, cujo principal marco é o *Manifesto Comunista*, cujo manuscrito – em alemão –, foi mandado para impressão em fevereiro de 1848. Os *fenômenos de assombração* com a Família Fox ocorreram em 31 de março de 1848. E, naturalmente existe uma *sincronicidade* no fato de o Manifesto iniciar assim: *Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo* (Marx e Engels, 1989, p. 29). Ora, *espectro* é fantasma, e os fenômenos na casa dos Fox, no mês seguinte, foram provocados por um *espectro*.

Prosseguindo, Jung ressalta que os primitivos acreditavam na existência dos espíritos, e aventa como pontos de origem dessa crença, os sonhos e os distúrbios mentais. Os so-

nhos onde aparecem pessoas que morreram, são tidos com retorno dos seus espíritos. E os distúrbios psíquicos, como produzidos por esses espíritos. Daí se originaria o culto dos mortos, com o objetivo de defender os vivos da ação deles. Por sua vez, a crença nos espíritos conduz à crença nas almas. O espírito de um morto foi, ipso facto, a alma de uma pessoa viva. Todavia, a crença numa única alma não é universal, ao contrário, é mais generalizada a crença de que o homem possui duas ou mais almas, sendo que apenas uma delas sobrevive à morte. Existem contudo, para o primitivo, entidades espirituais que nunca foram almas humanas.

Em geral, prossegue Jung, os sonhos parecem vir a nós, e não ser um produto nosso. Eles são constituídos de *complexos psíquicos autônomos*, originados do inconsciente, cuja existência e ação estão além do controle da consciência. O mesmo acontece, segundo ele, com uma visão ou aparição, com a diferença de ocorrerem no estado de vigília. São apenas irrupções momentâneas de *um conteúdo inconsciente na continuidade da consciência* (Jung, 1984, par. 581). A psiquê, diz Jung, Não é um todo indivisível, ao contrário, é formada de inúmeras partes, as quais se ligam entre si, embora permaneçam relativamente independentes, a ponto de parecerem dissociadas *do complexo do eu*: são os *complexos autônomos do inconsciente*. A conversão de Paulo é apresentada como uma confirmação. Não foi repentina, mas fruto de uma longa incubação. Saulo já era inconscientemente cristão, como prova o seu ódio aos cristãos, pois *o fanatismo se encontra sempre naqueles indivíduos que procuram reprimir uma dúvida secreta* (Jung, 1984, par. 582). A aparição no Caminho de Damasco representou, apenas, o momento em que o *complexo inconsciente do Cristo* se associou ao eu de Paulo. Esse complexo lhe apareceu em forma de projeção. Sua cegueira deveu-se à sua resistência ao Cristo, pois não podia se ver como cristão. Somente outro cristão poderia curá-la.

Como o eu não tem consciência dos complexos autônomos, estes lhe aparecem primeiramente sob forma projetada:

Sob o ponto de vista psicológico, os *espíritos* são, portanto, *complexos inconscientes autônomos que aparecem em forma de projeção*, porque, em geral, não apresentam nenhuma associação com o eu (Jung, 1984, par. 585).

Em nota de rodapé a esta passagem, Jung esclarece:

Isto não deve ser entendido como uma afirmação metafísica. Estamos ainda bem longe de resolver a questão se os espíritos existem em *si mesmos*. A psicologia não se ocupa com as coisas como elas são em “si mesmas”, mas exclusivamente com a maneira como os indivíduos as imaginam.

Aqui vemos, mais uma vez, o agnosticismo que sempre permeou suas afirmações sobre a existência do espírito, como uma entidade. O importante é que nunca *fechou a porta*.

Fazendo uma analogia com a crença dos primitivos, para os quais a influência de um espírito é incômoda ou perigosa, enquanto a perda da alma é uma doença grave, e as enfermidades graves são atribuídas a tal perda, Jung diz que a crença na pluralidade das almas, implica a pluralidade dos complexos autônomos. O eu enxerga os *complexos das almas* como fazendo parte dele, e a perda deles como uma doença. Mas os *complexos dos espíritos*, ao se ligarem ao eu são sentidos como patológicos, e seu desligamento como restabelecimento. Em outras palavras, os *complexos do inconsciente pessoal* representariam as almas, e os do *inconsciente coletivo* os espíritos. No primeiro caso, quando um complexo do inconsciente pessoal, que deveria estar associado ao eu, dissocia-se e mergulha no inconsciente, isto é sentido pela pessoa como uma perda. Quando um desses *complexos* se torna novamente consciente, como no decorrer de um processo terapêutico, é sentido como um ganho de força. Já a associação de um *complexo do*

inconsciente coletivo com o eu, é sentido como algo estranho, misterioso e fascinante. Sua dissociação é sentida como um alívio, uma cura. Todavia, nem sempre a ação desses complexos é negativa, como exemplo, Jung apresenta o evento de Pentecostes, quando os Apóstolos, inundados por um conteúdo do inconsciente coletivo, proclamaram ao povo uma nova doutrina, dando expressão às expectativas redentoras dele, propagando-se rapidamente pelo Império Romano.

Dessa forma, a crença nos espíritos teria nascido da imersão no inconsciente de emoções e sentimentos que, com a morte de uma pessoa, perderam o objeto; ali, ativando conteúdos coletivos, produzem efeitos nocivos como perda de libido, depressão e/ou enfermidades orgânicas, graves. Da mesma forma, podem se projetar como fantasmas ou assombrações.

Quanto à existência dos espíritos, novamente afirma que não é possível realizar uma demonstração satisfatória, pois as comunicações normais deles, nada mais seriam do que manifestações do *inconsciente coletivo*. Nesse ponto, Jung ressalva as comunicações publicadas por Stewart E. White, as quais reproduzem uma série de idéias arquetípicas, incluindo o arquétipo do Si-mesmo. Apesar da similitude com suas teorias, Jung descarta a possibilidade de um plágio consciente ou de uma reprodução criptomnésica.

Também, chama atenção para o que entende serem os objetivos das comunicações espíritas e do próprio Espiritismo:

A tomada de consciência espontânea dos conteúdos coletivos, cuja existência a Psicologia descobriu, desde há muito tempo, no inconsciente, constitui parte da tendência geral das comunicações mediúnicas no sentido de fazer passar os conteúdos do inconsciente para a consciência. Estudei uma parte imensa da literatura espírita, justamente tendo em vista as tendências que se manifestam nessas comunicações, e cheguei à conclusão de que no espiritismo há uma propensão espontânea do inconsciente no sentido de se tornar inconsciente sob forma coletiva. Os esforços dos “espíritos” têm por escopo

fazer diretamente com que os vivos se tornem conscientes, ou levar os recém-falecidos – e indiretamente também os vivos – a desenvolver seus esforços psicoterapêuticos. O espiritismo enquanto fenômeno coletivo persegue, portanto, os mesmos fins que a Psicologia médica, e, deste modo, produz, como bem nos indicam suas manifestações mais recentes, as mesmas idéias básicas – ainda que sob o rótulo de “ensinamentos dos espíritos” – que são características da natureza do inconsciente. Por mais desconcertantes que sejam tais fatos, elas nada provam, nem a favor nem contra a teoria dos espíritos. Aqui, interrompo para chamar atenção para a conclusão dessa citação: Mas a coisa muda inteiramente de aspecto quando se consegue provar casos de identidade (Jung, 1984, par. 599).

Finalizando, Jung diz ainda que os fenômenos parapsicológicos, segundo pensa, só acontecem, normalmente, na presença de um médium. Em nota de rodapé, todavia, ressalta os fenômenos de fantasmas e assombrações associados a determinados locais, como exceção.

Ressalto o fato de que Jung apresenta as comunicações, como tendo uma influência psicológica importante: pois a conscientização dos conteúdos do inconsciente, produz um acréscimo de força à consciência. E, junto a isto, toca no assunto da *doutrinação dos espíritos*, como uma ação benéfica, tanto para o *morto*, quanto para os *vivos*, de um modo geral.

Jung manteve até o fim de sua vida, a base dos conceitos que aqui foram explanados. Todavia, com o passar dos anos e a ampliação de suas observações, sua crença na continuação da consciência, após a morte do corpo físico, parece haver se consolidado. Ver-se-á, no capítulo seguinte, como Jung terminou por desenvolver uma aceitação, se não pública, pelo menos particular, inclusive em suas ações psicoterapêuticas, conforme informam alunas e continuadoras suas.

Concepção de Jung Sobre a Vida Após a Morte

*S*omente homens de Ciência que perderam o senso das proporções, engolfados em conhecimentos ainda incompletos sobre a mente e suas complexas funções, podem se alienar da perquirição fundamental da *vida depois da morte*. A continuidade ou não da consciência, depois da morte do corpo, é uma questão relevante, pois diz respeito a uma certeza fundamental que acompanha o ser humano, desde que alcançou a consciência de existir. Jung não pôde ficar indiferente á questão, e nela meditou por toda existência, mas só a abordou de maneira direta, pouco tempo antes de sua morte (Jung, 1997, pp. 260-282).

O que aqui está relatado são lembranças que estão na origem das reflexões que se seguem sobre o além e a vida depois da morte. Trata-se de imagens e pensamentos nos quais vivi, que me trabalharam e me preocuparam. De um certo modo constituem um dos fundamentos de minhas obras que, no fundo, são apenas tentativas renovadas de dar uma resposta a questão das interferências entre o “aquém” e o “além”. Ora, jamais escrevi, *expressis verbis*, a respeito da sobrevivência, porque teria sido necessário justificar meus pensamentos e isso não é possível. Mas mesmo assim abordarei esse tema (Jung, 1997, p. 260).

Conhecedor dos fenômenos paranormais, vividos em si mesmo, em família e na vida profissional, coloca-se na postura do cientista que procura extrair dos fatos a realidade que eles escondem, e seu significado profundo. O importante é que não se enche de pré-conceitos. Ao tratar do assunto:

Não desejo, nem deixo de desejar que tenhamos uma vida após a morte e absolutamente não cultivo pensamentos dessa ordem, mas para não escamotear a realidade, é preciso constatar que, sem que o deseje ou procure, idéias desse gênero palpitam em mim. São verdadeiras ou falsas? Eu ignoro, mas constato sua presença e sei que podem ser expressas desde que não as reprima constringido por um preconceito qualquer. A idéia preconcebida é um entrave e prejudica a livre e plena manifestação da vida psíquica, a qual conheço e distingo pouco demais para querer corrigi-la, pretextando conhecê-la bem... (Jung, 1997, p. 260).

Apesar da postura agnóstica, ele apresenta razões filosóficas para ela, tecendo importantes raciocínios sobre nossa incapacidade de entender um “além”, pela vinculação ao “aquém”, inclusive por causa da própria estrutura biológica:

De maneira alguma podemos representar um mundo cujas circunstâncias fossem totalmente diferentes das nossas, porque vivemos num mundo determinado que contribui para constituir e condicionar nosso espírito e nossos pressupostos psíquicos. Somos estreitamente limitados por nossa estrutura inata e é por isso que estamos, pelo ser e pelo pensamento, ligados a este mundo que é o nosso (Jung, 1997, p. 261).

O maior entrave para uma aberta aceitação da imortalidade pessoal, por Jung, está na própria concepção da estrutura da psiquê, estabelecida pelo seu sistema de pensamento:

Mesmo que haja casos bem confirmados as questões ficam em aberto, isto é, se a aparição ou a voz são exatamente

idênticas as do morto ou se são projeções psíquicas, ou ainda se as comunicações são verdadeiramente do morto ou se se originam de um saber presente no inconsciente⁴⁷ (Jung, 1997, p. 261).

Todavia, a magnitude do tema e sua importância para uma parte dos seres humanos, não lhe escapa à percepção de psicólogo dedicado ao bem estar psíquico, e que a isto dedicou a existência:

Apesar dos argumentos razoáveis contra uma certeza neste domínio, é preciso não esquecer que para a maior parte dos homens é de grande importância supor que sua existência atual terá uma continuidade indefinida após a morte. Vivem então mais razoavelmente, comportam-se melhor e permanecem mais tranqüilos. Acaso não temos séculos e séculos a nossa frente e não dispomos de uma duração infinita? Então para que essa precificação que não tem sentido? (Jung, 1997, p. 261).

Mas existem pessoas que não se preocupam com o problema, e outras que lhe têm até medo e ojeriza:

Há pessoas que não sentem nenhuma necessidade de imortalidade e que se arrepiam à idéia de ficar durante milênios sentados numa nuvem, tocando harpa! Também há outros – e são numerosos – tão maltratados pela vida e que experimentam tal desgosto pela própria existência, que um fim absoluto lhes parecerá bem mais desejável do que qualquer forma de continuidade (Jung, 1997, pp. 261-262).

O mais importante, porém, é que Jung reconhece que, para a maioria das pessoas, a questão é de extrema relevância, e por isso merece ser estudada, na busca de uma solução, a qual está nos limites de nossa capacidade racional:

⁴⁷ Acerca do “saber absoluto” do inconsciente, v. C. G. Jung: “Synchronizität als ein Prinzip akausaler Zusammenhänge, em Jung-Pauli: Naturerklärung und Psyche, 1952.

Mas na maior parte dos casos, a questão da imortalidade é tão premente, tão imediata, tão enraizada, que urge tentar uma concepção a esse respeito. Como será isso possível? Minha hipótese é de que podemos alcançar esse propósito graças às alusões que nos envia o inconsciente como, por exemplo, nos sonhos. Frequentemente recusamo-nos a levar a sério essas indicações porque estamos convencidos de que não há resposta à questão. A este ceticismo, bem compreensível, aliás, oponho as seguintes sugestões: se nos é impossível penetrar na essência de um fenômeno, devemos renunciar a fazer dele um problema intelectual. Ignoro por quais razões surgiu o universo e nunca o saberei. Devo renunciar então a transformar essa questão num problema científico e intelectual. Mas se uma idéia se oferece a mim, sobre este assunto – por exemplo, no decorrer dos sonhos e nas tradições míticas – devo então lhe conceder atenção: devo mesmo ter bastante audácia para edificar uma concepção a seu respeito, mesmo que permaneça para sempre como uma hipótese impossível de ser verificada (Jung, 1997, p. 262).

A questão da imortalidade pessoal diz respeito a uma necessidade interior, que vem dos recônditos de nossa própria história filogenética, o que impõe a necessidade de meditação sobre o assunto, pois a própria vida é muito superior aos estreitos limites da razão, a qual se unilateralizada, retira o viço e o vigor da existência:

O homem deve provar que fez o possível para formar uma concepção ou uma imagem da vida após a morte – ainda que seus esforços sejam confissão de impotência. Quem não o fez, sofreu uma perda. Porque a instância interrogativa que fala nele é uma herança muito antiga da humanidade, um arquétipo, rico de uma vida secreta que desejaria juntar-se a nossa vida para perfazê-la. A razão nos impõe limites muito estreitos e apenas nos convida a viver o conhecido – ainda com bastantes restrições – e num plano conhecido, como se conhecêssemos a verdadeira extensão da vida. Na realidade, nossa vida, dia após dia, ultrapassa em muito os limites de nossa consciência e, sem que saibamos, a vida do inconsciente acom-

panha a nossa existência. Quanto maior for o predomínio da razão crítica, tanto mais nossa vida se empobrecerá; e quanto mais formos aptos a tornar consciente o que é mito, tanto maior será a quantidade de vida que integraremos. A superestima da razão tem algo em comum com o poder de estado absoluto: sob seu domínio o indivíduo perece (Jung, 1997, p. 262).

Jung vai buscar no *inconsciente*, tal como o pensou, o suporte para que se tenha a capacidade de erigir uma filosofia própria sobre a questão da imortalidade da alma:

O inconsciente nos dá uma oportunidade, pelas comunicações e alusões metafóricas que oferece. É também capaz de comunicar-nos aquilo que, pela lógica, não podemos saber. Pensemos nos fenômenos de sincronicidade, nos sonhos premonitórios e nos pressentimentos! (Jung, 1997, p. 262).

Aqui ele narra um pressentimento que incluí no subcapítulo que trata desse assunto, e não vou repeti-lo. *O inconsciente dera-me um sinal. Por que não me poderia dar outras informações?* (Jung, 1997, p. 263).

Igualmente, o episódio que se seguia ao anterior foi narrado no item citado, e reproduzi-lo seria redundante, bem como os que vinham em continuidade. Importantes, mesmo, são as conclusões a que Jung chegou:

Quando se passa por tais experiências, é natural que sintamos um certo respeito pelas possibilidades e faculdades do inconsciente. É preciso, no entanto, preservar o espírito crítico e lembrar-se de que “comunicações” dessa espécie podem ter também um significado subjetivo, e coincidir ou não com a realidade. Aprendi, contudo, por experiência, que as concepções adquiridas a partir dessas alusões do inconsciente me trouxeram esclarecimentos e abriram perspectivas a novos pressentimentos (Jung, 1997, p. 264).

O problema básico está em que “*comunicações*” dessa espécie podem ter também um significado subjetivo, e coincidir ou não com a realidade. A análise dos sonhos premonitório-

rios, visões e demais fenômenos paranormais apresenta duas características: i) uma imediata, que é a visão em si mesma, produzida, inclusive, por *espíritos desencarnados*, e ii) outra mais ampla, que é a utilização dos fenômenos pelo inconsciente para exprimir necessidades fundamentais do percipiente, no que se refere à sua própria existência. Trocando em miúdos, o *self* aproveita, ou produz, o fenômeno para sinalizar diretrizes que inspirem novas atitudes.

Naturalmente, pode-se desde o início objetar que mitos e sonhos que concernem a uma continuação da vida após a morte são fantasias simplesmente compensatórias e inerentes a nossa natureza: toda vida aspira a eternidade. A isso não tenho outro argumento a opor, senão, precisamente, o mito. Além disso, há também indícios que mostram que uma parte da psique, pelo menos, escapa as leis do espaço e do tempo. A prova científica foi estabelecida pelas experiências bastante conhecidas de Rhine⁴⁸. Ao lado de inumeráveis casos de premonições espontâneas, de percepções não espaciais e outros fatos análogos, dos quais busquei exemplos em minha vida, essas experiências provam que, por vezes, a psique extrapola a lei da causalidade espaço-temporal. Disso resulta que as representações que temos do espaço, do tempo e também da causalidade são incompletas. Uma imagem total reclama, por assim dizer, uma nova dimensão; só então poderia ser possível dar uma explicação homogênea a totalidade dos fenômenos. É por esse motivo que ainda hoje os racionalistas persistem em pensar que as experiências parapsicológicas não existem; pois seriam fatais a sua visão do mundo. Porque se tais fenômenos podem produzir-se, a imagem racionalista do universo perde o seu valor por ser incompleta, então a possibilidade de outra realidade, atrás das aparências, com outras referências, torna-se um problema intransponível e ficamos constrangidos em abrir os olhos para o fato de que nosso mundo de tempo, espaço e causalidade está relacionado com uma outra ordem de coisas, atrás ou sob ele, ordem na qual “aqui” e “ali”, “antes” e “depois” não

⁴⁸ J. B. Rhine, Duke University de Durham, U. S. A., provou, mediante experiências com cartas que o homem é dotado de percepção extra-sensorial. (A. J.).

são essenciais. Não vejo qualquer possibilidade de contestar que ao menos uma parte de nossa existência psíquica se caracteriza por uma relatividade de espaço e de tempo. À medida que nos afastamos da consciência, esta relatividade parece elevar-se até ao não-espacial e a uma intemporalidade absolutas (Jung, 1997, pp. 264-265).

A lógica do argumento é bastante especiosa. A simples admissão da realidade dos *fenômenos paranormais* implica em repensar a visão do mundo científica e filosófica, vigentes, e o impressionante é que ela vem sendo mudada pelas pesquisas subatômicas, caminhando na direção apontada pelos ditos fenômenos.

Ao se concluir pela persistência da mente após a morte, se tem de procurar entender as condições em que ela vive e existe no outro mundo. Jung, conhecedor das obras sobre os *fenômenos do espiritismo*, inclusive as psicografadas, tratou de elaborar conceitos a tal respeito, partindo de sua própria experiência e de seus pacientes, vê-se, desde o início deste capítulo, que ele toma os sonhos como base de seus estudos, pela importância fundamental que lhes atribui:

Não foram somente meus próprios sonhos, mas, ocasionalmente, os de outras pessoas que, revisando ou confirmando os meus, deram forma as minhas concepções a respeito de uma sobrevivida (Jung, 1997, p. 265).

Em caso já citado⁴⁹, Jung informa que a pessoa cujo sonho analisou estava doente, temendo a morte. E embora procurasse afastar essa idéia, ela lhe era trazida pelo sonho, como um alerta, uma preparação. E conclui que os materialistas estão em desvantagem, em relação a quem acredita na

imortalidade pessoal, porque: ...um vai contra o instinto, enquanto o outro caminha com ele, o que constitui uma diferença e uma vantagem para o segundo (Jung, 1997, p. 266).

⁴⁹ Sub-capítulo Sonhos Premonitórios e Telepáticos.

Para desenvolver alguns conceitos em torno da situação das almas no *outro mundo*, parte Jung do fato das personagens criadas pelo inconsciente, se mostrarem desinformadas quanto ao que acontece, na vida consciente, enquanto permanecem mergulhadas nas profundezas da psiquê. E exemplifica:

Quando comecei a me ocupar com o inconsciente, as “figuras imaginárias” de Salomé e de Elias desempenharam um grande papel. Em seguida passaram a um segundo plano para reaparecer cerca de dois anos mais tarde. Para meu grande espanto elas não tinham sofrido a menor mudança; falavam e se comportavam como se nesse ínterim absolutamente nada tivesse ocorrido. Entretanto os acontecimentos mais inauditos tinham-se desenrolado em minha vida. Foi-me necessário, por assim dizer, recomeçar desde o início para lhes explicar e narrar tudo o que se passara. De início fiquei bastante espantado. só mais tarde compreendi o que tinha acontecido: as figuras de Salomé e Elias havia nesse meio-tempo soçobrado no inconsciente e em si próprias – poder-se-ia também dizer, fora do tempo. Elas ficaram sem contacto com o eu e suas circunstâncias variáveis e “ignoravam” por essa razão o que se passara no mundo da consciência (Jung, 1997, p. 266).

Note-se que Jung destaca a expressão: *figuras imaginárias*, o que, para mim, significa não ter ele a certeza de que o fossem, mas os denomina dessa forma, como concessão ao preconceito acadêmico. Além do mais, se fossem produtos do inconsciente dele, teriam ser influenciados pelos acontecimentos da vida dele. O fato de não saberem o que aconteceu nos dois anos de ausência, prova que eram espíritos independentes do inconsciente de Jung.

Muito cedo eu já tinha percebido que devia instruir os personagens do inconsciente ou os “espíritos dos mortos” que freqüentemente se distinguem daqueles com dificuldade. Tomei consciência disso pela primeira vez por ocasião de uma viagem de bicicleta que fiz em 1911, com um amigo, ao Norte da Itália. Na volta viemos de Pavia a Arona, na parte sul do

Lago Maior e aí pernoitamos. Tínhamos a intenção de seguir pelas margens do lago e de atravessar o Tessin até Faido. Desejávamos em seguida tomar o trem que segue para Zurique. Mas em Arona tive um sonho que veio modificar nossos projetos.

Nesse sonho eu me encontrava numa assembléia de ilustres espíritos dos séculos passados e experimentava um sentimento análogo ao que senti mais tarde em presença dos “ilustres ancestrais” que se encontravam na pedra negra de minha visão de 1944. Falava-se em latim. Um senhor com uma longa cabeleira dirigiu-me a palavra, colocando-me uma questão difícil; fui incapaz, ao despertar, de me recordar do seu conteúdo. Eu o compreendi, mas não tinha conhecimento suficiente de latim para responder nessa língua. Fiquei de tal forma confuso, que a emoção me despertou (Jung, 1997, p. 266).

A expressão analisada anteriormente, *espíritos dos mortos* está, igualmente, em destaque, e Jung diferencia as *personagens inconscientes* deles, isto corrobora que não tinha como certo que os personagens citados no parágrafo anterior, fossem meros produtos do seu inconsciente.

Logo que acordei, pus-me a pensar no trabalho que preparava: Metamorfoses e Símbolos da Libido e experimentei tais sentimentos de inferioridade no tocante a questão a que não soubera responder, que tomei imediatamente o trem de volta para casa a fim de retomar a tarefa. Ter-me-ia sido impossível continuar a viagem de bicicleta e sacrificar desse modo mais três dias. Era necessário trabalhar e encontrar a resposta. Só muito depois é que compreendi o sonho e minha reação: o senhor de longa cabeleira era uma espécie de “espírito dos ancestrais ou dos mortos”; ele me colocara questões as quais não soubera responder. Eu estava ainda muito atrasado. Não tinha avançado bastante, mas tinha como que um obscuro sentimento de que pelo trabalho a que então me dedicava eu responderia a questão que me fora proposta. De qualquer maneira eram meus ancestrais espirituais que me interrogavam, na esperança e na expectativa de que pudessem aprender aquilo que não tinham podido saber em seu tempo; conhecimento que só os séculos ulteriores poderiam criar e trazer-lhes. Se questão e resposta houvessem existido desde sempre, meus

esforços teriam sido inúteis, pois tudo poderia ter sido descoberto, não importa em que século. Parece, com efeito, que um saber sem limites está presente na natureza, mas que tal saber não pode ser apreendido pela consciência a não ser que as condições temporais lhe sejam propícias. O mesmo ocorre provavelmente na alma do indivíduo que traz consigo, durante anos, certos pressentimentos, mas só os conscientiza tempos depois (Jung, 1997, pp. 266-267).

Pelo que se vê, espíritos tiveram uma importante ação no trabalho de Jung, colocando questões que ele se via impedido a responder, e inclusive urgindo-o a continuar seu trabalho, que não podia sofrer atrasos. Ele nos informa que, ao escrever o seu: *Septem Sermones ad Mortuos*, foram os mortos que lhe propuseram as questões mais importantes:

Voltavam – diziam eles – de Jerusalém porque não tinham encontrado o que procuravam. Isso me espantou muito nessa época porque, de acordo com a opinião tradicional, são os mortos que possuem o grande saber; com efeito, devido à doutrina cristã que supõe que no além olharemos as coisas face a face, a opinião acatada é que os mortos sabem mais do que nós: mas, aparentemente, as almas dos mortos só “sabem” o que sabiam no momento da morte e nada mais. Daí seus esforços para penetrar na vida, para participar do saber dos homens. Frequentemente tenho a sensação de que elas se colocam diretamente atrás de nos, na expectativa de perceber que respostas daremos a elas e ao destino. Parece-me que o que lhes importa a todo custo é receber dos vivos – isto é, daqueles que lhes sobreviveram e que permanecem num mundo que continua a se transformar – respostas as suas questões. Os mortos questionam como se não tivessem a possibilidade de saber tudo, como se a onisciência ou a oniconsciência apenas pudesse ser privilégio da alma encarnada num corpo que vive. também o espírito dos vivos parece, pelo menos num ponto, avvantajar-se ao dos mortos: a aptidão em adquirir conhecimentos nítidos e decisivos. O mundo tridimensional, no tempo e no espaço, parece-me um sistema de coordenadas: o que se decompõe aqui em ordenadas e abscissas, “lá”, fora do

tempo e do espaço, pode aparecer talvez como uma imagem original de múltiplos aspectos ou talvez como uma nuvem difusa de conhecimentos em torno de um arquétipo. Mas um sistema de coordenadas é necessário para poder distinguir conteúdos distintos. Tal operação nos parece inconcebível num estado de onisciência difusa ou de uma consciência carente de sujeito, sem determinações espaço. O conhecimento, como a geração, pressupõe um contraste, um “cá” e um “lá”, um “alto” e um “baixo”, um “antes” e um “depois” (Jung, 1997, pp. 267-268).

Sem dúvida que a existência num *nível* tetradimensional deve ocorrer dentro de uma fenomenologia própria e diferente da que acontece num nível tridimensional como o nosso. O tempo e o espaço requerem um sistema de orientação e locomoção diverso do nosso, pois enquanto neste nosso universo o movimento se dá, em geral, sobre planos, onde o intervalo de confiança requer apenas duas dimensões: para frente, para trás, para a direita, para a esquerda. O movimento para cima e para baixo acontece de maneira limitada, não sendo normal para os seres humanos, os quais necessitam de aparelhos apropriados para o realizar.

Num meio de quatro dimensões, por sua vez, o movimento decorre em intervalo de três dimensões: as duas já citadas, mais o *para cima e para baixo*, que tem de ser normal como os deslocamentos bidimensionais, e não acidental ou artificial. Mas o quarto vetor, que proporciona os fenômenos da quarta dimensão, é *natural*, ou seja, faz parte da própria estrutura deste habitat. E, naturalmente, os sentidos, bem como a mente, devem apresentar diferenças de vulto, quando comparados com o que acontece no corpo físico. O acesso aos conteúdos do inconsciente deve ser normal, como entre nós o uso do consciente, e as projeções devem se *objetivar* com mais frequência.

As comunicações espirituais informam que muitos espíritos entram numa espécie de estado choque por ocasião da

morte, ficando alienados do que ocorre à sua volta e, portanto, do que também acontece no ambiente terrestre que deixaram. Por isso estacionam mentalmente, mantendo o estado cultural e emocional que tinham no momento da morte. Por isso, os raciocínios de Jung com respeito a *evolução da alma*, após a morte é muito interessante, inclusive se aproximando do que ensina o Espiritismo:

Se há uma existência consciente após a morte, parece-me que ela se situaria na mesma direção que a consciência da humanidade, que possui em cada época um limite superior, mas variável. Muitos seres humanos, no momento de sua morte, não só ficaram aquém de suas próprias possibilidades, mas, sobretudo muito distantes daquilo que outros homens ainda em vida tornaram consciente, daí sua reivindicação de adquirir, na morte, esta parte da consciência que não adquiriram em vida (Jung, 1997, p. 268).

Não estaria se referindo, tanto ao problema cultural, quanto ao da *individuação*?

A seguir, conta Jung que chegou a tal conclusão por observar sonhos onde havia intervenção dos mortos. Tinha ele um amigo que, quando vivo, tivera uma visão do muito convencional, permanecendo numa atitude desprovida de reflexão.

Quinze dias depois da morte desse amigo, sonhou que o visitava: Sua residência ficava numa colina semelhante à de Tüllingen, perto de Basileia. Ai se elevava um velho castelo cujos muros circulares cercavam uma praça, com uma pequena igreja e algumas construções menores. Esse local lembrava-me a praça perto do castelo de Rapperswil. Era outono. As folhas das velhas árvores estavam já douradas, um doce raio de sol iluminava a paisagem. Meu amigo estava sentado a mesa com sua filha que fora estudante de psicologia em Zurique. Eu sabia que ela lhe dava esclarecimentos psicológicos indispensáveis. Estava meu amigo de tal maneira fascinado pelo que ela dizia que me saudou apenas com um gesto rápido de mão, como se quisesse dar a entender: “não me perturbe”. Sua saudação estava me despedindo!

Este sonho me sugeria que o morto devia agora viver, por vias que me eram naturalmente desconhecidas, a realidade de sua existência psíquica, o que durante o curso de sua vida nunca fora capaz. Às imagens desse sonho associei, mais tarde, a frase “Santos anacoretas dispostos no flanco da montanha...”. Os anacoretas na cena final do Segundo Fausto figuram representações de diversos níveis de desenvolvimento que se completam e se elevam reciprocamente (Jung, 1997, p. 268).

A conclusão de Jung sobre o sonho é referendada por muitas comunicações mediúnicas. Segundo elas, o espírito desligado do corpo, pela morte, sente necessidade de voltar-se para si mesmo, ressignificando sua visão de mundo, obrigada a se reestruturar diante da, muitas vezes inesperada, continuidade da consciência.

Tive outra experiência sobre a evolução da alma após a morte quando – quase um ano depois do falecimento de minha mulher – acordei repentinamente uma noite e soube que fora até onde ela estava, no sul da França, na Provença, onde tínhamos passado um dia inteiro juntos. Ela fazia nessa região estudos sobre o Graal. Isso me pareceu muito significativo, porque ela havia morrido antes de terminar o trabalho que empreendera sobre esse assunto (Jung, 1997, p. 268).

Mesmo recorrendo ao rico material de sua Psicologia Analítica, Jung não conseguiu explicar-se o significado do sonho como sua *anima* não tendo ainda terminado com o trabalho que lhe fora atribuído – do que ele tinha plena consciência. Conclui que a idéia mais provável era de que sua mulher continuava a se desenvolver espiritualmente, em seu novo habitat.

Prossegue Jung, chamando a atenção para a pobreza das representações mentais dos sonhos sobre os mortos, que se assemelhariam às projeções geométricas de um volume sobre um plano ou como a construção de uma forma quadridimensional, partindo de um volume. Para ele, o grau de consciência atingido por um “morto”, enquanto “vivo”, representa o

limite superior do conhecimento ao qual podem chegar no mundo espiritual. Pois, somente na vida física, onde existe o entrelaçamento dos contrários, é que o nível de consciência pode ser ampliado. Isto me parece bem válido, pois a existência no mundo dos espíritos parece ser regida pelas afinidades espirituais. Assim nos dizem as comunicações mediúnicas. Logo, os espíritos afins se reúnem em grupos fechados, reforçando-se mutuamente, o que impede realmente uma elevação do nível de consciência. Além do mais, os superiores ficam dimensionalmente distantes dos inferiores, sem que aconteça uma mistura desafiadora e estimulante, como entre os seres humanos.

Apesar do inconsciente saber muito mais do que o consciente, o seu conhecimento não está ligado ao aqui e agora, pois não é nem temporal, nem espacial. Da mesma forma, não fala a linguagem entendida pelo intelecto, pois em geral é simbólica e concentrada, necessitando ser *amplificada*, para se atingir a sua plenitude de significado.

E, fazendo concessão a uma postura científica agnóstica, diz Jung:

Apesar de não ser possível apresentar uma prova válida no que diz respeito à sobrevivência da alma depois da morte, há fatos que dão o que pensar. Considero tais fatos como indicações sem ter a audácia, no entanto, de conferir-lhes o valor de conhecimentos (Jung, 1997, p. 270).

Sobre o “além”, postula que é o próprio inconsciente, pois a psiquê prescinde do espaço e do tempo. A vida no além seria *um caminhar progressivo através do mundo das imagens*. A partir da perspectiva psicológica, a vida no outro mundo seria uma continuação da vida psíquica da velhice, pois:

à medida que o homem progride em idade, a contemplação, a reflexão e as imagens interiores desempenham, o que é natu-

ral, um papel cada vez maior: “Os velhos terão sonhos”⁵⁰. Isso indica que a alma dos velhos não está petrificada – sero medicina paratur cum mala per longas convaluaere moras. (O remédio foi preparado tardiamente quando o mal já se agravou pela longa demora). Na velhice deixamos que as lembranças se desenrolem diante do olho interior e encontramos a nós mesmos através das imagens interiores e exteriores do passado. É como se fosse o primeiro passo, uma preparação para a existência no além, da mesma maneira que, segundo a concepção de Platão, a filosofia é uma preparação para a morte (Jung, 1997, p. 277).

Jung afirma não acreditar que a “vida no além” seja clara e serena. Diz que lhe é difícil imaginar o além-túmulo como uma sucessão de Campinas floridas, pois isso deveria favorecer comunicações amistosas entre nós e os espíritos bem-aventurados, *e, por conseguinte, veríamos descer sobre nós, em estado pré-natal, efusões de beleza e bondade* (Jung, 1997, p. 277). Afirma que as narrações sobre *encontros* com as almas do outro mundo são, pelo menos a metade, aterradoras, e as descrições sobre o além falam que ali reina um silêncio glacial, e *desprezo pela dor dos abandonados* (Jung, 1997, p. 278). Ampliando seu raciocínio, diz acreditar que a unidade básica do mundo leva a se imaginar que o além deve possuir as mesmas oposições polares:

Porque “lá” deve também reinar uma “natureza” que, a seu modo, é de Deus. O mundo em que entramos após a morte será grandioso e assustador, a semelhança da divindade e da natureza que conhecemos (Jung, 1997, 288).

Jung afirma não poder imaginar um mundo espiritual sem sofrimento. Dá como exemplo as sensações de sua experiência de quase morte em 1944. Apesar da felicidade que sentia: *reinava uma obscuridade e uma carência singulares*

⁵⁰ Atos dos Apóstolos, II, 17, Joel, III, 1.

de calor humano. Existe aqui um fato a considerar: a perda do corpo físico. É esse o problema básico de quem morre. Habitado ao organismo e o conjunto de sensações que ele proporciona, inclusive, o *calor vital*, o espírito *desencarnado*, sente-se estranho e inadaptado, nos inícios da nova situação.

Não crê Jung, que exista perfeição absoluta no mundo dos espíritos:

Acho provável que existam igualmente no além certas limitações; mas as almas dos mortos só descobrem progressivamente onde residem os limites do estado de libertação. Em algum lugar, “lá”, reina uma necessidade imperiosa que condiciona o mundo e quer por um termo ao estado de existência no além. Esta necessidade criadora decidirá – assim penso⁵¹ – quais as almas que serão de novo mergulhadas na encarnação e no nascimento. Eu poderia imaginar que para algumas almas o estado de existência tridimensional seria mais feliz do que o estado “eterno”. Mas isso dependerá talvez do que elas tenham levado consigo como soma de perfeição ou de imperfeição de sua existência humana.

Pode ser que uma continuação da vida tridimensional não tenha mais nenhum sentido, uma vez que a alma tenha atingido certos degraus de inteligência; que esteja liberta da necessidade de retornar a Terra e que uma compreensão superior suprima o desejo de ver-se reencarnada. Então a alma escaparia ao mundo tridimensional e atingiria o estado a que os budistas chamam de Nirvana. Mas se ainda há um carma que deva ser cumprido, a alma recai no mundo dos desejos e retorna novamente a vida, talvez sabendo mesmo que falta alguma coisa para cumprir.

No meu caso é uma aspiração apaixonada compreender o que, em última instância, suscitou o meu nascimento. É esse com efeito o elemento mais poderoso do meu ser. Esse instinto insaciável de compreensão criou, poder-se-ia dizer, uma consciência para conhecer o que é, o que ocorre e, por acréscimo, descobrir representações míticas a partir das fracas alusões ao que não pode ser conhecido (Jung, 1997, pp. 278-279).

⁵¹ É uma conclusão interessante. Acredito que o inconsciente de Jung o traiu, fazendo-o confessar uma crença secreta na reencarnação.

A apreciação da “vida dos espíritos” está – no essencial – de acordo com as descrições que as comunicações mediúnicas fazem do que lá acontece. É claro que não poderia haver uma drástica transformação nas estruturas psicológicas de quem morre. Os mortos continuam, pelo menos num primeiro momento, a se associarem como o faziam na Terra, sem grandes mudanças de comportamento.

Apesar de afirmar ser impossível demonstrar que exista no ser humano algo que sobreviva eternamente, conclui Jung que existe a probabilidade de algo se conservar depois da morte do corpo, embora não se saiba se mantém a consciência. Mas, uma análise dos fenômenos que acontecem na dissociação psíquica, pode apontar uma solução a esse problema:

Com efeito, na maior parte dos casos em que se manifesta um complexo autônomo, ele aparece sob a forma de uma personalidade, como se o complexo tivesse consciência de si próprio. É por este motivo que as vozes dos doentes mentais são personificadas. Este fenômeno do complexo personificado, eu o estudei em minha tese. Poder-se-ia, se quiséssemos, invocar tal fato em favor de uma continuidade da consciência. Em favor desta hipótese, podemos citar as surpreendentes observações feitas quando ocorrem graves colapsos ou desmaios profundos, oriundos de lesões agudas do cérebro. Nos dois casos pode haver percepções do mundo exterior, assim como intensos fenômenos oníricos, mesmo que se trate de uma profunda perda de consciência. Como a superfície cerebral, que é a sede da consciência, é posta fora de circuito durante a síncope, estes fenômenos ainda hoje permanecem inexplicáveis. Eles poderiam testemunhar em favor de uma conservação, pelo menos subjetiva, da aptidão da consciência – mesmo no estado de aparente inconsciência⁵² (Jung, 1997, p. 279).

⁵² Synchronizität als ein Prinzip akausaler Zusammenhänge em Jung-Pauli: Naturerklärung und Psyche, 1952, pág. 92 e segs.

É uma conclusão corajosa e interessante. Corajosa, por que Jung colocava em risco a continuidade histórica e institucional de seu movimento; e interessante, pois oferece uma hipótese filosófica nova, nascida da experiência psiquiátrica e neurocirúrgica, para daí extrair uma possibilidade da continuação da consciência após a morte. No primeiro caso, o fenômeno de dissociação psíquica, que demonstra a existência de complexos autônomos, sempre personificados em suas manifestações. Pode-se perguntar: será que sempre são mesmo *complexos* ou podem ser *intervenções de consciências desencarnadas* no psiquismo de um *médium* em desequilíbrio, no caso dos doentes mentais?

Hoje em dia foi registrado, portanto devidamente comprovado, que pessoas com lesões na medula, tetraplégicas, durante o sono movem os membros paralisados, como se tivessem controle sobre eles. Como isso é possível? Os cientistas não sabem. Na verdade ignoram ainda muito do que diga respeito às funções superiores do psiquismo.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, ressalte-se que Jung nunca afirmou claramente, em seus escritos, sua crença na imortalidade da alma. Todavia, acredito que se deve meditar um pouco nas duas afirmações dele, a seguir, já citadas mais acima: *Não foram somente meus próprios sonhos mas, ocasionalmente, os de outras pessoas que, revisando ou confirmando os meus, deram forma às minhas concepções a respeito de uma sobrevida.* No caso, sobrevida é a vida após a morte. Ora, como Jung poderia ter uma concepção a respeito do “além”, se nele não acreditasse? É, muito interessante, a passagem seguinte: *Muito cedo eu já tinha percebido que devia instruir os personagens do inconsciente ou os “espíritos dos mortos” que freqüentemente se distinguem daqueles com dificuldade.* Ora, se não acreditava no “espíritos dos mortos”, por que essa afirmação de que diferem dos personagens inconscientes? Terá sido *traído* pelo seu inconsciente? Estaremos diante de um “*lapsus calami*”?

Quanto à certeza pessoal de Jung com relação à continuidade da consciência, após a morte física, leiamos o que escreveu Marie-louise von Franz, sua discípula desde os dezoito anos de idade, e que sempre esteve ao seu lado, participando ativamente dos seus estudos e privando de sua intimidade:

Embora considerasse os “espíritos”, nesse período inicial⁵³, “apenas” como complexos psíquicos, Jung mudou sua postura em sua obra posterior. É difícil perceber como um fantasma “vinculado a um lugar”, por exemplo, possa ter sido evocado pelos complexos de uma pessoa (Franz, 1997, p. 54).

E, finalmente, o próprio Jung escreveu o seguinte, em carta ao Dr. Fritz Künke, de Los Angeles, na Califórnia, sobre a forma pensava sobre o assunto:

Certa vez conversei longamente em Nova Iorque com um amigo de William James, Prof. Hyslop, sobre a questão da prova e da identidade. Ele admitiu que, considerando todos os fatores, a totalidade desses fenômenos metafísicos seria melhor explicada pela hipótese dos espíritos do que pelas qualidades e peculiaridades do inconsciente. Com base em minhas próprias experiências, preciso dar-lhe razão neste aspecto. Em cada caso particular preciso ser necessariamente cético, mas no geral devo conceder que a hipótese dos espíritos traz melhores resultados na prática do que outra qualquer (Jung, 2002, p. 35).

Em 1956, respondendo a um senhor H. J. Barret, dos Estados Unidos, escreve Jung sobre sua crença na imortalidade da alma:

Ainda que meu tempo seja escasso e minha idade avançada um fato real, tenho gosto em responder às suas perguntas. Não são fáceis como, por exemplo, a primeira: se eu acredito numa sobrevivência pessoal após a morte. Não poderia

⁵³ Ela se refere ao período inicial dos estudos e conclusões de Jung sobre a psiquê.

dizer que acredito nela, pois não tenho o dom da fé. Só posso dizer se sei alguma coisa ou não.

1. Sei que a psique possui certas qualidades que transcendem os limites do tempo e do espaço. Em outras palavras, a psique pode tornar elásticas essas categorias, ou seja, 100 milhas podem ser reduzidas a uma jarda, e um ano a poucos segundos. Isto é um fato do qual temos todas as provas necessárias. Além disso, há certos fenômenos *post-mortem* que eu não consigo reduzir a ilusões subjetivas. Por isso, sei que a psique pode funcionar sem o empecilho das categorias de espaço e tempo. *Ergo* ela própria é um ser transcendental e, por isso, relativamente não espacial e “eterna”. Isto não significa que eu tenha qualquer tipo de certeza quanto à natureza transcendental da psique. A psique pode ser qualquer coisa.

2. Não há razão alguma para supor que todos os chamados fenômenos psíquicos sejam efeitos ilusórios de nossos processos mentais.

3. Não acho que todos os relatos dos chamados fenômenos miraculosos (como precognição, telepatia, conhecimento supranormal, etc.) sejam duvidosos. Sei de muitos casos em que não paira a mínima dúvida sobre sua veracidade.

4. *Não acho que as chamadas mensagens pessoais dos mortos devam ser rechaçadas in globo como ilusões.*

Immanuel Kant disse certa vez que duvidava de toda história individual sobre fantasmas, etc., mas, se tomadas em conjunto, havia algo nelas... Eu examino minuciosamente o meu material empírico e devo dizer que, entre muitíssimas suposições arbitrárias, há casos que me fazem titubear. Tomei como regra aplicar a sábia frase de Multatuli: Não existe nada que seja totalmente verdadeiro, nem mesmo esta frase (Jung, 2003, pp. 53-54).

Essa carta não deixa dúvida que Jung estava propenso a ter a imortalidade pessoal como um fato com fortes evidências de realidade.

Jung e a Reencarnação

Como sua mãe, Jung apresentou conflitos íntimos desde cedo. Os psiquiatras o enquadrariam como possuidor de *dupla personalidade*. Ele descreve bem sua situação:

No fundo, sentia-me “dois”: o primeiro, filho de seus pais, que freqüentava o colégio, era menos inteligente, atento, aplicado, decente e aseado do que os demais; o outro, pelo contrário, era adulto, velho, céptico, desconfiado e distante do mundo dos homens (Jung, 1997, p. 51).

Denomina os seus dois estados de *personalidade número 1* e *personalidade número 2*. Na verdade, as descrições que Jung fez de sua vida interior, no período da infância e da adolescência, caracterizam os conflitos de quem é avassalado por recordações emocionais de existências passadas. Aliás, ele é quem dá a pista para esta interpretação:

Perturbadíssimo, tomei consciência de que, na realidade, havia em mim duas pessoas diferentes: uma delas era o menino de colégio que não compreendia matemática e que se caracterizava pela insegurança; o outro, era um homem importante, de grande autoridade, com quem não se podia brincar – mais poderoso e influente do que aquele industrial. Era velho, que vivia no século XVIII, usava sapatos de fivela, peruca bran-

ca e tinha, como meio de transporte, uma caleça cujas rodas de trás eram grandes e côncavas e entre as quais o assento do cocheiro ficava suspenso por meio de molas e correias de couro (Jung, 1997, p. 43).

A recordação de existências passadas é muito comum na infância por não estarem consolidados ainda os laços entre o perispírito e o novo organismo material, e também na adolescência, quando as emoções sexuais são liberadas, no momento em que:

a glândula pineal reajusta-se ao concerto orgânico e reabre seus mundos maravilhosos de sensações e impressões na esfera emocional. Entrega-se a criatura à recapitulação da sexualidade, examina o inventário de suas paixões vividas noutra época, que reaparecem sob fortes impulsos (Xavier, 1985, p. 20).

Nesse caso particular, o motivo que o fez se recordar foi um incidente na casa de um colega, onde passava um período de férias. O dono da casa chamou-lhe energicamente a atenção, por causa de uma brincadeira com um barco – que fora proibida –, e que por pouco não termina em tragédia:

Cabisbaixo, reconheci que fizera justamente o que fora proibido: a repreensão era, pois, merecida. Mas ao mesmo tempo senti uma raiva imensa de que aquele homem grosseiro, gordo e sem instrução ousasse insultar-me a *mim!* E não me sentia apenas como um ser adulto, mas como uma autoridade, uma pessoa cheia de importância e de dignidade, um homem idoso ao qual se deve manifestar respeito e admiração (Jung, 1997, pp. 42-43).

A severa advertência foi o gatilho que disparou os mecanismos da recordação profunda, talvez por ser um evento emocionalmente sincrônico com algum outro, vivido numa existência anterior. Normalmente não lembramos objetivamente de fatos de outras existências.

No que diz respeito à lembrança de existências passadas, é preciso que se a divida em dois tipos básicos: a *lembrança factual* e a *lembrança emocional*. Enquanto a lembrança factual do que aconteceu numa existência anterior é difícil de ser trazida à consciência atual por ter de vencer as barreiras de um novo *inconsciente pessoal* e de uma novo ego, a lembrança emocional é comum, pois a transmissão de afetos entre os conteúdos inconscientes do ontem e do hoje é muito mais fácil de acontecer, pelas leis da associação. Ela é despertada pelo encontro com pessoas, lugares, acidentes ou objetos que participaram de forma ativa ou passiva de determinado momento carregado de afetividade.

Dois seres que se conheceram e amaram podem reencontrar-se numa outra existência corporal e reconhecerem-se? Se reconhecerem não; mas se sentirem atraídos um para o outro, sim; e freqüentemente as ligações íntimas baseadas no afeto sincero não têm outra causa. Dois seres se aproximam um do outro por circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que são a causa da atração de dois Espíritos que se buscam na multidão (Kardec, 1971, 386).

A raiva de Jung ao ser chamado a brios pelo erro cometido, o qual reconhecia, devia-se a um sentimento súbito de superioridade hierárquica em face de quem o corrigia, em oposição flagrante com a situação real:

O contraste com a realidade era de tal forma grotesco, que meu furor desapareceu de repente. Surgiu, então em mim a pergunta: “Mas afinal quem é você para reagir como se fosse sabe lá o diabo, quem. E é claro que é o outro que está com a razão. Você é um colegial de doze anos, ao passo que o outro é um pai de família, um homem rico e poderoso que possui duas casas e vários cavalos magníficos” (Jung, 1997, p. 43).

É claro que se está diante de uma recordação emocional de acontecimentos de outra encarnação, um notável exemplo do que afirmei a esse respeito.

Mas, não era a primeira vez que isto acontecia ao jovem Jung:

Tivera antes uma experiência estranha: certo dia, quando habitávamos em Klein-Hüningen, perto de Basileia, um fiacre verde, muito velho, passara diante da nossa casa vindo da Floresta Negra. Era uma caleça antiga, como as do século XVIII. Assim que a vi, um sentimento de exaltação se apoderou de mim: “Ah, hei-la! É do meu tempo!” – Tinha a impressão de reconhecê-la, era semelhante àquela que me transportaria! Depois, fui invadido por um sentimento *écoeurant*, como se eu tivesse sido roubado ou ludibriado no tocante ao meu amado outrora. O fiacre era um vestígio daquele tempo! É difícil descrever o que se passou comigo e o que me emocionou tão fortemente: uma espécie de nostalgia? Uma saudade? Uma reminiscência? “Era isso, era exatamente isso!” (Jung, 1997, p. 43).

Corroborando a idéias de pressões obsessivas internas (lembranças de existências passadas), no adolescente Jung, ele nos conta o seguinte episódio:

Houve ainda um outro incidente que me lembrou o século XVIII. Vira, em casa de uma tia, uma estatueta dessa época, que representava dois personagens em terracota pintada. Um deles era o velho Dr. Stuckelberger, personalidade famosa da cidade de Basileia. A outra figura representava uma de suas doentes, com os olhos e a língua de fora. Havia uma lenda a respeito disso. Contava-se que certo dia o velho Stuckelberger atravessava a ponte do Reno, quando viu aproximar-se essa doente que muitas vezes o irritara: ela se queixava como de costume. O velho médico disse então: “Sim, sim, minha senhora, há algo que não vai bem. Feche os olhos e mostre a língua!”. Foi o que ela fez, enquanto ele se afastava, deixando-a lá, com a língua de fora, sob a risada dos transeuntes.

Ora, a figura do velho doutor tinha sapatos de fivela que reconheci estranhamente como meus ou semelhantes aos meus. Estava convencido disso. “Usei esses sapatos”. Esta convicção me perturbava de um modo profundo. “Sim, eram realmente os meus sapatos!”. Eu os sentia ainda nos pés e não

podia compreender essa estranha sensação. Como poderia pertencer ao século XVIII? Acontecia-me às vezes, datando, escrever 1786 em lugar de 1886 e isto era sempre seguido de um sentimento de inexplicável nostalgia (Jung, 1997, pp. 43-44).

Que ele conhecia perfeitamente tudo o que dizia respeito ao conceito das múltiplas existências, não padece dúvidas, pois assim, se expressa, estabelecendo diferenças entre vidas sucessivas e ressurreição:

α) Metempsicose. Como podemos ver pelo exposto, o conceito de re-nascimento é multifacetado. Em primeiro lugar destaco a metempsicose, a transmigração da alma. Trata-se da idéia de uma vida que se estende no tempo, passando por vários corpos, ou da seqüência de uma vida inter-rompida por diversas reencarnações. O budismo especialmente centrado nessa doutrina – o próprio Buda vivenciou uma longa série de renascimentos – não tem certeza se a continuidade da personalidade é assegura-da ou não; em outras palavras, pode tratar-se apenas de uma continuidade do karma. Os discípulos perguntaram ao mestre, quando ele ainda era vivo, acerca desta questão, mas Buda nunca deu uma resposta definitiva sobre a existência ou não da continuidade da personalidade .

β) Reencarnação. A segunda forma é a reencarnação, que contém (eo ipso) o conceito de continuidade pessoal. Neste caso, a personalidade humana é considerada suscetível de continuidade e memória; ao reencarnar ou renascer temos, por assim dizer potencialmente, a condição de lembrar nos de novo das vidas anteriores, que nos pertenceram, possuindo a mesma forma do eu da vida presente. Na reencarnação trata-se em geral de um renascimento em corpos humanos.

γ) Ressurreição (ressurrectio). Uma terceira forma é a ressurreição, pensada como um ressurgir da existência humana, após a morte. Há aqui outro matiz, o da mutação, da transmutação, ou transformação do ser. Esta pode ser entendida no sentido essencial, isto é, o ser ressurrecto é um outro ser; ou a mutação não é essencial, no sentido de que somente as condições gerais mudaram como quando nos encontramos em

⁵⁴ (Jung, 1997, pp. 260-282).

outro lugar, ou em um corpo diferentemente constituído. Pode tratar-se de um corpo carnal, como na crença cristã de que o corpo ressurgirá. Em nível superior, este processo não é compreendido no sentido material grosseiro, mas se considera que a ressurreição dos mortos é um ressurgir do *corpus glorificationis*, do *subtle body* (corpo sutil), no estado de incorruptibilidade (Jung, 2000, pars. 200-202).

Hoje em dia a *terapia regressiva a vivências passadas* (chamada primeiramente de *terapia regressiva a vidas passadas*), tem demonstrado como situações neuróticas podem ser resultado de eventos carregados de afetividade de uma ou várias encarnações anteriores. O reviver emocional da situação traumática proporciona a cura dos sintomas, como as experiências de vários psicólogos e psiquiatras têm comprovado, por diversos países do mundo.

Jung, apesar dessas experiências, e naturalmente de outras de vários de seus pacientes, terminou afirmando não aceitar a idéia de várias existências: *Não acredito na reencarnação...* (Jung, 1997, p. 209). Nunca demonstrou perceber a flagrante contradição dessa descrença com sua teoria da *individuação* que, restrita a uma existência apenas, significa a incompletude evolutiva para a quase totalidade dos seres humanos, tanto assim que, em capítulo especial sobre a vida depois da morte⁵⁴, escreve: *Um mito muito divulgado sobre o além é constituído por idéias e representações a respeito da reencarnação* (Jung, 1997, p. 274).

Continua, demonstrando a diferença entre o pensamento hindu e ocidental sobre a existência e a reencarnação.

De acordo com as características espirituais do oriental, a sucessão de nascimento e morte é considerada como um desenrolar sem fim, como uma roda eterna que gira sempre sem objetivo. Vivemos, discernimos, morremos e recomeçamos do início. Foi somente com Buda que aparece a idéia de um objetivo: o de superar a existência terrestre (Jung, 1997, p. 274).

Vê Jung, claramente, que não se pode separar a reencarnação do conceito de carma, e mostra que o pensamento filosófico-religioso da Índia apresenta o *carma* de duas maneiras: *A questão decisiva é saber se o carma de um ser humano é ou não pessoal* (Jung, 1997, p. 275). O *carma recebido* seria impessoal, pois cada indivíduo o absorveria por ocasião do nascimento, enquanto o *carma pessoal* seria o resultado de ações e realizações de existências anteriores, impondo uma continuidade entre elas e a atual, a nível individual. Buda não teria resolvido o problema, recusando-se a instruir seus discípulos, dizendo que tal conhecimento não solucionaria o problema da libertação da dor.

Jung também não possui uma resposta para o problema:

Não sei responder se o carma que vivo é o resultado de minhas vidas passadas, ou uma aquisição de meus ancestrais, cuja herança se condensou em mim. Serei, por acaso, uma combinação de vidas ancestrais e será que reencarno de novo essas vidas? Terei vivido, antes, como personalidade determinada e terei progredido o suficiente nessa vida ulterior para poder agora esboçar uma solução? Eu o ignoro. Buda não respondeu a pergunta e posso supor que ele próprio não tinha certeza (Jung, 1997, p. 275).

O interessante é que ele tecia raciocínios sobre a possibilidade de já haver vivido em séculos passados, e de lhe ser necessário renascer, para completar a tarefa que lhe foi *imposta*, e que não conseguiu finalizar na que estava vivendo. Chegou a escrever que, ao morrer, seus atos o iriam seguir, levando consigo o que realizou, mas guardando a esperança de não morrer de mãos vazias: *Buda parece ter pensado assim quando procurava afastar seus discípulos de especulações inúteis* (Jung, 1997, p. 275)...

Jung chega a brincar com o que lhe dizia seu amigo, e notável sinólogo, Richard Wilhelm: *...será que Richard Wilhelm*

tinha razão quando dizia, brincando, que eu fora, numa vida anterior, um chinês rebelde que devia – a guisa de punição – descobrir na Europa sua alma oriental? (Jung, 1997, p. 276).

Mas, procurando uma resposta dentro do seu sistema psicológico e filosófico, Jung elabora que o que ele sentia, quer fosse resultado da vida de seus antepassados, ou um carma adquirido numa vida anterior:

poderia, do mesmo modo, ser perfeitamente um arquétipo impessoal que hoje mantém em suspenso o mundo inteiro e que particularmente me tomou por exemplo, o desenvolvimento secular da tríade divina e sua confrontação com o princípio feminino, ou a resposta, ainda por encontrar, a questão dos gnósticos sobre a origem do mal; em outros termos, o inacabado da imagem cristã de Deus (Jung, 1997, p. 276).

Naturalmente, sentindo a fragilidade da complicada hipótese:

Penso também numa outra possibilidade: através de um ato individual poderá surgir uma questão no mundo, cuja resposta ira constituir uma nova exigência. Por exemplo: as questões que levanto e as respostas que procuro dar a elas podem não ser satisfatórias. Nestas condições, alguém que tenha o meu carma – talvez eu mesmo – deverá então renascer para fornecer uma resposta mais completa. Por este motivo, poderei imaginar que não tornarei a nascer enquanto o mundo não sentir necessidade de uma nova resposta e, enquanto isso, terei alguns séculos de repouso, até que haja de novo necessidade de que alguém se interesse por esse gênero de coisas. Poderei então retomar de novo a tarefa, com proveito. Sinto que agora poderá ocorrer um período de calma, até que a obra realizada seja assimilada (Jung, 1997, p. 276).

De acordo com a conclusão de Jung, então seria este terceiro milênio, no seu início, o momento apropriado para seu retorno, a fim de dar continuidade aos seus estudos, pois o que se nota é uma demanda crescente de explicações e tera-

pias para diversos tipos de psicopatias que se alastram, como epidemia, por toda a humanidade. Os espíritos encarnam para cumprir missões importantes:

Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados? “Instruir os homens, ajudar ao seu progresso, melhorar as suas instituições por meios diretos e materiais; mas as missões são mais ou menos gerais e importantes: aquele que cultiva a terra cumpre uma missão, como o que governa ou o que instrui. Tudo se encadeia na natureza; ao mesmo tempo que o Espírito se depura pela encarnação, ele contribui, dessa forma, para o cumprimento dos desígnios da Providência. Cada um tem a sua missão na terra, pois cada um pode ser útil a alguma coisa (Kardec, 1971, 573).

Quem sabe se isto não está ocorrendo? Imaginemos, por um momento, o espírito que se chamou em sua última existência Carl Gustav Jung, renascendo com a missão de repensar toda a psicologia atual, com os recursos que a tecnologia e as descobertas no campo neurofisiológico, além de novas teoria no campo psicológico à sua disposição? Esperemos que isso não seja apenas uma fantasia esperançosa, mas um fato real, para o benefício de todos nós.

Em seu livro de memórias, Jung diz que os problemas do carma, reencarnação e metempsicose, permaneciam obscuros para ele. Respeitava a profissão de fé indiana na reencarnação e dizia que, percorrendo com os olhos seu campo de experiência, se perguntava se já teria acontecido algum fato que pudesse ser evocado para legitimar a reencarnação, deixando de lado, é claro, os testemunhos dos que nela acreditam, pois uma crença apenas comprova que existe um *fenômeno da crença*, nada mais. Pedia que houvesse uma revelação empírica do fato em si mesmo, para poder aceitá-lo como prova. Confessava que, apesar de muito procurar, nunca achara nada que o convencesse inteiramente. Faz, todavia, uma confissão interessante:

...recentemente observei em mim mesmo uma série de sonhos que, com toda a probabilidade, descrevem o processo da reencarnação de um morto de minhas relações. Era mesmo possível seguir, como uma probabilidade não totalmente negligenciável, certos aspectos dessa reencarnação até a realidade empírica. Mas como nunca mais tive ocasião de encontrar ou tomar conhecimento de algo semelhante, fiquei sem a menor possibilidade de estabelecer uma comparação. Minha observação é, pois, subjetiva e isolada. Quero somente mencionar sua existência, mas não o seu conteúdo. Devo confessar, no entanto, que a partir dessa experiência observo com maior boa vontade o problema da reencarnação sem, no entanto, defender com segurança uma opinião precisa (Jung, 1997, pp. 276-277).

Fico curioso por conhecer detalhes dessa reencarnação que Jung afirma ter acompanhado em sonhos. Será que, como Swedenborg acompanhou processos de morte, ele teria testemunhado detalhes do retorno à vida física desse *morto* de suas relações? Embora somente fosse possível a referência em caráter anedótico, teria sido esclarecedor poder compará-la com o que se sabe atualmente sobre os processos reencarnatórios.

Acredito, que o agnosticismo de Jung quanto à reencarnação é muita mais condescendência acadêmica do que real. Talvez sentisse, também, que ela entraria em choque com a teoria do *inconsciente coletivo*, que prognosticou como algo absoluto e hereditário com a morfologia cerebral. Houvesse conhecido os estudos do Dr. Ian Stevenson, certamente teria aceitado o conceito de múltiplas existências da alma sem maiores hesitações, pois fornecem o critério empírico necessário que exigia.

Além do mais Jung se debatia demais com a má vontade de psiquiatras e psicólogos, bem como com a hostilidade sistemática de freudianos e lacanianos, presos a concepções limitadas da sexualidade onipotente, para ampliar a pecha de *misticismo* e *ocultista* que lhe lançavam por todos os lados. Admitir a possibilidade da continuação da vida além da se-

pultura foi um esforço que fez às vésperas da morte, um ato de coragem, que não pôde completar com a admissão do conceito de palingenesia. Seria pedir demais, face à imensa contribuição que deu à psicoterapia atual e futura.

Felizmente, atuais junguianos suprimiram essa deficiência, como Roger Woolger⁵⁵ (Woolger, 1987), por exemplo, assumindo a *terapia regressiva a vivências passadas*, como método terapêutico e comprovada eficiência, em casos específicos. Falta agora se fazer um estudo sério sobre a inter-relação entre o conceito de *inconsciente coletivo* e a realidade das múltiplas encarnações, que indica experiências pessoais, inconscientes e conscientes, através de todo o processo evolutivo do ser. É certo que o Espírito vive experiências coletivas até um certo momento do seu desenvolvimento progressivo, mas a mim me parece, que dos répteis em diante já se estrutura uma individualidade – ainda inconsciente, que caminha a passos largos em direção à formação da consciência nos animais superiores, com difusas experiências egóica, que se vão concretizar no *ego* humano, construído a cada existência com sua personalidade específica.

Outros pontos ainda existem a se discutir, no campo das formulações teóricas quanto à estrutura do psiquismo, como é o caso do *arquétipo da totalidade*, que considero como uma manifestação no inconsciente profundo do *princípio inteligente* (Kardec, 1971, 23) com seus atributos de origem.

⁵⁵ Woolger, quando começou experiências com a TRVP, era psicólogo junguiano.

O Inconsciente e a Imortalidade da Alma

*N*os estudos de Jung encontramos uma dualidade interessante: por um lado, a imortalidade da alma é um conceito com o qual ele achou necessário lidar, por causa dos inúmeros fatos e sonhos que analisou, ou que aconteceram consigo mesmo. Para mim, sua teoria da individuação requer esse princípio. Em sendo verdade – como acredito – que a psiquê possui um impulso básico para se desenvolver plenamente, é também real que mais de noventa por cento da humanidade nunca alcançou, nem alcançará, a completude psicológica numa existência. Pior ainda, este número, ou um pouco menos, nasce, cresce, vive e morre dentro de meros automatismos bio-psicológicos, sem sequer desconfiar da possibilidade de se desenvolver psiquicamente, em qualquer sentido, e nem possui meios econômicos ou intelectuais para tanto. Sem falar dos diversos problemas ao nível do sistema nervoso deficiente que impede uma boa parte da população mundial de ter, inclusive, consciência plena da própria existência.

Por outro lado suas experiências paranormais, as de sua família e de seus pacientes eram corroboradoras das teses imortalistas que as experiências espíritas e metapsíquicas co-

locavam em evidência. Por mais que resistisse, não era possível para uma mentalidade honesta como a dele, manter uma dúvida permanente sobre a continuidade da consciência após a morte.

Mas, um problema de ordem prática se colocava diante dele: sua carreira e credibilidade como cientista e pesquisador psicológico. Com audácia, Jung apresentava teses que contrariavam a postura reducionista dos seus pares, combatendo claramente o materialismo, quer na versão sensualista e grosseira, quer na versão *light* do materialismo histórico. Sua teoria do inconsciente encontrava forte oposição entre os psicólogos tradicionais, e inclusive dos psicanalistas – Freud à testa –, que preferiam manter dogmas a abrir seus conceitos para uma visão mais ampla da psiquê humana. Ora, a Psicanálise mantinha-se, como se mantém, ferrenhamente ligada ao materialismo do seu iniciador, evitando atritos, neste campo, com a *inteligentzia* dominante. Esses fatores, talvez, fossem motivadores do agnosticismo que cultivou face à imortalidade da alma, o qual parece derruir, definitivamente, quando na iminência de sua própria morte. A mim me parece que o agnosticismo de Jung era muito mais de fachada, do que real por toda a sua existência. Mas um outro fator também agia sobre ele, nesta questão: seu sistema teórico.

Na Psicologia Complexa, o inconsciente tem papel preponderante, não apenas como um subproduto da atividade consciente, mas como realidade fundamental do próprio ser. Jung faz do inconsciente uma estrutura psíquica em processo evolutivo. Neste ponto ele está de acordo com os filósofos metafísicos pós-kantianos, os quais defendiam a existência de um fator em desenvolvimento no bojo da própria natureza, o qual atinge o ápice no ser humano, quando provoca o aparecimento da consciência, como que numa ação de autodescobrimento. Como diria Hegel, um dos filósofos da corrente citada, a matéria se torna consciente no ser humano, por cau-

sa da idéia intrínseca à Natureza – senão a própria –, que busca se compreender num processo evolutivo ininterrupto e teleológico.

Para Jung, o processo evolutivo embutido na Natureza é o inconsciente, no seu aspecto de *psiquê objetiva* ou inconsciente coletivo, enquanto a consciência é um derivado dele, por isso ele assim a define: *A consciência é uma aquisição muito recente da natureza e ainda está num estágio “experimental”. É frágil, sujeita a ameaças de perigos específicos e facilmente danificável* (Jung, 1998b, p. 24). A consciência é, repito, um produto do inconsciente.

Analisemos, rapidamente, o significado e a estrutura do inconsciente na visão de Jung: quando nos esquecemos de uma palavra ou do nome de um conhecido que queremos apresentar a alguém, não se trata apenas de um fenômeno de esquecimento, mas o nosso pensamento tornou-se, naquele instante, inconsciente ou separado do consciente.

Quando alguma coisa escapa da nossa consciência esta coisa não deixa de existir, do mesmo modo que um automóvel que desaparece na esquina não se desfez no ar. Apenas o perdemos de vista. Assim como podemos, mais tarde, ver novamente o carro, assim também reencontramos pensamentos temporariamente perdidos (Jung, 1998b, p. 32).

Sobre o inconsciente, diz Jung:

Eu defino o inconsciente como a totalidade de todos os fenômenos psíquicos em que falta a qualidade da consciência. Podemos classificar adequadamente os conteúdos psíquicos como subliminares, na suposição de que todo conteúdo deve possuir um certo valor energético que o capacita a se tornar consciente. Quanto mais baixo é o valor de um conteúdo consciente, tanto mais facilmente ele desaparece sob o limiar. Daqui se segue que o Inconsciente é o receptáculo de todas as lembranças perdidas e de todos aqueles conteúdos que ainda são muito débeis para se tornarem conscientes. Estes conteú-

dos são produzidos pela atividade associativa inconsciente que dá origem também aos sonhos. Além desses conteúdos, devemos considerar também todas aquelas repressões mais ou menos intencionais de pensamentos e impressões incômodas. À soma de todos estes conteúdos dou o nome de inconsciente pessoal (Jung, 1984, par. 270).

O inconsciente pessoal tem, pois, a mesma função atribuída pela Psicanálise ao inconsciente, mas a semelhança é muito superficial, a começar pelo problema da perda de energia dos conteúdos mentais, que os transformariam em conteúdos inconscientes. Para Jung essa energia era a energia total do campo psicológico, que permaneceria sempre a mesma em seu conjunto; permanente e indestrutível, e que transitaria de um fenômeno psíquico a outro. Essa energia, ou *libido*, não era uma energia apenas sexual, como na Psicanálise, mas a energia sexual seria uma de suas manifestações. A retirada ou diminuição da libido que energizasse um conteúdo, o faria tornar-se inconsciente em maior ou menor grau.

Um outro conjunto de conteúdos inconscientes existe, além dos citados e que formam o inconsciente pessoal. É constituído pelas

qualidades que não foram adquiridas individualmente mas são herdadas, ou seja, os instintos enquanto impulsos destinados a produzir ações que resultam de uma necessidade interior, sem uma motivação consciente. Devemos incluir também as formas a priori, inatas, de intuição, quais sejam os arquétipos da percepção e da apreensão que são determinantes necessárias e a priori de todos os processos psíquicos. Da mesma maneira como os instintos impelem o homem a adotar uma forma de existência especificamente humana, assim também os arquétipos forçam a intuição e percepção a assumirem determinados padrões especificamente humanos. Os instintos e os arquétipos formam conjuntamente o inconsciente coletivo (Jung, 1984, par. 270).

Como se pode concluir, o inconsciente coletivo é um estrato psíquico comum a todos os seres, cuja existência os

instintos comprovam. Freud também chegou a uma concepção de inconsciente coletivo, ao reconhecer o conceito *d'Isso*, elaborado por Georg Groddeck (1866-1934) – e que ele ressignificou como *Id* –, sem a amplitude e implicações que Jung lhe atribuiu.

O arquétipo, à semelhança do instinto no campo biológico, é um fator que determina o modo de apreensão, estabelecendo a uniformidade e a regularidade de nossas percepções⁵⁶. Essas *imagens primordiais* estruturam e coordenam nossa vida psíquica, através de impulsos altamente precisos, que coordenam inclusive a atividade vital. Os arquétipos atuam na vida, dentre outros meios, através da *intuição*⁵⁷ que é uma *apreensão teleológica de uma situação... extremamente complicada* (Jung, 1984, par. 269).

Jung desenvolveu seu conceito de inconsciente, estabelecendo métodos psicológicos de verificação e comprovação de suas afirmações, embora, como ele reconhece, seja extremamente difícil de fazê-lo, senão impossível; à semelhança do estudo das partículas subatômicas, somente se pode trabalhar com evidências indiretas, e não com provas propriamente ditas. Ao criar o conceito de *sincronicidade* chegou a colocar o próprio universo como tendo uma essência estruturalmente similar ao inconsciente, senão como sendo uma projeção do *inconsciente coletivo*, onde nós existiríamos enquanto individualidades, mas interligadas nesse nível profundo. Essa visão se aproxima do conceito monista do pensamento hindu, o qual entende que tudo o que existe é uma só coisa em essência, donde afirmar que: *tudo é um*. Radicalmente, toda a criação seria uma manifestação do *incognoscível*, que a ilusão (Maya) induz a ser percebida como formada de diferentes seres

⁵⁶ Sobre o assunto, ver Jung, 1984, 277 e Ss..

⁵⁷ Deve-se entender a intuição, aqui colocada por Jung, no sentido do sistema filosófico de Bérghson

e coisas. Cabe salientar que existem físicos nucleares que postulam a existência de um substrato último da matéria onde *tudo é um*, isto é, um campo unificador de todos os fenômenos universais.

O conceito de inconsciente de Jung, quando levado às últimas conseqüências, propõe a existência de um *avesso psíquico* da natureza, uma extensão dos inconscientes individuais, ou talvez sejam os inconscientes pessoais individualizações de um *inconsciente primário e universal*. A abordagem que ele faz do *inconsciente coletivo* como uma estrutura que interliga os seres entre si pode, e no meu entender deve, ser entendida como a base de um processo evolutivo, que culmina na autoconsciência. Nesse caso, a individualidade seria o fruto do processo evolucionário de um *inconsciente em si*, que gradualmente se transgradualiza da pura inconsciência para a consciência, tendo o inconsciente pessoal como uma etapa intermediária; ou seja, o *inconsciente coletivo* gera o *inconsciente pessoal* e a seguir a *consciência*. Nesse caso, poderíamos entender a individualidade como resultado natural do processo, mantendo-se, todavia, a ligação fundamental entre os indivíduos pelo *psiquismo objetivo*. Seria o contrário da conclusão da *Saga da Fundação*, do genial Isaac Asimov, onde a individualidade se conclui na interligação das psiquês particulares.

Dessa forma, a *imortalidade da alma* seria um dado *a priori*, resultante da própria noção de um *inconsciente preexistente* que, no fundo, seria uma espécie de *princípio psíquico primitivo*, que progressivamente se individualiza até a aquisição da consciência.

Essa interpretação tem sua base nos conceitos hinduísticos sobre a criação como uma manifestação do incognoscível, tirando-se as concepções particulares – como a budista – que faz essa visão *panteística* resolver-se na dissolução final, uma espécie de *eterno retorno*, desde que a criação seria infinitamente recorrente.

Analisando a maneira como nosso psiquismo lida com a morte Jung se espanta com

o pouco caso que a psique inconsciente fazia da morte ... parece que o inconsciente se interessa tanto mais com saber como se morre, ou seja, se a atitude da consciência está em conformidade ou não com o processo de morrer (Jung, 1984, par. 809).

Finalmente, acede que não existe segurança que a morte interrompa o processo psíquico, pois os fatos parapsicológicos sugerem uma independência entre a mente e o corpo. Ainda mais, as experiências telepáticas indicam que a psique pode, em certos casos, romper as barreiras espaciais e temporais. Ora, como o corpo está submetido às leis do espaço e do tempo, logo a psiquê poderia dele ser independente. A conclusão de Jung é digna de um cientista consciencioso, com real amor à verdade.

Além de Jung, quem percebeu o processo da mesma maneira foi Gustave Geley, sobre cuja abordagem aquele escreveu:

Sobre o ponto de vista de Geley – que, aliás, é muito importante, suposto que o material em que se baseia seja absolutamente confiável – não escrevi nada. Se os resultados parapsicológicos forem o que agora parecem ser, então a ciência natural deve discutir seriamente os pontos de vista de Geley... Sob esse aspecto (o psicológico⁵⁸) devo observar que Geley não é psicólogo e não tem nenhuma experiência com a psicologia do inconsciente... O livro de Geley não me ensinou nada de novo sobre o meu campo de interesse específico, pois não trata dele (Jung, 1999, p. 115).

Geley, partindo de suas experiências com *ectoplasma* onde observou o comportamento do *ectoplasma*, sua sensibilidade à luz e seus movimentos de autopreservação, concluiu

⁵⁸ Inserção aclarativa.

pela *unidade da substância orgânica*, a qual se diversificaria em diversas formações organofórmicas. Era como se acontecesse uma espécie de *histólise* polimórfica e casuística, que tinha uma base comum:

Tudo ocorre em biologia, como se o ser físico estivesse essencialmente constituído por uma substância primordial única, da qual as formações orgânicas não são senão simples representações⁵⁹ (Geley, 1947, pp. 100-101).

Dessa conclusão, e partindo das experiências mencionadas, extrai Geley a conseqüência de que existe um *dinamismo superior, organizador, centralizador e diretor* da vida (Geley, 1947, p. 101). É claro que tal princípio obedece a um plano determinado:

o dinamismo diretor, obedece ele mesmo a uma idéia diretriz. Esta idéia diretriz se acha em todas as construções biológicas, seja que se trate da constituição normal de um organismo, seja se trate de uma materialização anormal mais ou menos complexa. A idéia diretriz revela sempre um objeto bem definido... Como nem sempre os resultados são perfeitos, mas apresenta incongruências e formas inconsistentes, que são eliminadas pelo processo evolutivo, como se fossem aplicações de tentativa e erro: Em outros termos: a matéria, a substância única, se resolve, em última análise, em um dinamismo superior que a condiciona, e este dinamismo, por sua vez, está sob a dependência da Idéia (Geley, 1947, pp. 102-103).

Depois de várias ilações sobre a conexão consciente-inconsciente, onde analisa as concepções psicológicas vigentes no princípio do século XX, chega à conclusão – a partir dos diversos *fenômenos paranormais* que a consciência é formada pelo inconsciente, para atender alguma idéia diretriz que assim procura se completar. Inclusive explica que: *O sub-*

⁵⁹ Tradução minha da edição Argentina.

*consciente*⁶⁰ nos parece ser a essência mesma da psicologia individual... Ao lado do subconsciente, o consciente não aparece senão como um psiquismo restringido, limitado e truncado (Geley, 1947, p. 174). Note-se como existe aqui identidade entre os estudiosos dos *fenômenos do espiritismo* e o criador da Psicologia Complexa.

Uma conclusão interessante de Geley é que:

A psicologia subconsciente domina a vida animal como domina a vida humana, e a consciência não aparece senão como uma aquisição que se realiza paralelamente a esta evolução e proporcionalmente ao nível por ela alcançado. Não existe, pois, diferença de natureza entre o animal e o homem: ambos estão regidos, sob o ponto de vista psíquico, pelo Inconsciente. Não existe entre eles senão uma diferença de grau, marcada pelo grau de realização da consciência (Geley, 1947, p. 241).

Finalmente, Geley sintetiza sua teoria da evolução do *dinamopsiquismo* como uma passagem do inconsciente para o consciente:

pode-se admitir que a individualização começa por tudo onde aparece, no inconsciente primitivo, um rudimento de consciência. Este rudimento de consciência é, no princípio, ínfimo, inapreciável. Existe, sem embargo, já, sem nenhuma dúvida, desde que se manifesta no Universo um esboço de organização... Seja como for, desde o momento em que esse rudimento de consciência é adquirido, persiste indelével e já, desde então, crescendo sem cessar ao infinito (Geley, 1947, p. 304). Tudo terminaria na vitória do ser consciente, pois: O Ser subconsciente haverá desaparecido: não ficará mais do que o Ser consciente. Sua essência metafísica permanecerá a mesma, porém haverá adquirido o próprio conhecimento e o conhecimento do todo (Geley, 1947, p. 306).

⁶⁰ Aqui sinônimo de inconsciente.

Note-se, *mutatis mutandis*, a semelhança com o conceito junguiano de individuação. É interessante acrescentar que, dentre outros, Geley estriba sua teoria nos fatos mediúnicos no campo experimental, no campo científico nos estudos dos biólogos e físicos de sua época e, na área filosófica em Schopenhauer, Bérqson e von Hartmann, principalmente.

Além de tudo, veremos que, essencialmente, os conceitos aqui analisados, tanto de Jung quanto de Geley, encontram respaldo nos trabalhos de Allan Kardec. Neles, aparece o mesmo conceito de evolução do Ser de um princípio informe até a individualidade consciente como um processo gradual e inexorável, aplicação de um uma *idéia diretriz*, embutida na *essência original*, denominada de *princípio inteligente*, o qual seria derivado de um *elemento inteligente universal*, do qual emergiria a inteligência, tanto do homem quanto dos animais (Kardec, 1971, 606). Daí, poder-se-á concluir que a inteligência está na base de tudo o que existe. Seria apenas uma questão de palavras e metodologia analisarmos o *monismo espírita* de acordo com os conceitos de inconsciente coletivo, inconsciente pessoal e consciente, para verificarmos os pontos de contato entre ambos.

Enfim, a evolução de um princípio simples para um complexo nos remete de volta ao conceito de anterioridade e sobrevivência desse princípio, estruturador e organizador das formas. Dando a esse princípio o nome de *espírito*, poderemos dizer que ele progride de uma condição inconsciente para a consciente, numa escalada evolutiva que não deve ser meramente devida a uma sedimentação de experiências, mas de *atualização de potencialidades*, no cumprimento de metas estabelecidas por uma *idéia diretora*, cujas origens e finalidades nos escapam, ainda. O *princípio inteligente* ou *dínamopsiquismo*, já possui em si os elementos de seu aprimoramento, os quais estão em forma potencial, virtual, requerendo condições restritivas e estimulantes para se atuali-

zarem, se tornarem reais. Afinal, como postula a filosofia parmeniana, do nada, nada pode ser retirado, pela simples definição inerente ao próprio conceito de nada como oposto ao tudo ou, em outras palavras, pela oposição entre *ser e não-ser*. Não podemos esquecer que: *o ser é, o não-ser não é*. Ainda de acordo com essas premissas, tudo acontece numa recorrência entre duas dimensões básicas: a espiritual e a material, sendo ambas aspectos de uma mesma realidade, pois

é assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até arcanjo que, ele próprio, começou pelo átomo; admirável lei de harmonia, da qual vosso espírito limitado não pode ainda abarcar o conjunto (Kardec, 1971, 540).

Realmente, temos de um lado um aspecto inconsciente da natureza, que o seu aspecto consciente, ainda bastante insipiente, tenta apreender e compreender. Assim, o conceito junguiano de inconsciente não só requer, como impõe a *imortalidade da alma* como realidade natural, pois a progressão que o leva até a consciência – axioma da Psicologia Analítica – implica na permanência do psiquismo como *imperativo categórico*, para se concretizar. Vale ler o que diz sobre o assunto uma brilhante aluna de Jung:

Como Jung enfatizou, a psique inconsciente não presta muita atenção ao término abrupto da vida do corpo e se comporta como se a vida psíquica do indivíduo, isto é, o processo de individuação, simplesmente continuasse (Franz, 1999, p. 11).

Mais ainda, mesmo admitindo que, em geral, as comunicações mediúnicas eram objetivações de complexos, Jung costumava interpretar o aparecimento de pessoas mortas, em determinados sonhos, de forma objetiva, ou seja como sendo os próprios defuntos, e não conteúdos inconscientes.

Sobre interpretações objetivas de intervenção de espíritos nos sonhos, escreve Marie-Luise von Franz:

Eu própria tive alguns sonhos (com pessoas falecidas), que Jung interpretou dessa forma (como sendo os próprios falecidos) *o que na época muito me surpreendia* (Franz, 1999, p. 17).

A aluna informa que seu mestre nunca lhe deu qualquer explicação para fazer tais interpretações objetivas, e conta um fato interessante: uma colega lhe pediu para analisar uma série de sonhos de uma sua paciente, a qual havia perdido o noivo num acidente de aviação. Ela sonha todas as noites com ele. As duas analistas interpretavam psicologicamente como sendo uma projeção do *animus* sobre o noivo, convidando-a a prosseguir com sua existência, aceitando o fato irreparável. Mas von Franz informa que havia seis sonhos que ela não conseguia interpretar nessa linha, e sugeriu, para indignação da colega, que neles era o próprio defunto que aparecia. A colega, então,

marcou uma consulta com Jung e apresentou a ele a série de sonhos. Sem hesitar, e sem saber o que eu havia dito, Jung separou os mesmos seis sonhos e os interpretou no nível objetivo (Franz, 1999, p. 17).

Ou seja, como sendo uma manifestação do espírito do noivo da moça.

Assim, na Psicologia Analítica, algumas vezes os mortos que aparecem nos sonhos podem ser analisados como sendo uma comunicação deles.

Parece-me que se pode “sentir” se a figura de uma pessoa já falecida, num sonho está sendo usada como símbolo de alguma realidade interior ou se “realmente” representa o morto... se a interpretação no plano subjetivo faz pouco ou nenhum sentido, ainda que o sonho tenha um efeito numinoso especialmente forte, então se deve tentar uma interpretação no nível objetivo (Franz, 1999, pp. 17-18).

A teoria junguiana do *inconsciente* não contradiz os ensinamentos do Espiritismo, de forma alguma. Comunicações espirituais admitem que eventos afetivos de existências passadas podem emergir das profundezas da mente mediúnica, onde estão reprimidos, e se projetarem como entidades autônomas, expressando-se através da psicofonia do médium⁶¹. Igualmente, é possível acontecerem comunicações fruto de leituras ou vivências do sensitivo, que se exteriorizam através da escrita automática ou de alucinações visuais. Mas, sem dúvida, existem fenômenos onde a autenticidade da personalidade comunicante se apresenta de forma clara e independente da psiquê do médium ou dos participantes da reunião. Observe-se que Jung sempre aborda os fenômenos mediúnicos que se enquadram na categoria estabelecida por Allan Kardec, dos *efeitos inteligentes*, ou seja, que acontecem através do psiquismo mediúnico. Nunca aborda os fenômenos de *efeitos físicos*, que são objetivos, e onde se pode verificar melhor, a independência dos espíritos comunicantes. Estes não se enquadram em sua *categorias a priori*, da *projeção dos complexos autônomos do inconsciente*, quer pessoal quer coletivo.

Mas, é sempre bom levar em consideração que no domínio dos fenômenos paranormais não se pode confiar cegamente que tudo seja produto dos espíritos dos mortos. Isto é mera credulidade, e não se coaduna com os requisitos estabelecidos por Allan Kardec, para se comprovar, ou pelo menos se estabelecer um elevado grau de evidência, de que uma comunicação tenha sido transmitida mesmo por uma psiquê desligada do corpo físico pelo fenômeno da morte.

⁶¹ Ver o capítulo sobre animismo, na obra “Nos domínios da mediunidade”, ditada pelo espírito André Luiz, e psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Conclusão

A vida de Jung oferece um cem número de elementos de estudo e meditação. Autor de uma vasta e erudita obra, ele revolucionou os estudos psicológicos, superando o reducionismo que ainda teima a imperar nesse campo de estudo. Mentalidade científica aplicou o método experimental com rigor em suas pesquisas, embora permanecesse sempre aberto ao novo, ao inesperado, ao incomum, sem temer avaliá-lo e aceitá-lo quando respondesse a critérios de lógica e comprovação.

Sabendo que a Psicologia não pode ser tratada como uma ciência exata, tratou o psiquismo com necessárias e devidas concessões, adaptando o método científico às suas peculiaridades. Desde sua juventude se interessou – conforme abordei ao longo deste livro – pelos fenômenos paranormais e mediúnicos. Posso afirmar que suas teorias tiveram como base as observações de cerca de dois anos que fez no círculo mediúnico formado por familiares seus. Aliás, sua tese de doutorado é a prova disso. Ali, segundo ele próprio, teve gênese sua concepção de inconsciente, pelo menos no que diz respeito á sua existência, e não da sua estrutura.

Seu interesse pelos fenômenos paranormais o acompanhou por toda a existência, e deles não fugiu. O Dr. Rhine, cujos estudos e conclusões Jung aceitou, utilizou e sempre fez elogiosas referências, escreveu sobre ele o seguinte:

“One of the reasons for my sincere admiration of Dr. Jung came from his forthright devotion to the findings of parapsychology with which he came into experience long ago before I began to give attention to them at Duke. When the experimental studies helped to bring the findings into a firm status he made no bones about taking the consequences seriously. Not many people in science are so straightforward in their intellectual life; they waiting for someone else to stand in the front lines”⁶² (Jung, 1999, p. 195).

E não poderia ser diferente, pois o problema da sobrevivência da alma após a morte do corpo, tem sido o grande desafio enfrentado por filósofos e cientistas ao longo da história humana. Jung não logrou resolvê-lo, mas o estudou metódica e corajosamente, sem se deixar amedrontar pelo julgamento negativo dos acadêmicos de plantão, engeguecidos pelos seu preconceitos.

Apesar do seu rigor científico, Jung respeitava as crenças individuais, chegando mesmo a uma simplicidade cativante. É assim que escreve em carta a Christiana Morgan:

Descobri que leva três, quatro ou mais meses até que os elfos e outros pequenos seres imateriais se tenham aclamado quando foi construída uma casa em seu território antes nunca disputado (Jung, 1999, p. 86).

Além de seu vasto conhecimento sobre as crenças humanas passadas e presentes, a sentença demonstra o seu respeito pela fé de seus amigos, por mais infantis que parecessem. Do mesmo modo, podemos avaliar a qualidade dos seus sentimentos, pelo seguinte episódio, por ele descrito em carta:

⁶² “Uma das razões para minha sincera admiração pelo Dr. Jung vem de sua sincera devoção às descobertas da parapsicologia, com as quais ele teve experiência muito antes que eu começasse a lhes dar atenção, em Duke. Quando os estudos experimentais ajudaram a dar às descobertas sobre um status firme, ele não se fez de rogado para lhes tomar as conseqüências, seriamente. Não são muitas as pessoas, em ciência, que têm tal honestidade em suas vidas intelectuais; esperam sempre que alguém poste-se na dianteira, nas linhas de frente”.

Na noite de São Silvestre realizei o rito a que o senhor certamente o havia acostumado: fiz um pacote com uma rica porção de costeletas de carneiro e entreguei-lhe como recordação sua. Falei em inglês com ele para evocar recordações felizes da infância (Jung, 1999, p. 96).

Ele se referia a um cão de nome *Joggi*, que Charles R. Aldrich lhe dera de presente. O que chega a comover foi a forma como tratou o cão: com muito carinho e respeito pelos seus sentimentos. Isso o caracteriza como um sábio, na mais lídima expressão do termo.

Quanto ao problema da persistência da alma humana, muitos desejariam que Jung confessasse abertamente sua crença, criticando-o por não havê-lo feito. Esquecem-se que um cientista trabalha com fatos incontestáveis, e não com fé. Mas, apesar de seu aparente agnosticismo, pode-se ler nas entrelinhas de sua vasta obra que o homem Jung, diferentemente do cientista, tinha tanta certeza da continuidade da existência além da sepultura, quanto da existência de Deus.

Fontes Bibliográficas

Andrade, Hernani Guimarães.

_____ 1996, Poltergeist, Editora Pensamento.

Argollo, Djalma

_____ 1994, Possibilidades Evolutivas. Editora Mnêmio Túlio.

_____ 1999, As Faculdades Espirituais do Ser, Editora Martin Claret.

_____ 2000, A trajetória Evolutiva do Ser, Editora Martin Claret.

Bozzano, Ernesto

_____ 1971, “O Espiritismo e as Manifestações Supranormais” (Breve História dos Raps), Casa Editora o Clarim.

_____ 1997, Povos Primitivos e Manifestações Supranormais, Editora Jornalística FE.

_____ 1998, Os Animais Têm Alma?, Publicações Lachâtre Editora Ltda.

Byron, Julie

_____ 1998, Impressionantes Experiências Mediúnicas de Pessoas Famosas, Record: Nova Era.

Cunha, Antonio Geraldo da

_____ 1983, Vocabulário Ortográfico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, Editora Nova Fronteira.

Ehrenwald, Jan

_____ 1961, Telepatía y Relaciones Interpersonales. Editorial Paidós. Buenos Aires, Argentina.

Franz, Marie-Louise von

_____ 1997, C. G. Jung: seu mito em nossa época, Editora Cultrix.

_____ 1999, Os sonhos e a morte, Editora Cultrix.

Freud, Sigmund

_____ 1976, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago Editora Ltda.

Geley, Gustav

_____ 1947, Del Inconsciente al Consciente, Imprenta Constancia.

Jaffé, Aniela

_____ 1995, Ensaio Sobre a Psicologia de C. G. Jung, Editora Cultrix.

Jung, Carl Gustav

_____ 1991, Tipos Psicológicos, Obras Completas de C. G. Jung, Vol. VI, Editora Vozes..

_____ 1984, A Dinâmica do Inconsciente, Obras Completas de C. G. Jung, Vol. VIII, Editora Vozes.

_____ 1993, Psicologia em Transição, Obras Completas de C. G. Jung, Vol. X, Editora Vozes.

_____ 1994, Estudos Psiquiátricos, Obras Completas de C. G. Jung, Vol I, Editora Vozes.

_____ 1997, Memórias, Sonhos, Reflexões, Editora Nova Fronteira, 19ª impressão.

_____ 1998, A Vida Simbólica, Obras Completas de C. G. Jung, Vol XVIII/1, Editora Vozes.

_____ 1998a, A Vida Simbólica, Obras Completas de C. G. Jung, Vol XVIII/2, Editora Vozes.

_____ 1998b, O Homem e seus Símbolos, Editora Nova Fronteira.

_____ 1999, Cartas de C. G. Jung, Volume I – 1906-1945 – Editora Vozes.

_____ 2000, Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, Editora Vozes.

_____ 2002, Cartas de C. G. Jung, Volume II – 1946-1955 – Editora Vozes.

_____ 2003, Cartas de C. G. Jung, Volume III – 1956-1961 – Editora Vozes.

Kardec, Allan

_____ 1971, Le Livre des Esprits, Éditions Leymarie.

_____ 1972, Le Livre des Médiums, Éditions Leymarie.

McLynn, Frank

_____ 1998, Carl Gustav Jung, uma biografia, Editora Record.

Moody Jr, Dr. Raymond

_____ 1979, Vida Depois da Vida, 12ª edição, Editorial Nórdica Ltda.

_____ 1980, Reflexões sobre A Vida Depois da Vida, Editorial Nórdica Ltda.

Richet, Charles

_____ 1976, A Grande Esperança, 2ª edição, Lake – Livraria Allan Kardec Editora.

Wantuil, Zeus

_____ 1958, As Mesas Girantes e o Espiritismo, Federação Espírita Brasileira.

Wilson, Colin

_____ 1985, Carl Gustav Jung; Le Seignuer de l'Inconscient, tradução francesa, Éditions du Rocher.

Woolger, Roger

_____ 1997, As Várias Vidas da Alma, Editora Cultrix.

Xavier, Francisco Cândido (médium). Luiz, André (Espírito).

_____ 1985, Missionários da Luz, FEB, 19ª edição.

Young-Eisendrath, Polly e Dawson, Terence

_____ 2002, Manual de Cambridge para Estudos Junguianos, Artmed Editora.